

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOÊNIA RICARTE FERRARO

**Indústria Cultural e Educação: O Youtube como espaço de
manifestação e mediação das tensões na escola**

São Carlos
2012

JOÊNIA RICARTE FERRARO

**Indústria Cultural e Educação: O Youtube como espaço de
manifestação e mediação das tensões na escola**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
São Carlos – UFSCar para obtenção do título de
Mestre em Educação do Curso de Pós Graduação
Stricto Sensu. (Área de Concentração: Educação,
Cultura e Subjetividade)

Orientador: Prof. Dr. Antonio Álvaro S. Zuin

São Carlos

2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

F376ic Ferraro, Joênia Ricarte.
Indústria cultural e educação : o youtube como espaço de
manifestação e mediação das tensões na escola / Joênia
Ricarte Ferraro. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
130 f.
Acompanha Anexo em CD-ROM.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2012.

1. Educação. 2. Indústria cultural. 3. Redes de relações
sociais. 4. Semiformação. I. Título.

CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Álvaro Soares Zuin

Prof^a. Dr^a. Paula Ramos de Oliveira

Prof. Dr. Luiz Roberto Gomes

Antônio A.S. Zuin

PR Oliveira

L. R. G.

Dedico o presente trabalho...

... a meu companheiro de jornada, Luiz, presente em todos os momentos, e aos nossos filhos Luiz, Gabriela e Juliana, genros, noras e aos netos: Enzo, Luigi, Helena e Marina.

Meus agradecimentos a:

Luiz, companheiro de todas as horas, pelo apoio incondicional em todas as etapas do trabalho, pela troca de ideias, sugestões, críticas, pelo carinho e pela família que juntos construímos que é, para mim, razão de vida e de busca de realizações.

Aos meus pais pelo incentivo constante à valorização do amor, da beleza e do conhecimento. Por terem dado a mim, a vida e, a ela, colorido, poesia e música.

Ao Toni, que me orientou passo a passo durante essa empreitada, com sua natural calma, sua leveza e alegria.

A todos os professores que, durante a fase de acumulação dos créditos, transmitiram seus conhecimentos, colaborando dessa forma para a abertura de horizontes, demolindo as certezas, lançando dúvidas e me levando à reflexão sobre temas, muitas vezes, novos para mim.

A todo o quadro administrativo da UFSCar, sempre solícito e pronto a sanar minhas dúvidas.

Aos componentes da banca, professores Belarmino Cesar e Luiz Roberto, pela disposição, pela leitura atenta e orientações imprescindíveis, por ocasião da qualificação. À professora Paula Ramos pela participação na etapa final.

À Loreta que, com sua energia e disposição manteve (e continua mantendo) a casa em perfeito funcionamento, o que facilitou grandemente a realização do meu trabalho.

A todos os acima citados e a todos os que não nomeei para não correr o risco de alguma injustiça por omissão, minha mais profunda e sincera gratidão.

L'inconscio è il mare del non dicibile, dell'espulso fuori dai confini del linguaggio, del rimosso in seguito ad antiche proibizioni. (Italo Calvino, *Cibernetica e fantasmi*, in *Saggi*)¹

¹ O inconsciente é o mar do indescritível, do que foi expulso das fronteiras da linguagem, removido como resultado de antigas proibições.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. INDÚSTRIA CULTURAL	18
1.1 Origens, conceito e efeitos.....	18
1.2 Uma nova sensação	38
1.3 Semiformação e semicultura	43
1.4 O papel da educação	46
1.5 A Internet – breve histórico	59
2. A INDÚSTRIA CULTURAL COMO MATRIZ E PRODUTO DAS REDES SOCIAIS E DO YOUTUBE	66
2.1 Das ondas radiofônicas à onda das redes sociais.....	66
2.2 O viver virtual e o arrefecimento da crítica	77
3. O YOUTUBE VAI Á ESCOLA E VICE-VERSA	85
3.1 As duas realidades em que vivemos	85
3.2 A tensão dentro da escola	88
4. ANÁLISE DE VÍDEOS	94
4.1 Aluna agride professora para reaver telemóvel	94
4.2 Professor bate boca com aluna	98
4.3 Professor é filmado agredindo aluna de 11 anos	102
4.4 Professores estressados na sala de aula	105
4.5 Estudante joga cadeira em professor	109
4.6 Análise transversal dos vídeos.....	111
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS	124

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta uma análise das tensões relacionais e da maneira pela qual elas se apresentam dentro da escola, incluindo-se entre elas a relação cheia de meandros e mensagens veladas que se estabelece entre alunos e professores. Fruto das tensões sociais geradas e perpetuadas por um sistema de produção manipulador, o diálogo entre docentes e discentes culmina, hoje, em episódios de agressão mútua, destruição da autoestima e em um distanciamento de objetivos pretendidos. Inserida em uma realidade complexa em que se privilegia a produção e o consumo em massa, alimentado pelas ideologias e pela mídia, a educação tem tido dificuldades para cumprir seu papel de elemento formador de seres humanos aptos a exercer plenamente seu papel de cidadão, tal qual preconizam as leis, estatutos e declarações que focam a questão educacional. A influência da Indústria Cultural na educação é um dos focos centrais deste estudo, assim como os reflexos da massificação e dos ressentimentos dela decorrentes e manifestados na escola. Cenas gravadas por alunos, em sala de aula, registrando episódios de desentendimentos e agressividade entre alunos e professores foram analisadas sob a ótica da Teoria Crítica a fim de se vislumbrar o panorama em que os processos educacionais vêm se desenvolvendo e as soluções que os teóricos têm proposto para que se possa ir além do capital, por uma educação mais humanizada que vença a barbárie hoje instalada.

PALAVRAS-CHAVE:- *Youtube*; Indústria Cultural; Emancipação; Semiformação; Educação.

ABSTRACT

This study has as purpose an analysis of relational tensions and the way they are present into schools, including among them, the relationship that is established between teachers and students – a full of meanders and veiled messengers interaction. Fruit of social tensions generated and perpetuated by a manipulator process of production, the dialogue between teachers and students reaches the highest point in episodes of mutual aggression, destruction of the self esteem and in a detachment of the intended goals. Inserted in a complex reality that favors the mass production and consume, fed by ideologies, the educational processes are marked by difficulties to fulfill his role of former human beings able to exercise their role as citizens, as recommended by laws, statutes and declarations that focus the educational question. The influence of the cultural industry in education is one of the central focuses of this study; as well the reflex of massification and of the resentment that comes of this and that is manifested in the school environment. Scenes that show episodes of disagreements and aggressiveness between students and teachers were recorded by students in classrooms and were, here analyzed under the Critical Theory optics to glimpse the panorama in which the educational process are developed and the solutions that theorists present to go beyond the capital by a more humanized education that wins the barbarism nowadays installed.

KEYWORDS: - Youtube; Cultural Industry; Emancipation; Semi-formation; Education.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é promover uma reflexão sobre a nova sociedade que se delineia sob a ação dos meios de comunicação e o novo cidadão que emerge nesse “admirável mundo novo”, seu grau de consciência em relação à realidade em que vive, a percepção que tem de si mesmo como sujeito, a perda da individualidade e, por fim, o papel que a educação, sujeitada aos ditames da indústria cultural, desempenha na busca de caminhos que conduzam a um estado de emancipação. No ambiente escolar, a expressão das tensões sociais que permeiam as relações entre professores e alunos encontraram na Internet o palco para a sua exposição.

Dentre as formas pelas quais essas tensões se manifestam nas redes sociais destacam-se alguns vídeos emblemáticos postados no *Youtube* por alunos de escolas da rede pública, assim como da rede privada. Foram selecionados vídeos que evidenciam as dificuldades de relacionamento e o distanciamento das linguagens e objetivos que permeiam as relações entre docentes e discentes e que influenciam negativamente o índice de produtividade escolar, conforme demonstra estudo avaliativo realizado pela UNESCO, no ano de 2012, e no qual o Brasil ocupa o 88º lugar entre os 127 países avaliados.²

Este déficit pedagógico, de acordo com a psicologia sócio-histórica que tem Vygotsky como teórico de base, tem suas raízes na deficiente relação humana que se estabelece dentro das salas de aula.

Não há uma receita pronta, um figurino ou uma bula que oriente docentes e discentes. Tudo se desenvolve na esteira do panorama social, político e econômico em que cada realidade se insere e se constrói, conforme nos diz, com beleza ímpar, o poeta sevillhano Antonio Machado Ruiz (1875-1939):

² Disponível em: <http://chicomarchese.com/2012/02/12/brasil-fica-no-88o-lugar-em-ranking-de-educacao-da-unesco/>. Acesso em 09 ago 2012.

Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.³

Este trabalho é desenvolvido com base em levantamento bibliográfico e pesquisa histórica, com ênfase dada à bibliografia dos pensadores da Escola de Frankfurt, em especial T. Adorno e Horkheimer. A pesquisa respalda-se, também, no pensamento de Foucault no tocante às relações de poder e aos conceitos de vigilância e punição. Paralelamente a essa pesquisa bibliográfica foram selecionados alguns vídeos produzidos por alunos em salas de aula e em que as tensões existentes nessa relação, são evidenciadas.

O primeiro passo para a condução desta pesquisa foi o levantamento bibliográfico, concomitantemente às buscas eletrônicas a partir das palavras chave: Escola de Frankfurt, Adorno, Indústria Cultural, Relações de Poder, Foucault e outros tópicos que seriam capazes de dar suporte aos argumentos em foco. Além da bibliografia básica e obras de referência correlatas, foram pesquisadas teses e dissertações sobre o tema e artigos em revistas especializadas em Educação e Filosofia. Utilizou-se o método dedutivo reflexivo, tendo como base uma revisão histórica e literária, além da observação, a título de amostragem, dos comportamentos presentes nas salas de aula de uma escola pública do ensino médio.

Ao lado do levantamento teórico, deu-se atenção, também, à observação do ambiente escolar, das experiências ali vividas por todos os envolvidos no processo educacional: a maneira pela qual se processam as relações entre professores e alunos, a distância entre discurso e prática educacional e a carga de ressentimentos e agressividade que têm caracterizado os comportamentos de alunos e professores, reflexo das desigualdades presentes na sociedade e que se revelam em toda sua extensão e força nos vídeos postados pelos estudantes nas redes.

³ “Caminhante, não há caminho, faz-se o caminho ao andar. Ao andar faz-se o caminho e ao olhar para trás se vê a senda que nunca se voltará a pisar. Caminhante não há caminho, senão rastros de espuma no mar.” Poema de Antonio Machado. *Caminante no hay camino*. Disponível em: <http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>. Acesso em 09 ago 2012.

A ideia de realizar um trabalho voltado para uma reflexão acerca das novas demandas da sociedade e do novo homem que desabrocha nesse solo árido surgiu de um interesse particular pela Teoria Crítica como nova proposta para o ser humano e para a sociedade.

Existe no homem um desejo exacerbado por reconhecimento e visibilidade que se contrapõe ao fato de ser ele o elemento formativo de uma massa social informe, sujeita a dominações, na maior parte das vezes dissimulada e, por isso mesmo, imperceptível. O processo de visibilidade, paradoxalmente, está estreitamente vinculado ao da invisibilidade. Na “Dialética do Esclarecimento”, mais especificamente em “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”, Adorno (1985, p. 59), ao analisar a contradição que marca a relação de um homem em busca da universalização pelo contato com seres, culturas e mundos diversos e o contexto de solidão em que se vê, afirma que “Socialização radical implica em alienação radical”. O fato é que toda relação é caracterizada pela ambiguidade e pela complexidade que faz com que cada ação, cada relação e cada fato da vida tragam, embrionariamente, o seu contrário.

O estabelecimento de padrões “ideais” de estilos de vida, de conceito de sexualidade, família, religião e consumo são habilmente ditados e a eles o homem se entrega com a docilidade de um cordeiro em holocausto.

A análise de Souza Santos (2007, p. 28-32) em relação à submissão a esses padrões que não são os do indivíduo, talvez nem do seu grupo, mas que assolam a vida de homens e nações periféricas é bastante pertinente e lúcida. Ao abordar a “Sociologia das Ausências”, produzidas de várias maneiras e que se relacionam diretamente com a invisibilidade, o pensador inclui, dentre as monoculturas produtoras de ausências, a da naturalização das diferenças. (p. 30)

Tudo se passa **como se** a diferença fosse algo natural, cosmicamente determinada, um desígnio divino. A inferiorização de um povo em relação a outro (obviamente economicamente mais favorecido) é incorporada como algo natural. A nação periférica é colocada como uma nação bárbara, aculturada, com muito ainda a aprender e a assimilar das culturas hegemônicas.

Da mesma forma, voltando ao microcosmo do homem como uma reprodução, um reflexo de tudo quanto se desenrola no macrocosmo político, social e econômico, o

indivíduo se sente anacrônico, invisível, extemporâneo, caso não lhe seja possibilitada a inserção no mercado consumidor, caso não se pareça com os protótipos de homens e mulheres ideais que a TV, as séries norte-americanas, as novelas cariocas e os programas de auditório gritam a seus ouvidos ser o único jeito de ser e de ser feliz.

Essa naturalização das diferenças pode ser constatada com muita facilidade dentro das salas de aula. O aluno negro, aquele que professa uma fé que não seja a cristã, o aluno que fez uma opção sexual que não corresponde aos padrões de “normalidade”, o que está acima ou muito abaixo do peso, que é alto ou baixo demais, todos são vítimas de *bullying* por parte dos colegas e vistos com estranheza por muitos professores que vivem arraigados a determinados padrões. Isso impede a transformação da sociedade, o salto da educação, o desenvolvimento de uma consciência de que diferença não é desigualdade, que há a necessidade de se respeitar para ser respeitado. São as diferenças que enriquecem a vida; sem elas, viveríamos em um mundo monótono, monocromático e sem desafios.

Trabalhamos aqui com a hipótese de que o grau de alienação, de entrega irrefletida, de submissão aos ditames das ideologias do sistema, o nível de invisibilidade que nos permitimos e que explode nas redes sociais com todas as suas cores, como forma de compensação das castrações a que nos submetemos, constituem-se em si mesmos, ainda que isso possa parecer incoerente, no caminho para a reflexão e transformação da realidade.

Essa pesquisa se reveste de importância na medida em que vai à busca de respostas para as razões da docilização dos sujeitos e da identificação das armas ideológicas utilizadas para a permanência e incrementação dessa realidade em que compactuamos com o *stablishment* com nosso silêncio cúmplice, advindo da falta de consciência dos direitos e dos deveres, do valor intrínseco de cada ser humano, em uma alienação estrategicamente manipulada pelo poder estabelecido que se utiliza da mídia e, mais recentemente, da *web* para se manter e se expandir.

Que atração podem exercer livros, poemas e filmes clássicos diante da profusão de imagens disponibilizadas na Internet? Para que se submeter ao desgaste de aulas de gramática e textos de Língua Portuguesa quando a comunicação pode ser feita com “*emotions*”, abreviaturas ou outros códigos? Para que estudar fatos históricos, pensamentos filosóficos de milênios atrás, se o tempo é o agora?

O imediatismo é uma característica da sociedade atual. O futuro é agora e ninguém, especialmente os jovens, faz planos de aprendizado e formação para um futuro que lhes parece remoto e incerto.

A partir dessas considerações, constata-se que professores, legislações relativas aos caminhos da educação e propostas de inúmeros segmentos sociais compostos por educadores idealistas e organizações nacionais e internacionais esbarram em uma realidade que, muitas vezes, não é considerada quando da estruturação das teorias.

A realidade vivida, quase sempre, contribui para esse distanciamento entre a *práxis* e os caminhos da formação do indivíduo autônomo.

O primeiro capítulo traz um levantamento analítico das condições em que a educação vem se desenvolvendo após a emergência das novas mídias e do grau de manipulação e semiformação dos educadores e, conseqüentemente, dos alunos.

O pano de fundo histórico envolvendo aspectos econômicos, sociais e políticos, ora se contrapondo, ora alimentando o desejo de poder e a fuga da invisibilidade que empreende cada indivíduo é visto no segundo capítulo.

O terceiro capítulo dedica-se a uma análise do que se revela, na Internet, das relações entre escola, sociedade, professores e alunos e da relação destes com as redes sociais e com o *Youtube*, que têm exercido o papel de tribuna jovem, revelando as tensões relacionais, o que, de certo modo, dá à escola e aos professores referenciais úteis na busca de soluções para muitos dos descompassos presentes nessa relação.

O quarto capítulo dedica-se a uma análise de vídeos produzidos por alunos em sala de aula e que revelam a realidade escolar marcada por conflitos. São vídeos postados no *Youtube* e que se constituem em um material valioso para uma avaliação dos processos educativos na sociedade de consumo, podendo servir, também, como setas indicativas no caminho da busca de soluções.

O *Youtube* foi criado em 2005 e é considerada a maior página de vídeos do mundo. Trata-se de “um *site* que permite que os usuários assistam, compartilhem e carreguem vídeos em formato digital”⁴. O material postado permanece disponível *on-line* sem a necessidade de assinaturas ou abertura de conta. O acesso ao *Youtube* permite a visualização de *clipes* musicais, trechos de filmes, programas televisivos, shows,

⁴ Disponível em: <http://www.slideshare.net/henriquepuccini/you-tube-humantech>. Acesso em 30 jul 2012.

jogos, etc. Demonstração de habilidades e talentos, declarações de amor e carinho, desagravos, tudo isso pode ser postado gratuitamente na rede e os jovens, sentindo o potencial comunicativo aí disponibilizado, valem-se dele irrestritamente. Os *clipes* postados por estudantes no *Youtube*, em sua grande maioria, trazem à tona suas frustrações, sua falta de formação, a revolta recalcada e, por outro lado, sua capacidade criativa e, em casos mais raros, demonstrações de amor e gratidão a determinado professor.

Muitos dos vídeos são feitos em salas de aula, flagrando e revelando o estresse do professor, suas dificuldades em lidar com problemas do dia a dia, com as questões de indisciplina e com a nova realidade que se manifesta nas escolas.

A indústria cultural trouxe para a escola os aparelhos eletrônicos que os alunos, contra os desejos do professor, insistem em ligar durante as aulas. Ouvir *funk* e pagode nos celulares durante a aula lhes parece muitas vezes mais interessante do que ficar trabalhando em cima de temas filosóficos, históricos, literários e muitos outros para os quais eles não veem qualquer utilidade prática.

A grande questão que se impõe diante de tal realidade e para a qual nem mesmo educadores vislumbram uma resposta é: o que deve ser ensinado?

Somos, todos nós, dos oito aos oitenta anos, pertencentes a uma “geração perdida”. Como não sabemos para onde ir, não sabemos que caminhos tomar, vivemos de experimentações em todos os campos, inclusive no educacional.

Como passar de uma educação de tendência mantenedora da situação para uma educação transformadora? Como exorcizar o fantasma da semiformação historicamente construída e eliminar os fatores que têm agravado a exclusão de saberes tradicionais? Faz-se necessário que se encontrem caminhos que conduzam à eliminação da priorização da semicultura imposta ideologicamente e da conclamação para que a escola abra mão da cultura em favor dos produtos pseudoculturais.

A difusão dessas tendências via redes sociais e *Youtube* e seu impacto sobre as diretrizes educacionais precisam ser analisadas à luz de uma crítica constante e abrangente. Uma crítica que englobe o poder das ações externas ao lado dos desejos (confundidos com necessidades) mais íntimos de todo ser humano.

Esta pesquisa objetivou abordar o impacto das transformações sofridas pela sociedade nas últimas décadas e da forma pela qual novos instrumentos de comunicação são postos a serviço da manifestação das opiniões, tornando mais claras e evidentes as relações de poder.

É indiscutível o fato de a educação, em cada tempo e espaço, estar a serviço da reprodução das ideologias vigentes e, na maior parte das vezes, ser utilizada como instrumento de políticas que visam à dissolução da subjetividade, na medida em que conduzem o indivíduo para a massificação.

A relevância deste projeto repousa sobre a magnitude que vem alcançando essa massificação, essa dissolução da subjetividade em nossos dias e a emergência de uma retomada dos conceitos de *ser*, de uma reestruturação das relações interpessoais e de uma libertação do indivíduo das teias do senso comum em que foi e está sendo enredado. Os processos educacionais têm papel importante a cumprir no resgate da subjetividade e este trabalho, ainda que não tenha por objetivo elaborar propostas educacionais solucionadoras, visa à análise do impacto dos meios de comunicação, mais especificamente da Internet e suas redes sociais, e da forma pela qual agem, de maneira maciça, sobre a interpessoalidade, em especial entre professor e aluno, ao mesmo tempo em que revela muito dos subterrâneos dessas relações – do sentido e não dito abertamente.

A relação entre professores e alunos, com suas múltiplas facetas de ódio e amor, inveja e admiração mútuos, tende a se fortalecer nesses campos de comunicação, criando uma massa informe de participantes que se repetem em seus temas, sem ter consciência do grau de manipulação a que estão sujeitos, vivendo um processo que, na visão de Kosik (1969, p. 10), se passa no mundo da pseudoconcreticidade⁵, no plano dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais e no plano da manipulação, de uma *práxis* que não coincide com a *práxis* crítica revolucionária dos homens. As funções da escola e os desafios enfrentados pela educação no mundo contemporâneo também são analisados sob o enfoque da epistemologia de Adorno e Horkheimer.

⁵ Mundo da pseudoconcreticidade: o complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural.

A realidade social e educacional de nossos dias, moldada pelos meios de comunicação de massa, escrava de ideologias incompatíveis com o ideal de formação de indivíduos autônomos e atuantes faz com que a Teoria Crítica assumam um indiscutível caráter de atualidade.

1. INDÚSTRIA CULTURAL

1.1 Origens, conceito e efeitos

A Escola de Frankfurt tem sua origem no Instituto de Pesquisa Social, fundado por Carl Grünberg em 1923 como um anexo da Universidade de Frankfurt, e emergiu em uma época historicamente convulsa – a ascensão do nazismo, o entre guerras –, na percepção de uma necessidade de revisão do marxismo, sendo por muitos considerada um neo-marxismo. Foi revolucionária na medida em que apontou as conexões existentes entre os processos educacionais e o contexto maior em que eles se inserem. O arcabouço hegemônico que serve de base à formação do indivíduo, seu grau de envolvimento, sua aceitação e crença em tudo quanto lhe é oferecido pelas diversas mídias são os focos primais de seus estudos. As contradições inerentes ao homem e às forças que sobre ele agem são abordadas e analisadas pela Teoria Crítica: adaptação e resistência, progresso e barbárie, projeção e identificação são algumas delas. Essas ambiguidades permeiam e determinam os caminhos e as ações humanas em nível pessoal e social. O progresso atrelado à barbárie faz-se presente no indivíduo e em seu entorno. O sonho de superação da barbárie e da violência indiscriminada por meio do progresso fracassou. De acordo com Rouanet (2010), tanto o homem do modelo liberal quanto o socialista revelaram-se cúmplices da barbárie e, em vista dessa irrealização das propostas de transformação humana e social, “[...] cresceu a plausibilidade de uma terceira imagem do homem: a de Freud. É um homem trágico, que nem pode sobreviver fora da sociedade e nem ser feliz dentro dela.” (p. 12).

Adorno, na “Teoria da Semiformação” (2010), analisa o descompasso presente na relação entre a materialidade, com todo o seu indiscutível progresso, e os aspectos humanos chamados de “espirituais”. Os dois mundos a que pertence o homem caminham em direções opostas criando um abismo que, para ser ultrapassado, demandará muita análise crítica e muito trabalho.

Na verdade, o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais, não se manifesta nas coisas espirituais com efeito benéfico. As desproporções resultantes da transformação mais lenta da superestrutura em relação à infraestrutura aumentaram o retrocesso da consciência. (2010, p. 27)

A adaptação do homem a essa realidade vem sendo configurada pelos próprios processos educativos cujas diretrizes, elaboradas pelas forças hegemônicas reprodutoras da lógica da dominação do capital, fazem com que os sujeitos, desde a infância, entreguem-se a uma passiva aceitação do “mundo como ele é”, um conformismo que colabora com a perpetuação da semicultura que, alienando o homem de sua capacidade crítica, o submete, o escraviza e o leva a uma individualidade, uma perda da consciência da dimensão global a que pertence, gerando, dentro dessa estrutura fragmentada, a barbárie. Faz-se necessária uma crítica dessa sobreposição do privado sobre o público e que vem sendo ratificada pela educação interessada no não despertar de consciências.

A despeito de todos os entraves impostos pela semiformação, um caminho, ainda que pouco trilhado, se apresenta: a reflexão crítica acerca das limitações estrategicamente postas, a reação, a resistência. Essas posturas esclarecidas que andam na contramão do *stablishment* existem, ainda que sufocadas e tímidas. Quanto à real possibilidade de se efetuarem as mudanças necessárias na educação e na sociedade, bem como em cada ser humano, Gomes, em artigo publicado na revista HISTEDBR (2010, p. 293), afirma:

Se não há integração total da sociedade, devido à própria *contradição social*, que funciona como o antídoto da semiformação, então continua existindo a possibilidade de emancipação. [...] Como podemos notar, a educação emancipatória não se sustenta pela retórica e sim pela crítica das condições objetivas que promovem a semiformação, ou seja, pela identificação da contradição social que bloqueia a aptidão para a experiência formativa autônoma – *Bildung*, sendo esta substituída, de forma “natural” pela configuração heterônoma de formação – *Halbbildung*.

Relativamente à questão da possibilidade de transformações, de que o homem submetido não tem a mínima consciência de que é capaz, é bastante adequada e oportuna a afirmação de La Boétie (1530-1575), no “Discurso da Servidão Voluntária”,

quando se analisa o grau de entrega consensual de consciências a que se curva o homem atual:

No momento, gostaria apenas que me fizessem compreender como é possível que tantos homens, tantas cidades, tantas nações às vezes suportem tudo de um Tirano só, que tem apenas o poder que lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto aceitam suportá-lo, e que não poderia fazer-lhes mal algum se não preferissem, a contradizê-lo, suportar tudo dele.

Ao abordar a razão instrumental e afirmar que a razão crítica é aquela capaz de lançar um olhar avaliativo sobre a instrumentalidade que domina a sociedade atual, contaminando a educação e levando a sociedade à barbárie e à escravidão, a Teoria Crítica reveste-se de suma importância, apontando alternativas libertadoras e emancipatórias.

Foi em 1947, durante seu exílio nos Estados Unidos, que Adorno, ao lado de Horkheimer – sob o impacto das tendências de consumo e da busca por uma identidade pessoal contraditoriamente procurada no todo – cunhou a expressão “Indústria Cultural”. Já a expressão “Teoria Crítica da Sociedade”, embora propriamente originada com a crítica marxista da sociedade, apareceu pela primeira vez em 1937, com Horkheimer, em “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”.

Os conceitos referentes às palavras que compõem as expressões “Indústria Cultural” e “Cultura de Massa” têm passado por transformações, como é normal acontecer, uma vez que toda linguagem é viva e dinâmica; depois de seu nascimento, a língua passa por um processo natural de expansão (crescimento) devido ao surgimento de novas realidades, objetos e fatos que demandam mudanças, criação de novos termos, alteração do sentido de termos anteriormente existentes e abandono de outros. Em alguns casos essa dinâmica leva à morte da língua. Mas isso é outra história.

O que hoje se entende por indústria se distancia do que a palavra significava em suas primeiras aplicações. Nos seus primórdios, a palavra indústria conceituava e definia a criação manufaturada, ligada à habilidade. Um homem devotado ao trabalho manual e criador de objetos era comumente definido como “industrioso”. Após a Revolução Industrial e com a evolução natural dos processos de produção, a palavra

adquiriu um significado muito mais amplo, vinculado ao mercado, à competição e ao lucro.

As ideias que emergem quando se fala de cultura também passaram e continuam passando por alterações extremamente significativas. Há não muito tempo falava-se de cultura em uma alusão ao cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou de um povo. Esse conceito, muitas vezes, ligava-se a ideias preconcebidas e discriminatórias: os índios não tinham cultura porque não liam e não tinham acesso aos espetáculos de ópera nos grandes centros europeus, não conheciam o verdadeiro Deus e assim por diante. As mulheres eram incultas por limitarem-se à leitura de novelas e folhetins. Os negros não tinham cultura porque pertenciam a classes sociais inferiores, sua escolarização era bastante baixa, sua religião era supersticiosa e falsos eram os seus deuses. Assim, dentro de parâmetros “brancos-europeus-cristãos”, classificavam-se as pessoas e os povos, naquilo a que Souza Santos (2007) se refere como sendo uma “sociologia das ausências” – aquela atitude que torna invisível o que não se respeita como cultura de acordo com as medidas do culturalmente hegemônico, ligada à monocultura do saber dominante.

Os arquitetos da indústria cultural recorrem à expressão “Cultura de Massa” para que se tenha a impressão de que a semicultura por eles difundida tem suas raízes nas escolhas populares, quando, na verdade, existe um processo complexo de formatação mal intencionada que dá sustentabilidade às hegemônias. A cultura produzida industrialmente configura-se, pois, como as duas faces de uma mesma moeda. Há entre esses dois conceitos – “Indústria Cultural” e “Cultura de Massa” – uma relação simbiótica (ou parasitária). Um não vive sem o outro.

Por massa, entende-se o aglomerado de seres heterogêneos, muitas vezes sem qualquer proximidade temporal ou espacial, que reagem a um estímulo externo, acriticamente.

A massa é trabalhada com o fermento da ilusão de participação e liberdade de escolhas. Escola para todos e facilidade de acesso a bens de consumo não caracterizam, automaticamente, inserção, participação, formação e cultura.

Maria Rita Kehl, no ensaio “Um só povo, uma só cabeça, uma só nação” (2004), traz uma análise bastante lúcida e pertinente sobre o papel massificante dos meios de

comunicação e de como são recebidas pelo homem massificado, de todos os cantos de um país, as mensagens ideologicamente transmitidas pela televisão:

Um dia qualquer, uma hora qualquer desses últimos dez anos. Um ponto qualquer do país (o que em termos de televisão significa qualquer município com mais de 50 mil habitantes; o resto não conta, porque o mercado consumidor potencial é muito pequeno para justificar qualquer investimento). Um brasileiro qualquer no isolamento de seu lar liga o aparelho de televisão e entra em cadeia com todos os que supõe seus iguais, pelo resto do território nacional. Um brasileiro qualquer: o homem isolado, desinformado, conformado.

Nesse excerto de Kehl fica evidente, além do poder aglutinador de mentes que têm os meios de comunicação, a solidão real em que essa relação se dá. O sujeito é passivo, excluído de uma relação que envolva olhar, palavra e interação. Vive uma realidade a que a autora dá o nome de “solidão em rede”.

Essa vida deslocada da realidade cotidiana, que assume o caráter de vida real, não escapa à análise da mesma autora quando aborda a realidade ficcional a que nos sujeitamos, um pouco por livre escolha e muito por condicionamento que nos faz acreditar que, de fato, somos timoneiros de nossas vidas:

Nós, humanos, nunca estamos mergulhados no real. O real é para as focas, os cavalos, as araras azuis. Seres da natureza. Nossa realidade está sempre semi encoberta por um véu imaginário; fora dele, seria impossível viver. (KEHL, 2004).

Iani, em seu artigo “Reflexão em torno do objeto de estudo da Sociologia”, afirma que a ideia de massa pressupõe a existência de uma elite:

A massa é naturalmente composta de trabalhadores assalariados, empregados e desempregados, na cidade e no campo. É uma coletividade forte, impressionante, mas que depende de instituições, regras, objetivos e meios para organizar-se, manifestar-se. Caso contrário transborda dos limites do razoável, da conveniência, da ordem. Por isso, depende da elite. Esta é que pode lhe oferecer referências, norte, sentido. O contraponto necessário da massa é a elite que dirige, comanda, organiza, governa, manda. (IANNI, 1989)

Com base na conceituação de Iani, podemos perceber e inferir que a massa é algo forte, mas que depende de mãos que a manuseiem e lhe dêem forma definida de acordo com o que se pretende. O nome *massa* é bastante apropriado se fizermos a devida analogia com o padeiro que manuseia e molda a massa informe para que ela tome a forma do produto final de acordo com seus desejos e seu ideal do que deva ser um pão ou um bolo.

Uma vez expostas as definições dos termos componentes da expressão “Indústria Cultural”, poderá tornar-se mais claro o sentido desta expressão cunhada por Adorno e Horkheimer para nomear o processo de reificação dos bens culturais, em um momento em que a percepção aguda dos dois pensadores captou a produção maciça de “algo” a que se atribuía o *status* de bem cultural e que, de fato, não passava de mercadoria destinada ao consumo acrítico, que é causa da regressão dos sentidos.

Eufemisticamente chamada de “Cultura de Massa”, a imposição de uma subcultura que traz, subterraneamente, desinformação, alienação e perda de sensibilidade, atrela-se aos ideais capitalistas e tem tido reflexos altamente danosos na formação do indivíduo. Tratava-se e trata-se de uma produção cultural vinculada ao mercado, ao lucro e especialmente voltada à semiformação, à formação de um público alienado que, tendo dado um salto em águas profundas atraído pelo canto das sereias e, sem mastro a que se fixar, torna-se presa fácil do mercado. Homens e mulheres, crianças e jovens que colocam seu ideal maior no consumo de alguns bens estrategicamente produzidos, mergulhados em um oceano de ilusões de pertencer a um todo, mas constituindo-se, de fato, em uma massa amorfa e sem qualquer vestígio de individualidade. Mulheres submetidas aos mesmos tratamentos estéticos de preenchimento facial, plásticas e aplicações de silicone; garotas usando o mesmo tipo de roupa (o jeans de cintura baixa, mini-blusas, cabelos artificialmente alisados, etc.). Tudo fazendo com que todos se pareçam gêmeos univitelinos separados no berçário. Acrescente-se ainda a padronização dos gostos musicais, alimentares e tendências de pensamento e opiniões forjadas nos programas de TV pelos porta-vozes da situação.

A partir do recrudescimento do capitalismo, a noção de cultura desvincula-se da de conhecimento e sentimento de enlevo e elevação para assumir a face de informação midiática. Não resta qualquer dúvida quanto ao empobrecimento do campo de experiência do homem, sujeito a imposições que subestimam o potencial humano de

acessar uma arte e um pensamento mais elaborados. O senso estético do indivíduo é desenvolvido por meio da repetição de músicas, ideias e ideais criados com o intuito de formatar cada ser, de modo a servir ao sistema. Todo homem é visto como um consumidor potencial.

Rouanet (2010) identifica dois processos psicológicos com os quais conta a indústria cultural para efetivar com sucesso seu intento de manipulação das massas: a identificação e a projeção. Por meio da identificação, o sujeito internaliza o objeto externo, se vê nele e, como afirma Rouanet (p. 14), “através da indústria cultural, os indivíduos se identificam mimeticamente com os atores e atrizes populares, e através deles com o sistema social como um todo”. Ocorre uma uniformização comportamental, uma massificação postural que o objeto (não há como chamar de sujeito o homem submetido a essa manipulação) não percebe e que vê como algo próprio dele, escolha sua. No limite, alguns indivíduos perdem o contato consigo mesmo, com seus desejos mais íntimos e legítimos, já não sabem quem são; seus desejos se confundem com os do sistema.

Identificação e projeção são processos correlatos: o indivíduo se identifica com o objeto externo porque nele projeta seus ideais e desejos mascarados e sufocados pelas exigências sociais ou por limitações impostas pela moral ou pela situação econômica e social em que vive.

O fenômeno de identificação e projeção torna-se claro quando se aborda a “Síndrome de Estocolmo”⁶, situação em que a vítima se identifica com o agressor, na medida em que nele projeta sua agressividade contida.

Desses mecanismos se vale a indústria cultural para estabelecer-se fortemente e melhor conduzir o mercado, garantindo a “venda” dos produtos que coloca, desde objetos concretos a posturas que a beneficiam, garantindo, assim, sua própria estabilidade e sobrevivência.

⁶ A síndrome recebe seu nome em referência ao famoso assalto de Norrmalmstorg do Kreditbanken em Norrmalmstorg, Estocolmo, que durou de 23 a 28 de Agosto de 1973. Nesse acontecimento, as vítimas continuavam a defender os sequestradores mesmo depois dos seis dias de sequestro haver terminado e mostraram um comportamento reticente nos processos judiciais que se seguiram. O termo foi cunhado pelo criminólogo e psicólogo Nils Bejerot, que ajudou a polícia durante o assalto, e se referiu à síndrome durante uma reportagem. Disponível em: http://www.portais.ws/?page=art_det&ida=4767. Acesso em 08 out 2012.

Desde escolhas políticas, comportamentos morais e sociais que facilitem ou mesmo assegurem a perpetuação do sistema até a assunção da “cândida”⁷ crença apregoada e “provada” por Pangloss de que este é o melhor dos mundos possíveis, o castelo do senhor barão era o mais belo dos castelos e a senhora baronesa, a melhor das baronesas possíveis – tudo obedece aos ditames da indústria cultural.

Assim como o pequeno Cândido escutava as preleções de Pangloss e nelas acreditava com todo seu coração, o sujeito atual ouve, vê, não analisa e, sem qualquer juízo crítico, assume como verdades indiscutíveis aquilo que os Pangloss midiáticos divulgam e preconizam como sendo verdades absolutas.

Embora a forma de apresentação e os temas eleitos pela mídia, com relativa frequência, possam ser discutíveis, esta não é a grande questão. Segundo Rouanet (2010),

O problema não é tanto que a versão dos fatos apresentada pela mídia seja falsa, porque a supressão ou a deformação de dados faz parte da lógica da guerra, e sim que em nenhum momento ocorreu ao espectador duvidar da veracidade do que estava sendo dito. (p. 19)

O capitalismo, desde o seu nascimento no século XV, sob a face de capitalismo mercantil a partir das grandes descobertas marítimas, impulsionado pela conquista de mercados, já expunha sua tendência manipuladora do homem sobre o homem e sobre a natureza, da reificação do ser, submetendo o trabalhador a uma carga horária de serviço muito acima do que permite a condição física de qualquer ser humano, pagando-lhe pouco e sujeitando-o a situações nada seguras e saudáveis de trabalho.

Na segunda fase de evolução do capitalismo, a do desenvolvimento industrial, logo após a chamada “Revolução Industrial”, o processo de dominação continuou e o aumento da produção demandou uma busca desenfreada por mercados e mão de obra barata, dando início à fase neo-colonialista em que populações inteiras foram submetidas a um penoso e desumano processo de submissão, especialmente na Ásia e na África.

Passando por transformações e crises cíclicas, o capitalismo continua vivo. Nas crises, o capitalismo se reinventa e se mantém. A sociedade capitalista, em uma espécie

⁷ Referência a “Cândido ou o Otimismo” de Voltaire, em que se destacam a ingenuidade de Cândido e a postura alienada do Professor que ensinava metafísico-teológico-cosmolonigologia.

de “gatopardismo”⁸, cultiva o lema de que deve permanentemente modificar-se para permanecer. Em sua fase atual, ele se manifesta como uma luta pela monopolização de mercados, gerando fusões em que grandes corporações encampam empresas menores que não resistiram às exigências de um mercado cada vez mais competitivo e pela primazia do mercado financeiro.

Na ação da mídia sobre seu alvo – a humanidade composta apenas de meros consumidores – os capitalistas de hoje, reais detentores do poder, investem todos os seus esforços para a consecução de seus objetivos. Para isso, contam com os níveis já estabelecidos de sujeição dos indivíduos massificados através dos referidos processos de projeção e identificação. A possibilidade de uma superação deste processo alienante é uma questão a ser estudada com afinco e cuja solução somente será possível através da emergência de novas propostas e paradigmas.

O agrilhoamento do homem às leis do mercado, o medo da invisibilidade, o sentimento de que somente é alguém na medida em que consome e em que é visto, justamente por ser consumidor, é que levam o sujeito a uma busca desesperada por aquilo que é estabelecido como padrão ideal de ser existente e participante. Quem lhe dá essas medidas são os meios de comunicação. É neles que a massa busca os parâmetros para sua inserção no mundo, sua identificação com os modelos fabricados pelas novelas, *talk* e *reality shows* e, talvez mais danosamente ainda, pela (des)informação fornecida pelos telejornais.

É imprescindível sentir-se presente, ter a sua marca, o seu “logo” e, de preferência, em acordo com os padrões estabelecidos midiaticamente, não importando o grau de autenticidade ou adequação que a figura “formada” e divulgada efetivamente possua. De acordo com Türcke (2010) “[...] mais importante do que fazer uma boa figura é fazer alguma figura” (p. 53) e nessa busca pela visibilidade ilusória, dentro de uma pseudoconcreticidade, o homem é assombrado pelo pavor de “cair no abismo de não ser notado.” (p. 67)

⁸ “O leopardo”, “Il gattopardo” no original italiano, romance de Tomasi di Lampedusa, conta as estratégias de um nobre italiano, o príncipe Falconeri, para manter o *status quo* apesar das mudanças do “Risorgimento”.

O logo não corresponde mais apenas a um sinal de reconhecimento daquele que adota o estilo de vida *y* e que pertence à cena *z*. Sob a compulsão generalizada à emissão, ele converte-se em um puro e simples sinal de identidade – em um sinal que faz com que eu esteja “aí”. Não ter um logo significa de agora adiante ficar sem nome, sem individualidade, sem pertencimento, em suma, perdido. (TÜRCKE, 2010, p. 54)

Na sociedade do espetáculo, cada um quer, também, ser o espetáculo. Esse desejo de participar ativamente da espetacularização da vida, de atuar, ainda que ilusoriamente, explica, em grande parte, o sucesso das redes sociais e o grande número de postagens de vídeos realizados nas escolas pelos alunos. Vídeos em que são atores, roteiristas, produtores e diretores e através dos quais conquistam a tão almejada visibilidade.

A alta pressão de notícias e acontecimentos espetaculares e a overdose de informações descontextualizadas e desconectadas provocam uma disfunção narcotizante que mata o espírito crítico, causa dependência e cobra a cada dia doses maiores, mais espetáculo, uma vez que uma dessensibilização progressiva vai se instalando.

Na verdade, há muito mais de mimetismo e ações conduzidas ideologicamente que produção autônoma. Mas isso não importa. O que conta é sentir-se visível, sentir que, por um momento, tem voz e imagem.

Participar do grande espetáculo da vida tal qual se apresenta e lhe é imposto, sentir-se integrado, usar o que todos estão usando, ter o que a mídia afirma que se deve ter, usar as palavras e termos que são criados e propagados nas novelas, *reality shows* e programas de auditório são o atestado de inclusão social para os tantos excluídos.

As bijuterias usadas pelas atrizes das novelas e cópias dos modelos vestidos por elas são fenômenos de venda. Se a quase totalidade das “divas” midiáticas alteraram seus corpos e suas formas injetando mililitros e mililitros de silicone, a mulher comum de classe média só se sentirá notada, e conseqüentemente feliz, se fizer a mesma dose de aplicação. As casas deixam de ter, impressas, as marcas das personalidades, gostos e estilo de vida de seus donos para meramente replicarem as marcas de personagens fictícias que invadem os lares todas as noites e até mesmo as relações sociais e amorosas passam a se pautar pelos modelos impostos.

Alguns indivíduos abandonam seus próprios sonhos e ideais, suas idiossincrasias. Preferem não mais pensar e se deixam conduzir. O sistema realiza-se e eles acreditam realizar-se.

O que, sutilmente, vai se instalando no homem e na sociedade é uma barbarização dos costumes, a perda da sensibilidade e da ternura. Em “Educação contra a barbárie”, Adorno (1995, p. 155) enfatiza a necessidade de uma desbarbarização da sociedade. Uma vez que tudo engendra seu oposto, a barbárie traz embutida em si a semente da libertação e do progresso real, havendo, para a efetivação dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, a necessidade da crítica. Esse vínculo entre progresso e barbárie, apesar de parecer altamente contraditório, apenas reforça a ideia de que o que existe é uma tensão necessária. Fora da tensão não há caminho, visto que, não havendo uma força contrária, o fenômeno permanece estagnado.

No filme “A Era do Rádio”, o diretor e ator norte americano Woody Allen expõe e critica o processo de dessensibilização a que foi submetido o indivíduo com o recrudescimento da comunicação midiática: a banalização da tragédia e os efeitos que tiveram sobre a humanidade as atrocidades perpetradas e cometidas pelo homem, especialmente depois da Segunda Grande Guerra. No filme, toda a população de Nova Iorque se envolve, sofre, chora e compartilha a dor de uma família cuja filhinha havia caído em um poço. Pelas transmissões radiofônicas, nas casas, nos bares e nas ruas, a população acompanhava o desenrolar da tragédia, vibrou e se abraçou... Ria e chorava ao mesmo tempo quando do resgate da menina. Hoje, a avalanche de informações, trágicas ou não, próximas ou distantes, já não provoca as mesmas reações; muitas vezes, são meros tópicos do noticiário. A disfunção narcotizante provocada por essa avalanche de imagens das tragédias humanas faz com que essas informações sejam de rápida assimilação e, mais rápida ainda, eliminação. Não há absorção. É descartável e, muito poucas vezes, reciclável. Tudo se passa em um ritmo tão alucinante e superficial que nada (ou muito pouco) fica retido na memória.

Os atos de pensar, refletir e analisar tornam-se dispensáveis e passam a representar um esforço desnecessário, uma vez que tudo já é oferecido pronto para consumo.

A televisão, as notícias via Internet, em tempo real, a contínua e interminável exposição e revelação de tragédias pessoais e coletivas faz com que tudo seja naturalizado.

Se hutus e tutsi estão se exterminando no Oeste da África, violentando crianças e matando civis; se milhares de afegãos tiveram seus membros amputados devido ao passo infeliz e casual sobre uma bomba em terreno minado; se a população iraniana

sofre os efeitos de uma política hegemônica e dos desmandos de um ditador enlouquecido, nada disso realmente comove. Tudo é apenas notícia. A população está cega e tem como objetivos máximos de vida sua ilusória individualização na absorção de modelos que a faz se sentir pertinente e que, na verdade, não passam de despersonalização. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, há uma personalização, no sentido em que há uma escolha, ainda que não consciente, e uma mútua influência entre *mass media* e “sujeitos”, pois o que é veiculado só o é para o atendimento dos desejos humanos captados pelo sistema. Em “Babbitt”, o novelista norte americano Sinclair Lewis descreve a perfeição impessoal do mundo da classe média deslumbrada diante das novidades do mercado, dos aparelhos elétricos e da condição de superioridade e realização completa, da inserção e do sentimento de pertencimento que a aquisição de tais bens oferece ao homem. Após descrever o quarto de casal da família de George Babbitt, Lewis diz que “Metade das casas de Floral Heights tinham um quarto de dormir idêntico a esse” (1972, p. 24). O chefe da família Babbitt sente-se socialmente visível ao ser despertado pelo “melhor dos relógios despertadores, fabricados em grande escala e anunciados por todo país [...] Babbitt orgulhava-se de ser acordado por um mecanismo tão perfeito, que dava quase tanto prestígio social como comprar pneumáticos caros.” (p. 12).

Constata-se nesses trechos escritos por Lewis, em 1922 (ano em que a obra foi escrita – no entre guerras), o poder da propaganda, o desejo de autoafirmação e inserção do homem por meio de aquisições daquilo que todos os “visíveis” estão comprando e a padronização das casas, dos valores familiares e das personalidades.

As grandes tragédias humanas vividas em campo ou à distância por toda a humanidade, o uso da máquina como arma de guerra, os aviões de bombardeio com alto poder de destruição, levando a uma realidade em que a guerra de trincheiras ia sendo substituída por batalhas em que se matava o “inimigo” sem ver-lhe a face, sem que se visse a angústia em seus olhos, o mudo pedido por clemência, despersonalizavam o outro, destituíam a ação mortífera de qualquer envolvimento ou responsabilidade pessoal. Banalizava o ato, no mesmo compasso em que se revestia a máquina de vida e vontade.

Pela primeira vez, o homem sobrevoava uma cidade ou uma aldeia lançando suas armas letais contra pontos inimigos estratégicos, exterminando civis, crianças e

adultos, sem o trauma do confronto pessoal, mas com a carga de se saber responsável por mortes, ainda que, por esse seu ato, recebesse medalhas.

Vidas ceifadas, patrimônio artístico e cultural destruído, perdas de seres amados, dificuldades econômicas e a consciência da crueldade de que o ser humano é capaz trouxeram, talvez pela primeira vez na História da humanidade, o sentimento de insegurança e a necessidade de encontrar subterfúgios: coisas, objetos que pudessem trazer algum sentido a essa insânia.

O homem sente a necessidade premente e desesperada de ser visível em seu pequeno mundo, uma vez que se vê, ontologicamente, destituído de sentido. Precisa impor as marcas de sua própria personalidade, ainda que conduzida e despersonalizada, como no caso de Babbitt e de todos.

A cultura popular, o senso comum, diz que o sofrimento em excesso torna empedernidos os corações. Talvez tenha sido isso o que tenha se dado com a humanidade após Auschwitz e tantas outras tragédias humanitárias amplamente anunciadas. A mídia tem corroborado esse empedernimento e dessensibilização. Quem sabe não seja mais que uma forma de se defender do sofrimento, uma forma de se ressalvar e ilusoriamente considerar-se imune a todas essas mazelas?

Provavelmente, mecanismos de defesa psicológica contra as agressões da vida e do sistema, do mundo e do outro e, quem sabe, de si mesmos, propiciem essa tendência à servidão frente aos apelos midiáticos. Não estará o homem resguardando sua saúde mental ao trilhar essas vias de fuga por não ser capaz de suportar abertamente toda a barbárie existente? Embriaga-se de amenidades, que sabemos serem contrárias à plena formação de um ser, para não sentir a dor da vida, para não pensar.

Se me refugio na superfície dos acontecimentos, se uso óculos cor de rosa, se volto minha atenção para as bijuterias, modelos e produtos que me são sugeridos, se fecho meus olhos a todas as atrocidades humanas, aos jogos de poder e às manipulações a que estou sujeito, talvez eu consiga ser e não sofrer.

Nos programas de TV e na Internet, o mundo apresentado como de possível acesso ao cidadão comum é o de um *dolce far niente* em que os jovens são todos brilhantes sem qualquer esforço, em que o dinheiro flui fácil, as conquistas e realizações são naturais e sem complicações. Uma falsa realidade em que, de acordo com as diretrizes do mundo capitalista, devemos acreditar e que, ao final, traz uma gama

insuportável de frustrações, ressentimentos e revoltas que explodem sob a forma de tensão social e luta, muitas vezes velada, entre classes.

Nesse ponto ocorre uma fragmentação do ser. De um lado há a consciência de ser único e detentor de valores próprios, capaz de viver e realizar-se de acordo com seu conceito particular de felicidade. Por outro, impõem-se os valores do capital.

Há, portanto, um conflito íntimo que se estabelece e do qual o homem procura fugir. Encontra na mídia o seu ponto de fuga.

Se até pouco tempo a televisão funcionava como recurso preponderante nesse processo de fuga da realidade, nas últimas décadas a Internet vem se impondo de forma avassaladora e tem atingido não só o indivíduo em suas particularidades, mas tem formatado um novo ser, um *cyborg* que acredita ser capaz, tal como o personagem do filme de mesmo título, de resgatar não só a si mesmo, como também ao mundo.

De acordo com essa imposição de valores muito conveniente aos objetivos capitalistas, delineia-se uma dicotomia clara entre bem e mal. Somos nós e os outros – o Bem e o Mal –, ou como utilizou George Bush, e convenceu as massas, em discurso que pretendia justificar os conflitos com o Oriente Médio: o eixo do bem e o eixo do mal.

O homem parece estar naturalmente vinculado às noções de uma dicotomia entre bem e mal, muito própria dos contos de fadas, dos “mocinhos” e “bandidos”, de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Deus e o Diabo e, na mesma linha, o eixo do bem cristão-ocidental-norte-americano e o eixo do mal representado pelos estados mulçumanos do Oriente Médio.

Estudos da área da Psicologia procuraram detectar os fundamentos para esse tipo de comportamento humano e os encontraram nos “motivos sociais”, termo utilizado para se fazer referência aos tipos de comportamento socialmente motivados, recorrentes sempre que ocorre relação interpessoal e dela dependa o indivíduo para se sentir realizado. (EDWARDS, 1995, p. 82)

Dentre os motivos sociais, o comportamento de exclusão pela rotulação negativa que se atribui a um ou outro grupo étnico, nacional ou mesmo social e econômico está estreitamente ligado ao motivo social de dominação. Não deixa de ser uma forma de se autoprestigiar.

O mesmo autor explica o motivo social de dominação com um exemplo tirado do reino animal:

A familiar “ordem de bicada” das galinhas de pátio de granja é um exemplo claro da dominação relativa dos indivíduos num grupo. As galinhas superiores na ordem hierárquica têm o direito de dar bicadas (e dão) nas outras galinhas inferiores. [...] Os efeitos dos motivos de dominação são evidentes nas sociedades humanas, através da busca permanente de prestígio. [...] Continuamente procuramos e desenvolvemos formas pelas quais possamos parecer que estamos numa posição superior à dos nossos semelhantes. (EDWARDS, 1995, p. 87-88)

Nesse tipo de comportamento também está presente um mecanismo de defesa bastante comum: o da projeção. Por meio da projeção, o indivíduo atribui a outros os motivos limitadores que estão em si mesmo. Sobre esse mecanismo, Edwards diz que:

Atribuindo a outros os nossos próprios motivos indesejáveis, frequentemente de um modo exagerado, fazemos com que, em comparação, os nossos motivos pareçam menos evidentes. E chamando a atenção para o comportamento dos outros, a atenção não é focalizada em nossos próprios motivos e comportamentos. (id., p. 340)

Além dessas causas subjetivas apontadas, não podem ser ignoradas as razões sutilmente arquitetadas pelas forças econômicas e políticas hegemônicas, que contam com uma doutrinação disseminada midiaticamente e que conduzem à exclusão de um ou outro grupo étnico, racial, social ou cultural.

Todas essas noções são adquiridas pelo homem comum e plantadas dentro dele por meio de seus acessos ao mundo midiático: TV, rádio (em menor escala nos dias de hoje) e, de forma cada vez mais marcante e crescente, a Internet, com seus correios e redes sociais que naturalizam as diferenças e as monstruosidades, geram conformismo e embrutecem o homem.

As armas nucleares, cada vez mais aperfeiçoadas desde a destruição de Hiroshima e Nagasaki, já não causam impacto nas populações que, como avestruzes, enfiam suas cabeças nas areias da Internet e da TV e vivem “virtualmente”, como se o mundo se resumisse aos *Big Brothers* e outras fantasias do mesmo tipo. Auschwitz se

repete cotidianamente, mas, ninguém mais se importa com isso. Tornou-se parte da vida, algo natural que já não mais chama a atenção.

Além dessa falsa visão de mundo, incute-se no homem um distanciamento emocional em relação a tudo quanto se lhe é apresentado. É como se cada um de nós dissesse: “nada tem a ver comigo e nem com minha vida”. O sentimento de alteridade⁹ passou a ser inexistente e as vozes dos verdadeiros humanistas e pensadores do presente não mais reverberam. São como gritos no deserto.

O sentimento de humilhação, de ser “menor”, de nada representar no grande esquema que ele percebe existir e do qual não participa, faz com que o indivíduo desenvolva um mudo ressentimento contra a vida e contra o outro. Esse ressentimento manifesta-se na agressividade contra aquele que lhe está mais próximo e emerge em forma de violência social, muito evidenciada nos ambientes doméstico e escolar.

A fúria contida sempre encontra uma válvula de escape e um bode expiatório em que se descarregar. Os manipuladores conhecem a fraqueza humana e seu desejo incontinente de exercer qualquer micro-poder. Durante a Segunda Grande Guerra, suas raivas e frustrações encontraram no povo judeu o repositório ideal de suas não realizações e de seu sentimento de nulidade. Por sua vez, os líderes nazistas souberam fazer uso dessas deficiências humanas e envolveram em seus projetos toda uma nação e, até mesmo, os próprios perseguidos. Cidadãos comuns, pessoas “de bem” assumiram a tarefa de discriminar, denunciar e perseguir o “inimigo”. Entre os próprios judeus podiam ser encontrados, nos campos de concentração, aqueles que a troca de relativa paz ou um pedaço a mais de pão funcionavam como capatazes nazistas, algozes de seus irmãos. No Brasil, durante o período da escravidão, encontramos a figura paradoxal do “capitão do mato”, um negro ou mulato encarregado de denunciar, caçar e capturar os seus iguais.

Em seu artigo “Educação após Auschwitz”, Adorno (1995) alerta para a possibilidade real dessa fúria e ressentimentos humanos tomarem forma. Durante a Segunda Grande Guerra, esse desejo de poder frustrado foi despejado sobre os judeus e, ao longo da história, vamos elegendo novos grupos a serem vitimados. São mulheres, negros, estrangeiros, homossexuais, idosos e pobres tornados focos de atitudes que

⁹ Do latim: *Alteritas*. Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro. (ABBAGNANO, 2007, p. 35)

humilham e degradam suas condições humanas. Auschwitz não deixa jamais de repetir-se, com a nossa anuência.

Contando com a peculiaridade humana de desejo de poder, com suas frustrações originadas pelas tentativas infrutíferas de beber a água e comer o alimento de “Tântalo” é que o sistema tece a urdidura da trama que lhe dá sustentação. De acordo com a narrativa mitológica grega, Tântalo foi severamente punido por sua tentativa de se apoderar dos manjares dos deuses e levá-los aos humanos, devendo arcar com o alto preço de, ao sentir sede, ver a água dele se afastando e, ao sentir fome, ver dele se distanciando os frutos de uma árvore. Promessas não cumpridas e expectativas não concretizadas. O destino de Tântalo é o do homem atual diante das promessas midiáticas. (ZUIN, 1999, p. 81)

Muitas outras narrativas suscitam as ideias de proibição, desejo, ousadia e punição. No Jardim do Eden, Adão e Eva ousam saborear o fruto do conhecimento e, por esse desejo e ação, são punidos. Psiquê, mesmo advertida em relação à proibição, comete o “crime” de contemplar a face do amor (Eros), sendo castigada com a solidão. Prometeu, por apropriar-se do fogo dos deuses, tem seu fígado comido por abutres todas as noites.

Esse arsenal de mitos em que a ousadia, a rebeldia contra o estabelecido e o desafio são sempre duramente castigados imprime na consciência humana o medo de desafiar, o conformismo e o processo de adaptação, em contrapartida à autonomia desejada.

A metáfora escolhida por Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento* para ilustrar o mecanismo psicossocial da indústria cultural é bastante interessante. Os frankfurtianos recorreram ao mito de Tântalo para explicar a entrega aos apelos aliciadores dos produtos semiculturais (ADORNO & HORKHEIMER, 1986, p. 131). Tântalo pagou um alto preço por ter furtado os manjares dos deuses para entregá-los aos homens. Sua maldição resume-se no seguinte: quando tinha sede e se aproximava da água, ela se afastava; quando tinha fome e se aproximava das árvores, seus frutos eram negados. (ZUIN, 1999, p. 81)

Para se manter, para que continue produzindo e vendendo, o capitalismo necessita dessa massa relativamente autônoma e absolutamente inconsciente. Oferece, então, aos ouvidos incautos, o canto sedutor das sereias do consumo e, para tanto, se

utiliza de todos os recursos das propagandas, nem sempre explícitas, veiculadas através dos meios de comunicação.

Seu objetivo é fazer com que os sujeitos, seres humanos reificados, sintam-se no comando da situação, livres, poderosos quanto às suas escolhas, sejam elas de objetos, artes, tempo e forma de lazer, maneiras de se vestir e se portar, linguagem, conduta sexual e padrões de moralidade e ética, religião, partidos políticos, etc.

Na consecução de seu projeto político, que visa a submissão das massas, ficam imperceptíveis todas as estratégias e manobras arquitetadas pelos detentores do poder econômico.

Uma verdadeira indústria se coloca por trás da pseudo arte veiculada pelas emissoras de TV, de rádio e pela Internet: músicas que obedecem a um padrão de repetição de ritmos e letras, com mensagens que apelam à sensualidade recalcada, que obedecem a uma regra de obviedade em que se evitam surpresas e inovações, ou seja, um esquema de “conhecimento” habilmente tecido para que o indivíduo não pense, não questione e curve-se ante o que é inevitável e palatável ao seu gosto intencionalmente mal desenvolvido. É claro que de arte e cultura nada existe nas músicas e programas impostos. O embotamento das mentes é evidente e não resiste à mais tênue análise.

A impossibilidade de acesso a bens maiores da cultura e da economia, sentida pelas massas como uma fatalidade naturalizada, resolve-se psicologicamente no falso micro poder que sentem ao opinar sobre qual é o “brother” que deve permanecer ou sair da “casa”, ao adquirir a cópia barata da jóia usada pela atriz da novela ou beber a cerveja que o milionário jogador de futebol recomenda. Dá-se, assim, forma aparente ao que é informe.

A massa adquire um contorno mal definido, sem personalidade, sem veios de alteridade ou auto consciência. Se existir é compreender o ser, é ir ao encontro do outro, o que temos, na atual conjuntura forjada pela indústria cultural, são zumbis que transitam pela vida sem viver, sem vivenciar aquilo que a palavra vida carrega de mais precioso.

Vigora o medo da invisibilidade e da dissolução do eu. Paradoxalmente, esse temor da extinção ou da invisibilidade engendra a própria dissolução e, mais grave ainda, anula o ser, propiciando o recrudescimento da barbárie, companheira inseparável da civilização. Barbárie e civilização contêm-se. Uma guarda a semente da outra.

O homem sente, de forma tênue e inconsciente, sua dissolução e tenta preservar-se, tenta ser alguém e a mídia lhe diz que para ser alguém é preciso consumir:

[...] “ter um perfil consumidor digno de nota significa ser *alguém*”. Quem nem mesmo consegue fazer-se percebido para ter tal perfil simplesmente não conta: não é *ninguém*”. (TÜRCKE, 2010, p. 41)

O *horror vacui*¹⁰ é exemplificado pelo “homem tomando banho de sol” de Günther Anders, exposto por Türcke em “Sociedade Excitada”. Trata-se do homem, o homem atual, que por horror à vacuidade, à não percepção e ao não ser percebido (*esse est percipi*¹¹ de Berkeley), dissolve sua concentração e pensamentos – dissolve-se – em múltiplas atividades: o homem em questão toma banho de sol enquanto lê jornal, masca chiclete e ouve música. (TÜRCKE, 2010, p. 44-47)

É dentro desse contexto que a morte midiática configura-se como uma das piores mortes para o homem atual. A cultura, há bem pouco tempo vinculada à transmissão tradicional de saberes acumulados por gerações e gerações, transformou-se em informação descartável de “curto prazo” que o homem absorve e elimina à velocidade da luz. O que conta é a espetacularização.

O espetáculo de uma flor desabrochando, do nascer e do por do sol, de um céu estrelado, do nascimento de uma criança e tantos outros, antes vistos com espanto e maravilhamento, foram esmaecidos e perderam colorido diante da espetacularização das máquinas modernas, dos genocídios e das bombas – a flor que desabrocha com seu poder mortífero sobre Hiroshima e Nagasaki.

Não que a espetacularização seja um fenômeno novo. Ela foi recrudescida e ampliada pela mídia, pelo poder das máquinas sobre o homem e sua identificação com elas.

As lutas de gladiadores na Roma Antiga, o espetáculo dos leões devoradores de cristãos e mesmo as construções de templos como o do Rei Salomão ou do Empire State Building atestam o desejo do homem de viver o espetáculo, de ser, ele mesmo, um espetáculo.

¹⁰ *Horror vacui*. Medo do vazio. Para maiores esclarecimentos ver Türcke, 2010, p. 43-45.

¹¹ *Esse est percipi*. Conceito básico do pensamento de Berkeley – “ser é ser percebido”. Ver Türcke, 2010, p. 39-48.

Nada é novo na face da Terra. Os acontecimentos e as ações humanas ganham novos contornos de acordo com a conformação política, social e econômica de cada época, mas, por trás de tudo, há um desejo atávico de espetacularização. A novidade é o fato de que um por de sol já não se constitui mais em espetáculo. Trivializou-se. É preciso mais, cada vez mais.

Frequentemente presenciamos avalanches de acontecimentos, amplamente divulgados pela mídia, que exemplificam de forma clara como tragédias e eventos auspiciosos se sobrepõem, roubam a cena e direcionam os interesses, conforme o desejo dos meios de comunicação: em um só pacote de notícias, os casamentos dos príncipes, os terremotos, os tsunamis e a morte de procurados terroristas se atropelam na mídia, uma notícia roubando o espaço da outra e, por fim, deixando o público com apenas vagas noções de tudo, ou seja, com nada, mas com a sensação de ser pertencente, participante, bem informado.

A cada dia, torna-se mais necessária uma reflexão sobre os mecanismos de produção, sobre os sistemas políticos que não correspondem aos anseios mais profundos do homem, sobre a avalanche de informações produzidas por uma mídia ideologicamente conduzida, sobre os caminhos e descaminhos das ciências em suas aplicações, muitas vezes perniciosas, sobre a desumanização das relações e, sobretudo, acerca do processo de alienação a que vem sendo condenada a humanidade. Essa reflexão faz-se imprescindível caso não desejemos, em um futuro não muito distante, testemunharmos o caos individual e social. É preciso que o homem entenda seu entorno, reflita sobre as consequências de sua ausência e distanciamento da realidade que está sendo construída sem que ele mesmo contribua, opine e participe.

Obviamente, a educação desempenha um papel preponderante na emancipação.

Deve-se, porém, evitar o exagero de atribuir exclusivamente à educação a tarefa da formação e emancipação do homem, pois, conforme diz Wolfgang Leo Maar na introdução de “Educação e Emancipação” (1995), citando o próprio Adorno, a educação não é, necessariamente, fator de emancipação. Essa afirmativa, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não traz em si nenhuma minimização do papel da educação, mas consiste apenas em um alerta quanto à necessidade de uma crítica permanente e global da realidade, uma análise que leve em conta a totalidade das áreas de atuação humanas.

É comum lermos e ouvirmos considerações de educadores, filósofos e outros pensadores que hiperdimensionam o papel da educação, como se ela fosse um compartimento estanque, alijado de qualquer influência econômica, política e social. É evidente que, como parte de um todo em que se insere, de um contexto social que a determina, a educação está a ele atrelada. A educação não pode ignorar o seu entorno, como não pode, simplesmente, identificar-se e colaborar com ele; cabe à educação manter e desenvolver uma análise crítica da realidade que a cerca e utilizá-la como instrumento de emancipação.

Em “Teoria da Semiformação”, Adorno (2010) destaca a necessidade de se focalizar a educação dentro do contexto extrapedagógico:

Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Podem até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural. [...]. (p. 8)

Reforçando essa ideia de que a busca de soluções para as questões educacionais que se apresentam não podem ser focadas apenas nelas mesmas, Mészáros afirma que:

[...] uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança. (2008, p. 25)

[...] é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. (id., p. 27)

1.2 Uma nova sensação

Esse olhar crítico sobre os caminhos da educação implica em uma reavaliação do sentido da vida, no sentido que se tem dado a ela diante dos tantos apelos que o mercado e a mídia (a seu serviço) introduzem em nosso dia a dia.

Para que se possa fazer uma análise não superficial da questão é preciso que façamos uma avaliação do que é ser, viver, experimentar e experienciar. Para esta reflexão, tomemos como base o psicologismo de Berkeley, conforme abordado por Morente:

A percepção, como vivência, é o único que constitui o ser. Não me é dado, em nenhuma parte, um ser que não seja percebido por mim. Imaginem, diz, uma realidade que não seja percebida, nem possa sê-lo, nem esteja comigo, em suma, em nenhuma relação vivencial. Dessa realidade não tenho eu a menor noção; não conheço dela nada, não somente ignoro em que consiste, mas nem sequer sei se existe; porque se conhecesse que existe, estaria com ela numa relação vivencial mínima, que é a de existir, e de existir para mim, porque se para mim também não existe, nem sequer posso falar dela. De modo que ser não significa outra coisa senão ser percebido. (MORENTE, 1930, p. 184)

Esse pensamento é ratificado, bem mais tarde, por Heidegger em sua asserção de que apenas o homem existe. Uma rocha é, mas não existe; para que uma existência seja considerada como tal faz-se necessária a capacidade de vivenciar, contatar realidades e com elas interagir.

A experiência das coisas é, pois, fundamental para a construção do conhecimento e, mais, para a constituição do ser em sua totalidade.

Um olhar menos crítico sobre a vida dos homens atuais e suas relações pode, de imediato, levar o analista incauto à conclusão de que nunca antes o homem viveu tantas experiências, nem viveu tão intensamente sua relação com o mundo.

Nesse ponto cabe uma reflexão acerca da qualidade e do nível em que se processa essa vivência e em que sentido ela conecta-se à realidade.

O que se constata, ao pensarmos sobre os níveis de realidade em que se circunscrevem as relações e as experiências nos dias atuais, é um movimento solipsista¹² que, a despeito da aparência de uma interação ativa, tende a isolar cada homem em um mundo particular, vivendo a vida através de um monitor de computador ou de uma tela de TV. Um tipo de vivência fantasmagórica. Essa relação espectral com o mundo e com o outro acaba por tornar-se uma relação esvaziada consigo mesmo.

¹² Crença filosófica de que, além de nós, só existem nossas experiências.

É uma forma que o homem encontra de subtrair-se do mundo que se lhe afigura hostil, violento, amedrontador e difícil de ser entendido. Tal qual o soldado que volta da guerra, tendo experimentado situações limite de dor e medo e não quer ou não consegue verbalizar o sentimento e evita pensar, assim reage o homem atual diante das atrocidades que presencia (na maior parte das vezes, virtualmente) ou das quais tem conhecimento.

Após Auschwitz e episódios mais recentes como a queda do World Trade Center, os massacres de Colombine e Realengo e outros tantos semelhantes que se tornam cada vez mais corriqueiros é, até certo ponto, natural que o homem busque refúgio no distanciamento dessa vida tão complexa e além de sua compreensão. É preferível silenciar diante de uma tela qualquer, tapar os ouvidos com um fone a ter que encarar uma realidade dolorosa.

É óbvio que essa multidão de seres em fuga não tem noção do processo em que vive. A impressão que têm é a de estarem vivendo e participando, mas são o silêncio e a passividade que dão a tônica de suas vidas.

A respeito da perda da experiência, Walter Benjamin, no ensaio “Experiência e Pobreza”, diz:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história universal. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...] Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos, viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto pelas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. [...] Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e visões de mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, confessemos: essa pobreza não é apenas em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie. (BENJAMIN, 2012, p. 124-125)

O homem vive atualmente em estado de guerra permanente, uma guerra fria não menos dilacerante que qualquer guerra de campos e trincheiras, tendo o agravante de

não ser declarada: é sub-reptícia, dissimulada em sua estratégia de incentivar a competitividade, em lugar da solidariedade e do compartilhamento, o consumo desvairado, em lugar da sabedoria de vida.

Diante desse panorama, nada frutífero e feliz, que tipo de homem se constrói? Há ainda lugar para a arte, para o amor e para uma retomada do ser? O que pode fazer a educação em prol do resgate do valor individual e de uma sociedade mais humana e menos individualista?

No capítulo dois, procuraremos encontrar algumas respostas para o dilema em que se encontra o homem, na encruzilhada da realização pessoal e social, levando em conta o emudecimento do ser diante de uma realidade adversa, emudecimento que o incapacita para a comunicação de suas ideias e sentimentos, em uma clara perda da habilidade narrativa, essencial para a construção do sujeito e da civilização.

As formas de comunicação truncadas de uso comum nas redes sociais e nos correios eletrônicos propiciam o desvanecimento de uma linguagem mais elaborada, capaz de traduzir pensamentos, emoções e sentimentos e de transmitir ideias mais abstratas, ao mesmo tempo em que empobrece a comunicação.

Amplo é o leque de questionamentos que se abre diante dessa realidade e muitos são os caminhos a serem pesquisados, uma vez que diversos aspectos da vida e do ser são tocados por essa realidade vivida virtualmente.

É importante considerar, também, as novas noções de espaço e tempo eclodidas nesse novo esquema de comunicação e vida. A noção de espaço foi alienada do mundo real para ancorar-se na virtualidade – espaço onde a grande maioria vive, quase que com exclusividade. A convivência com o outro já não é mais a de encontros à beira de uma fogueira ou nas calçadas das ruas tranquilas de uma cidade qualquer. Deixaram de despertar interesse as narrativas tradicionais de assombrações, histórias da infância de cada um, a transmissão de uma tradição enriquecedora. Tudo se resume ao “agora”. Perdeu-se a perspectiva de tempo e o espaço deixou de ser o do mundo real em que a tradição era mantida, transmitida e perpetuada. O novo espaço é o das *lan-houses*, da cadeira diante do monitor e da frieza comunicativa.

A educação, em nome da modernização e da adaptação, tem optado por acompanhar os alunos, criando uma situação em que os educadores têm a obrigação de

lhes assimilar os conceitos empobrecidos, há muito prejudicados pelas limitações impostas pelo sistema.

Ainda no segundo capítulo, atentaremos também para a responsabilidade atribuída aos educadores em relação à emancipação dos educandos. Estarão esses educadores mal formados, frutos de um sistema educacional com inúmeros resquícios da ditadura e totalmente castrados em sua criatividade e senso crítico, aptos a desempenhar essa titânica tarefa?

Como tem esse educador lidado com a nova realidade despejada sobre todos nós e que exige aptidões de acessibilidade às redes e nas quais se deparará com os subterrâneos das relações desenvolvidas em salas de aula, nas escolas e na vida?

Qual o papel que a escola desempenha nesse intrincado enredo? Até que ponto a educação tem funcionado como mera reprodutora de ideologias, graças às limitações impostas pelo longo período de alienação a que foram sujeitos os atuais educadores?

Muitas são as questões que merecem uma análise e uma reflexão mais acurada.

Argumentam alguns defensores da informatização da vida que, ao pesarem os prós e contras da Internet na vida dos estudantes, a liberdade de expressão por ela propiciada compensa o seu eventual mau uso, o lado sombrio de que temos notícia: pedofilia, sexo virtual, mercado de drogas de toda espécie, *sites* que incentivam e dão receitas de suicídio, indução moral e religiosa, neonazismo e outros.

Um forte sentimento de onipotência acobertado pelo anonimato e a sensação de estar incluído em um mundo, seja este qual for, se manifesta nas páginas da Internet.

Os escravos de um sistema que de todas as maneiras confabula contra eles, sentem-se livres, seres alados prontos a alçar todos os voos quando, em sua linguagem truncada, manifestam desagrados, insatisfações e mágoas, no *Orkut*, no *MSN* e em outros *sites* similares.

O fato é que um estudo de tudo quanto se desenrola nas páginas da Internet pode servir como uma anamnese, o traçado de um perfil da situação, capaz de diagnosticar os pontos fracos e doentios das relações estabelecidas nos meios educacionais e extra-educacionais.

Será a educação, por si só, capaz de alterar um quadro econômico, social e cultural tão solidamente estabelecido?

Em que momento da vida perdemos a autonomia? Já a tivemos? Em que instante assumimos o viver oniricamente, destacados da realidade? Que papel desempenharam para este quadro as forças sócio-econômicas e os processos educativos?

Ao renunciar, em 1961, o presidente Jânio da Silva Quadros atribui o seu ato ao poder de “forças ocultas”¹³. Um termo vago, que nada diz, mas que, na atual conjuntura social, política e econômica em que se inserem os milhões de brasileiros pode ter algum sentido. Há, sem dúvida, forças ocultas minando a criatividade, a liberdade, a inserção social e o cultivo da cultura de alunos, professores e demais componentes da sociedade.

Ao contemplarmos o panorama das relações que se desenvolvem entre professores e alunos, permeados pela tensão social, competitividade e ressentimentos, o papel que exercem as redes (*Orkut, Facebook, Youtube, etc.*) adquire um caráter determinante e de suma importância no diagnóstico dessa misteriosa relação.

A ideologia subjacente, o engodo global, a anuência acrítica, o tornar-se invertebrado diante das determinações do sistema naturalizam-se.

No segundo capítulo deste trabalho serão contempladas todas essas questões que devem ser levadas em conta no balanço das ações e resultados da educação na atualidade.

1.3 Semiformação e semicultura

É impossível falar de conceitos como democracia, autonomia, liberdade, atuação social, igualdade, sem que se faça, concomitantemente, uma abordagem do conceito de formação, que se vincula estreitamente a outro: o conceito de cultura.

Cultura não deve ser entendida aqui no restrito sentido de “algo para poucos”, voltada para o cultivo de um conhecimento erudito, mas, no sentido abrangente de realizações humanas nos mais variados campos de ação. Refere-se a tudo quanto o

¹³ Eleito democraticamente, Jânio Quadros (1917-1992) tomou posse em janeiro de 1961. Renunciou no dia 25 de agosto do mesmo ano, afirmando ser vítima de "forças ocultas". *Livraria da Folha*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/787752-forcas-ocultas-ja-derrubaram-um-presidente-conheca-janio-quadros.shtml>>. Acesso em 12 nov 2011.

homem produz, intuitivamente e por necessidade, assim como noções construídas, ensinadas e transmitidas nos processos educacionais, formais ou informais.

É dentro de determinada cultura que cada grupo humano se forma, adaptando-se e adaptando o meio ambiente e as condições naturais a suas necessidades.

O conceito de cultura é polissêmico: perpassa as perspectivas filosóficas, antropológicas e históricas. A verdade é que a formação cultural, qualquer que seja a ótica sob a qual seja vista, baseia-se nas fontes de conhecimento, nas maneiras pelas quais esse cabedal de crenças, conceitos éticos e morais, costumes, produções artísticas, padrões familiares, etc., são construídos. Nessa construção, a formação é preponderante.

Determinações externas ao indivíduo e ao grupo a que pertence influem na estruturação da cultura em que ele se insere; ele (o homem alijado dos grupos hegemônicos), por sua vez, é determinado por tais imposições. Essas determinações externas emanam das hegemonias econômicas e políticas que, defendendo seus próprios interesses, tentam de todas as formas tornar invisíveis e, até certo ponto, inviáveis, os homens.

A partir dessas colocações, torna-se possível uma visualização das formas pelas quais essa formação vem sendo realizada e que papel têm desempenhado a escola, a comunidade e a família na construção de uma sociedade mais humanitária, formada por sujeitos ativos, cômicos de suas responsabilidades e potencial de ação.

Para que tenham garantidas a sua continuidade, as engrenagens do sistema de produção capitalista necessitam de “peças básicas” que as mantenham em movimento. É a partir dessa necessidade do sistema que se conduzem os processos educativos e formativos, elaboram-se currículos e estabelecem-se as relações dentro da escola.

Essa sociedade massificada pelos efeitos das diretrizes formativas impostas é um terreno fértil para a germinação das sementes do ressentimento mudo das classes dominadas que, nos dias atuais, acabaram por encontrar suas tribunas nos programas populares da TV e na Internet.

O som das vozes que ecoam nesses espaços virtuais, tornados tribunas, é marcado pelo acriticismo, fruto do senso comum, das repetições mânticas de defesa contra a invisibilidade, por meio da agressão – a mesma da qual se sentem vítimas.

Adorno e Horkheimer, na “Dialética do Esclarecimento” (1985), afirmam que “A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas” (p. 105). Uma violência que é evidente na forma pela qual o homem tem sua capacidade racional subestimada, no momento em que se lhe impõe uma educação que não o forma, em que falsas promessas de felicidade baseadas nos bens que a sociedade industrial precisa vender lhe são compulsoriamente apresentadas e em que ele é educado para ser vassalo da indústria, sem vontade própria e sem possibilidades de escolhas.

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhe prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. (1985, p. 115)

A sociedade de produção e consumo não pode correr o risco de formar verdadeiramente os cidadãos, educá-los para a plenitude de realização pessoal e social. Uma formação (*Bildung*) emancipadora tornaria vulneráveis as bases sobre as quais se assentam todo o sistema que se pretende perpetuar. Vem da possibilidade ameaçadora que representaria para o *status quo* uma educação verdadeira, a estruturação de um ensino não formativo, ou semiformativo, gerando indivíduos submissos à ideologia vigente.

O objetivo é, pois, manter os homens na condição de massa não pensante, alienados dos processos decisivos que lhes dizem respeito, educando-os para a naturalização das desigualdades.

As escolas, hoje, podem ser caracterizadas como escolas de patrões e escolas de empregados.

A universalização do ensino, meta das diversas instâncias governamentais, foi dada como matéria de urgência e passou a absorver um contingente de crianças e jovens para o qual não havia estrutura material, professores e nem planejamento capazes de bem levar a cabo o projeto.

O que hoje se vê é uma estrutura educacional gigantesca que se apóia sobre bases frágeis: professores mal formados em universidades que surgiram para absorver os inúmeros alunos da escola pública, provenientes de classes econômicas e sociais sem

privilégios que, utilizando a metáfora de Adorno e Horkheimer, devem se contentar com a leitura do cardápio.

1.4 O papel da educação

Se, por um lado, a ação deletéria da indústria cultural configura-se como fator determinante no estabelecimento do estado a que chegou a educação, trazendo consigo a descrença e fomentando a competição em lugar da colaboração, do individualismo ao invés da ação coletiva, não podemos ignorar o fator psicológico do desejo de identificar-se com o todo.

Provavelmente, mecanismos de defesa psicológica contra as agressões da vida e do sistema, do mundo e do outro e, quem sabe, de si mesmos, propiciem essa tendência à servidão frente aos apelos midiáticos. Não estará o homem resguardando sua saúde mental ao trilhar essas vias de fuga, uma vez que não se sente capaz de suportar abertamente toda a barbárie existente? Embriaga-se de amenidades, que sabemos serem contrárias à plena formação de um ser, para não sentir a dor da vida, para não pensar.

Esse envolvimento inconsciente do ser com os apelos da indústria cultural, com a mídia e com o mercado não são mais que a busca de quem sente que se perdeu: perdeu identidade, subjetividade e até valor. Não mais que um ato de autoafirmação desesperado de quem deseja ardentemente fazer-se notar, seja pelo consumo dos bens recomendados pelos meios de comunicação, seja pela emissão de sua fraca voz nos *sites* de relacionamentos, *blogs*, *Youtube*, etc.

O alcance das informações e das notícias e a velocidade com que são veiculadas pelos novos meios de comunicação aportaram naturalidade às tragédias e às celebrações, reduzindo nossas capacidades de comoção, emoção ou encantamento. Pela repetição dos eventos *ad nauseam* (guerras, enchentes, furacões, acidentes e catástrofes de toda espécie), a dessensibilização instalou-se e a mídia, “sensível” à sua necessidade de aumentar seu público e garantir seus patrocinadores e ganhos, apela para o recurso de transformar em grandes espetáculos um crime, uma tragédia passional, uma catástrofe natural ou uma guerra.

De acordo com Aristóteles, na “Metafísica”, “É por força de seu maravilhamento que os seres humanos começam [...] a filosofar”. (2006, p. 47)

Na atualidade, o que mais espanta é a incapacidade generalizada de não se espantar, a não ser que o acontecimento traga uma carga explosiva de apelos sensoriais. A mente e o corpo humanos exigem cada vez mais para poder sofrer algum tipo de afecção.

Se a grande maioria deixou de se espantar com fenômenos, fatos, paisagens, relações, obras de arte e encontros naturais, há ainda os que se espantam e são afetados pela constatação do vazio em que a humanidade vem se engolfando. É nesses que o maravilhamento (*tò thaumázein* – o admirar-se e *pathos* – tipo de afecção que corresponde a estranhamento), ao invés de suscitar a frieza, a insensibilidade e o distanciamento da vida, desencadeia a reflexão e a busca de caminhos que possam resgatar o tempo da delicadeza e da convivência humana menos permeada pela sensação e mais pela emoção.

A Teoria Crítica com sua constante capacidade de renovação, transitando por diagnósticos de épocas, pretende, essencialmente, elaborar uma análise permanente das diferentes realidades que surgem em cada momento político, social e econômico e, a partir dessa reflexão, apresentar as possibilidades de emancipação, assim como as dificuldades que se apresentam à sua consecução. É levando-se em conta essa capacidade de renovação da Teoria Crítica que se pode considerar a Escola de Frankfurt como a base teórica de todas as outras linhas de pensamento que a seguiram. A Teoria Crítica, justamente por seu caráter dinâmico, sua atualização de acordo com cada momento histórico, é sempre atual e suas propostas emancipatórias sempre têm algo a dizer e a acrescentar à compreensão dos processos que determinam a realização pessoal e social do homem.

Entender e refletir são verbos de ação, conforme os classifica morfologicamente a língua portuguesa. Que tipo de ação pode-se esperar de uma massa narcotizada pelo *loto*¹⁴ midiático? Parece estarmos diante de uma aporia. De onde poderá partir uma ação emancipadora? Das estruturas de poder que estão comodamente usufruindo de todas as

¹⁴ Referência ao episódio homérico, narrado na Odisseia, em que Ulisses e seus homens sob o efeito do *loto*, narcótico ministrado a eles pelos lotófagos, quedavam-se em estado de semi-consciência. “Ora, quem quer que saboreasse esse fruto doce como mel, não mais queria trazer notícias nem voltar, mas preferia ficar ali, entre os Lotófagos, comendo loto e esquecido do regresso”.

vantagens que as massas lhes garantem? Das massas acomodadas? Como se pode esperar uma reforma educacional edipiana em que o filho (a educação) mate o próprio pai (o sistema)?

Contra a desumanização dos meios de comunicação e das relações dentro da escola, uma tentativa que pode, se não surtir efeitos, pelo menos se configurar como um primeiro passo em direção ao fim do estranhamento que se apresenta, é a da utilização dos mesmos meios (redes sociais, *Youtube, Orkut, Twiter, Facebook*) para se promover um diálogo, uma aproximação entre professores e alunos, escola e comunidade. E que seja um diálogo permeado de humanismo e sensibilidade.

Essa aproximação que se almeja extrapola os limites dos muros da escola. O que constatamos em matéria de tensão e estranhamento que se materializam nas agressões e dificuldades relacionais no ambiente escolar não é mais que reflexo reduzido da realidade social em que vivemos. Não se pode esperar ou exigir demais de alunos, professores e dirigentes naufragados, vitimados pelo canto das sereias da indústria cultural.

É sobre os ombros do educador (nem sempre bem formado e bem resolvido) que acaba por recair a responsabilidade de reverter o quadro, resgatar a humanidade e a sensibilidade do ser.

Posta a formação, às vezes deficiente e, quase sempre, influenciada pelos apelos midiáticos, depreendemos que a tarefa de um educador é sobre-humana, exigindo de cada um uma capacidade de superação, idealismo e disposição para o sonho e a esperança, nem sempre encontrados.

Editorial publicado em “O Diário”, órgão de comunicação de Maringá, no Paraná, em 12 de setembro de 2009, sob o título “Tecnologias: escravidão digital ou emancipação analógica?”¹⁵, traz uma reflexão sobre a questão das duas faces da tecnologia no que se refere à libertação ou escravidão.

¹⁵ Tecnologias: escravidão digital ou emancipação analógica. Editorial. *Diário.com*. Maringá (PR). Disponível em: <http://www.odiariorio.com/opiniao/noticia/225560/tecnologias-escravidaodigital-ou-emancipacao-analogica/>. Acesso em 20 ago 2012.

Nem salvação, nem perdição. Nem escravidão, nem emancipação. Como ocorre com qualquer ferramenta, as tecnologias vigentes podem ser utilizadas de forma autônoma, emancipadora e interativa se nós, cidadãos e sujeitos de nossa própria história, fizermos o exercício de antes compreender a natureza das tecnologias que aí estão e refletirmos sobre o seu potencial. Depende da maturidade ética de quem as usa e para que fim.

Não seria possível a existência em sociedade sem um processo de adaptação e integração à vida, com toda sua dinâmica transformadora, e às diretrizes básicas estabelecidas com o fim de propiciar uma convivência harmoniosa entre os homens. No entanto, é importante que essa adaptação seja refletida e não imposta indiscriminadamente por um sistema visando interesses velados. Adaptação não deve significar escravidão, anuência por hábito.

Sob pressão extrema, em situações em que se vê ameaçado ou detecta perigo em relação às suas crenças, patrimônio material ou cultural, por impulso de autopreservação, o homem reage. Isto acontece não só no aspecto individual, mas, também, no grupal.

No decorrer da História humana temos uma gama extensa de exemplos de resistência nascida da pressão: a luta dos cátaros, no Languedoc, contra a ação criminosa da Cruzada Albigense, a resistência dos franceses contra nazistas e colaboracionistas durante a Segunda Guerra Mundial e, mesmo, a resistência poética de Victor Jara e Violeta Parra contra o arbítrio da ditadura Pinochet. A resistência pode se dar com o recurso às armas ou mesmo de forma pacífica e bela, como demonstraram os artistas chilenos que denunciavam as injustiças, conscientizavam a população e, dessa forma, contribuía para o fim de uma era.

El teatro, el cine y la música se constituyeron en un arma temible del agresor subversivo. Las canciones de protesta, por ejemplo, jugaban un papel relevante en la formación del clima de subversión que se gestaba: ellas denunciaban situaciones de injusticia social, algunas reales, otras inventadas o deformadas (Diario La Prensa de 26/12/1979)¹⁶

Em entrevista concedida à Folha de São Paulo, em setembro de 2010, Christoph Türcke, analisando o vício virtual, afirma que o vício é real, mas que não tem sua origem no agregado de pixel das telinhas, mas sim nos organismos físicos.

¹⁶ Disponível em: <http://elpais.com/tag/fecha/19791226/>. Acesso em 22 ago 2012.

O mundo virtual tem sua própria realidade, uma realidade prepotente, mas por outro lado fraquíssima, muito fugaz, não consistindo senão numa constelação de impulsos eletrônicos. Ao desligar a eletricidade a virtualidade desaparece.¹⁷

Frente a essa realidade em que o indivíduo sucumbe às investidas da tecnologia, viciando-se tanto quanto ou ainda mais que em relação ao vício das drogas, criando o mesmo nível de dependência e a necessidade de estímulos cada vez mais intensos e em maior quantidade, TÜRCKE acena com a possibilidade de reação, chamando a atenção para o fato de que:

[...] não vivemos num mundo predeterminado. O livre arbítrio não está liquidado. As forças dominadoras sempre provocam forças de resistência, tanto em termos educacionais quanto sociais. A História continua em aberto.

Para resistir, no entanto, é preciso que haja lucidez, consciência e ponderação nas análises do quadro que se tem à frente. Para que esse discernimento seja alcançado é preciso que se recorra à palavra cantada ou escrita, capaz de formar mentalidades, clarear a visão e apontar caminhos para a luta.

É nesse sentido que a escola pode e deve se caracterizar como um espaço de resistência, de desvelamento da real situação em que vive um povo.

Tivemos, no Brasil e no mundo, os movimentos estudantis de 1968 como um indicativo de que na educação pode-se depositar alguma esperança de construir-se uma nova realidade. Para tanto, no momento atual, é preciso que a educação se submeta a uma autocrítica sem melindres e sem autocomplacência.

Vivemos um momento de transformações profundas que atropelam o homem, que vão além de qualquer previsão realizada. Chegamos ao ponto crucial em que o “admirável mundo novo” torna-se realidade. A tecnologia invade nossas vidas, nosso cotidiano e, sem uma reflexão profunda quanto ao que ela possa trazer em matéria de perdas e ganhos, fica impossível para o homem atual controlar a própria vida, fazer previsões e escapar de qualquer dominação que possa estar nela embutida.

¹⁷ Entrevista do pensador Christoph TÜRCKE, concedida à Folha de São Paulo de 04 set 2010. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/.../793818. Acesso em 10 out 2012.

A tecnologia tanto pode atuar como elemento de emancipação, como de escravidão: ao mesmo tempo em que liberta o homem de tarefas que lhe tomam tempo, esforço físico e mental, escraviza-o pela dependência, pela submissão ao poder das máquinas, fazendo com que o indivíduo abdique de si mesmo, e da fé em si mesmo, em favor dos apetrechos tecnológicos que povoam e preenchem seu cotidiano.

A tecnologia, não obstante todos os seus aspectos positivos, tem levado o homem à inércia de pensamento. Esse homem, habitante de tão admirável mundo, abandonou os antigos mitos e deuses para eleger um novo Deus-máquina que, por sua vez, o converte em simples peça de uma imensa engrenagem.

Tudo contribui para a construção de uma sociedade hedonista que não valoriza o ser pelo que ele é. O nível e capacidade de aquisição de bens materiais passaram a ser a medida do Bom, do Belo e do Justo.

Diante de uma realidade calcada predominantemente nos ditames da economia, realidade que tem levado a humanidade à barbarização dos costumes, à impessoalidade e à aculturação, cabe aos educadores o esboço dos primeiros passos rumo ao despertar de consciências para a necessidade de mudanças gerais.

Atribuir à educação o papel de redentora social é, sem dúvida, uma insensatez, um despropósito. É colocar sobre o educador uma tarefa hercúlea, é esperar que ele seja um Atlas capaz de suportar o mundo em seus ombros.

A história da educação no Brasil, sempre vinculada a hegemonias (Portugal, França e América do Norte, cada um a seu tempo), impediu que ela adquirisse um perfil nacional independente e próximo de sua realidade. Essa limitação foi agravada pelas inúmeras reformas por que passou a educação, especialmente após as medidas introduzidas pela ditadura militar (1964-1985).

[...] a educação foi atrelada *ao mercado de trabalho, incentivando a profissionalização na escola média, a fim de conter as aspirações ao ensino superior* (Libâneo et. al. 2003, p.144) cujo número de vagas era extremamente reduzido. A Lei 5.692/71 ampliou a escolaridade básica para oito anos, fundindo o ensino primário com o ginásial e tornou profissionalizante, obrigatoriamente, o ensino de secundário, agora denominado de segundo grau. Contudo, esta lei feria os interesses da elite que não tinha qualquer interesse na profissionalização de seus filhos; não teve, portanto o apoio dos industriais a quem tinha a intenção de beneficiar. [...] Analisando-a, verifica-se que essa Lei tinha um caráter tecnicista, com destaque na quantidade e não na qualidade, nas técnicas pedagógicas em detrimento dos ideais pedagógicos, na submissão e não na autonomia. (TRINDADE & TRINDADE, s/d, p. 8)

Levado por uma contínua demanda por qualificação para o trabalho, o brasileiro passou a priorizar a conquista de um diploma qualquer, emitido por uma igualmente qualquer instituição de ensino, mesmo que ele não represente e nem se traduza em conhecimento ou competência.

A extrema capitalização da economia subtraiu o valor do trabalho, priorizou a vida urbana e desqualificou a gente do campo; a mítica do diploma e do currículo farto retirou o mérito das aptidões naturais de cada indivíduo.

A literatura brasileira é pródiga na demonstração de nossas dependências e vinculações educacionais aos padrões educativos das metrópoles de cada tempo. Em Machado de Assis, Macedo e Alencar encontramos sempre o jovem descendente de portugueses enviado a Coimbra, Lisboa ou Paris para a consecução de seus estudos.

Nos dias de hoje, famílias de classe média investem todas as suas economias nos intercâmbios culturais, mandando seus filhos para a Austrália, os Estados Unidos, o Canadá e a Inglaterra para que eles, por meio da aquisição do domínio de uma segunda língua e cultura, tenham maiores chances de sucesso dentro do Brasil.

Mesmo considerando os aspectos positivos e até necessários do intercâmbio cultural em um mundo globalizado, como fator de integração, cosmopolitização e quebra de fronteiras, não podemos deixar de levar em conta os perigos de uma dependência descaracterizadora da riqueza cultural e das necessidades de cada povo, não se minimizando a importância de, dentro do global, manterem-se as individualidades.

Não se pode ignorar o fato de que a educação está inserida em um quadro amplo de aspectos e dos quais não pode ser destacada. Dessa forma, uma reformulação da educação é impossível sem as correspondentes alterações dos demais setores.

Um tópico crucial que tem sido relegado a planos subterrâneos é o que se refere à formação dos educadores. Educadores mal preparados, repletos de inseguranças, entram em sala de aula com a orientação de ministrarem “qualquer coisa”, visto que “os alunos não entendem nada mesmo...”, “Não serão nada na vida...”. Ao invés de elevar os padrões artísticos e culturais dos alunos, apresentar-lhes um mundo de beleza e novos conceitos, os professores são induzidos a trabalhar com as músicas de gosto, no mínimo, duvidoso, já assimiladas por eles. O professor é orientado a adaptar-se aos

gostos periféricos de seus alunos para poder conquistá-los e conseguir atrair atenções. Enfim, conseguir chegar ao término de seus quarenta ou cinquenta minutos de aula. Nada mais.

Há uma inversão de valores. A educação rebaixa-se, adotando as regras de um sistema muito bem arquitetado e que tem a finalidade de embrutecer as mentes, fazer com que elas transitem apenas pelos padrões do submundo cultural.

Há que se considerar, por outro lado, a desvalorização do educador e a falta de motivação decorrente do *status* a ele atribuído pela sociedade. Salários não condizentes com a responsabilidade a ele atribuída e a árdua tarefa de, sobretudo na escola pública de educação básica, mais que transmitir conteúdos, ensinar a uma população carente e desinformada as noções básicas de higiene, princípios rudimentares de moralidade e ética, autovalorização e um mínimo de consciência da realidade que os cerca.

Mészáros enfatiza a necessidade de que haja uma mudança estrutural significativa da sociedade para que as transformações educacionais não permaneçam limitadas a pequenos ajustes destinados a “corrigir algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida”. (2008, p. 25)

A inter-relação estreita entre educação (formação do homem) e panorama sócio-econômico em que essa educação se insere torna difícil o estabelecimento de estratégias que venham a alterar significativamente a situação marcada por deformações em todos os aspectos. Mészáros ressalta ainda que é impensável uma reformulação educacional sem a correspondente mudança no quadro social, afirmativa que corrobora o pensamento de Adorno quando este diz que a educação sem crítica não se transforma e nem transforma a sociedade.

Além dessa superposição de causas e efeitos, dificilmente destacáveis das duas áreas (econômico-social e educacional), a complexidade das relações sociais, que há muito deixou de apresentar a face óbvia de luta de classes para repousar sobre a luta pela dignidade, inserção social e conquista da cidadania, tornam a solução do enigma ainda mais intrincada e o encontro de soluções uma tarefa cíclica e interminável, como o rolar de uma rocha montanha acima, um esforço de Sísifo¹⁸, o que nos leva a

¹⁸ Personagem mitológico grego condenado a rolar um rochedo montanha acima. Símbolo do esforço ininterrupto e sem perspectiva de conclusão.

questionar se há possibilidade de, em algum dia, virmos o ideal de uma sociedade justa e igualitária, com garantia de educação e dignidade gerais, ser alcançado.

A complexidade a que nos referimos não se limita aos aspectos sociais e econômicos. Ela ultrapassa os limites da vida objetiva e material e recrudesce sua ação sobre a formação dos homens, por meio de um determinismo cultural seletivo e tendencioso.

Os limites delineados pelo pensamento capitalista, que precisa ser ultrapassado, de acordo com o pensamento de Mészáros, são endossados e subliminarmente reforçados pela ação midiática. Estabeleceu-se uma regra de um nível de alienação desejável para a manutenção do *status quo*. A mídia é o instrumento poderoso e supremo dessa estratégia, veiculando pseudo arte e pseudo realidades que funcionam como o *loto* dado a Ulisses e seus homens. O *loto* seria uma erva capaz de, com seus efeitos entorpecentes, provocar o esquecimento de suas origens e seus objetivos e mergulhar os homens na ilusão de felicidade inconsciente.

{...} não pensaram em matá-los, senão que lhes deram *loto* a comer. Ora, quem quer que saboreava (sic) esse fruto doce como mel, não mais queria trazer notícias nem voltar, mas preferia ficar ali, entre os Lotófagos, comendo *loto* e esquecido do regresso. (HOMERO, 1979, p. 83)

É essa acomodação decorrente de uma narcose que provoca a inconsciência que a mídia, com suas propagandas, formação de conceitos éticos, morais e referenciais de vida desencadeia na população. Distancia os indivíduos de si mesmos, assim como do outro e da vida, naquilo que ela tem de mais profundo. Uma anulação total de sentimentos de alteridade e de individualização. Esse esquema de formação objetiva que cada indivíduo assuma as diretrizes do sistema como se fossem suas, os desejos do mercado como se fossem seus. O *loto* das novelas, *reality shows* e anúncios publicitários assume o lugar que deveria caber à cultura e à formação. Tudo rola sobre a esteira do “quanto mais alienado, melhor”.

Alunos do ensino médio, marcadamente os do ensino público, jovens considerados aptos a pleitear uma vaga em universidade deparam-se com uma incapacidade total de analisar, opinar e dissertar sobre qualquer tema. O vocabulário é limitado, a capacidade de compreensão de um texto básico é totalmente deficiente e,

quando instados a produzirem um texto sobre o tema em discussão, desesperam-se diante da solicitação de que o façam em quinze ou vinte linhas.

O que temos visto até agora é a utilização do sistema educacional como força ideológica pronta a solidificar o sistema. Estando a educação sujeita aos ditames do sistema estabelecido, não se vislumbra uma solução para os problemas educacionais que se apresentam e que são gerados por este mesmo sistema.

As propostas realmente transformadoras só podem partir de grupos organizados e comprometidos com o ideal de uma educação humanizadora e que confira dignidade a todo cidadão. Isto porque, romper com a lógica do capital não faz parte dos planos do poder e, a cada dia que passa, a falta de direito a uma vida digna é naturalizada pelo homem comum. A mídia colabora de maneira contundente e eficaz com a perpetuação e agravamento da situação, uma vez que atua como instrumento do poder e perpassa toda a vida do homem atual, começando pela educação.

O vínculo entre as teorias de Istvan Mészáros e Adorno repousa sobre o fato de a semiformação ser condição de manutenção da lógica capitalista. São estreitamente ligadas e interdependentes. Ambas precisam ser superadas. Uma discussão potencialmente muito polêmica e frutífera caberia nesse ponto, porém, por não se constituir no objetivo central deste trabalho não será aqui desenvolvida.

Até o surgimento da imprensa, com Gutenberg, no século XV, a educação não sofria influências externas ao ambiente acadêmico. Hoje, a ação midiática sobre a vida dentro e fora das escolas adquiriu uma força tal que é absolutamente adequada sua qualificação como sendo o quarto poder, capaz de formar opiniões, desencadear ações, estruturar uma nova linguagem e estabelecer preferências.

As informações que antes demoravam meses para viajar de um lugar a outro, por via marítima ou no lombo de animais, carruagens e outros meios de transporte tradicionais, hoje penetram todos os recantos de um país, todos os espaços do mundo a uma velocidade inimaginável. A velocidade da transmissão dos fatos e notícias, que sempre esteve atrelada ao desenvolvimento dos transportes, ganhou força extrema com os atuais níveis de inovação dos meios de comunicação.

O papel desempenhado pela televisão é cada vez mais marcante. Toda e qualquer pequena comunidade perdida e fisicamente distante de qualquer centro urbano encontra-se “decorada” por antenas de TV nos telhados de seus casebres.

De acordo com José Marques de Melo e Sandra Pereira Tosta (2008, p. 43):

A televisão abocanha a maior fatia da população (61,9%). Alcançando a totalidade dos 5.564 municípios e atingindo 90,4% dos domicílios, a TV constitui o principal elo de ligação (sic) dos cidadãos com o mundo. Seu impacto sobre a sociedade nacional é incomensurável. Dela se apoderam os vendedores de bens e serviços, bem como os mercadores da fé e da política.¹⁹

A estatística poderia ser interpretada como um sinal de progresso, não fosse o arsenal de intenções subjacentes vinculadas ao fato. No Brasil, a maior parte dos jornais e emissoras pertence às oligarquias que não têm o mínimo interesse em formar cidadãos ativos e pensantes.

Em todas as classes sociais, mas de forma mais contundente nas classes menos favorecidas, a ação da mídia como fator de má formação é clara e difícil de ser debelada.

A escola como espaço de reprodução de comportamentos e regras sociais tem legitimado seu poder de vigiar e punir, ainda que com a maior das sutilezas. “Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal”. (FOUCAULT, 1994, p. 159)

No entanto, como tudo contém em si o seu contrário, há sempre uma tensão criadora em toda situação. Na escola fazem-se presentes impulsos de manutenção e de resistência que se debatem no campo educacional, nas diretrizes traçadas e na prática pedagógica diária.

Sendo assim, a escola tem se caracterizado como um espaço de reprodução, ao mesmo tempo em que se vê nela a possibilidade do desenvolvimento de um espaço de resistência.

Devido à sua falta de formação, à insegurança e desmotivação, o professor que, em sua maioria, também desconhece as legislações referentes à sua prática, é assaltado pelo comodismo e pelo medo de ouvir as vozes de seus alunos. Nesse quadro, o mestre abdica de seu poder de abrir espaços para a livre manifestação de seus discípulos e de

¹⁹ Dados de 2012, captados pelo Instituto Marplan Brasil, mostram que 98% da população acima de 10 anos assiste à TV pelo menos uma vez por semana. Segundo projeção do Grupo de Mídia para 2012, mais de 92% dos domicílios do Brasil possuem um ou mais televisores. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/brasil_economia.htm. Acesso em 17 nov 2012.

exercer seu verdadeiro papel de formador e transformador. Aborta-se, assim, a possibilidade de que a escola se converta em um espaço de resistência e consciência de seu poder de formação de uma sociedade, de fato, democrática, em que cada cidadão seja ator na trama que leva às transformações almejadas.

O professor, pelo papel historicamente assumido de educar reprimindo ações que são julgadas inadequadas, exigindo silêncio, penalizando por meio dos instrumentos de avaliação, é visto pelos alunos como o carcereiro dessa prisão e é sobre quem recai uma série de atitudes de represália por parte desses jovens que, ultimamente, encontraram no *Youtube* (ou *Utube*) seu espaço de manifestação e valorização ilusória.

O ser ressentido que se sente castrado, vítima das relações de poder existentes no espaço escolar, une-se aos seus companheiros, que também se sentem oprimidos, para articular a desforra contra aquele que personifica, em seu mundo, a opressão, o aprisionamento e a perda de valor individual: o professor.

É sobre o professor que, na maior parte das vezes, o jovem descarrega toda sua munição de raiva e ressentimento. Nada como constranger aquele que o constrange, divulgando na rede imagens vexatórias que expõem sua fragilidade, destemperos e erros, degradando-o.

Os professores, inadvertidamente, colaboram com a perpetuação dessa situação ao adaptarem suas aulas ao gosto duvidoso dos alunos, levando para a sala de aula as músicas veiculadas pelos programas de domingo na TV, as análises de *realities shows* e outras programações semelhantes. Argumentam que se não penetrarem no universo dos alunos não conseguiriam dar as aulas e seriam obrigados a lidar com o desinteresse e a indisciplina. Não cogitam a possibilidade de, sutilmente, ir despertando essas crianças e jovens para uma realidade cultural mais elaborada, que estimule sua curiosidade e os faça pensar, levando-os à consciência de que não passam de marionetes em um espetáculo que embota suas mentes, os conduzem ao nada.

A influência da mídia é visível na linguagem assimilada nas novelas, seus erros e modismos, nas gírias e expressões implantadas, nos ídolos impostos (que muitos acreditam terem sido escolhidos naturalmente por eles) e no estabelecimento de uma escala de valores muito distante da desejada para a implantação de uma sociedade mais justa e humana.

Recentemente, um elemento novo veio se juntar a essa ditadura midiática que invade, sem filtros, os lares e as mentes. O surgimento das redes sociais da Internet, sua popularização e rápida expansão, vem revelando muito do não dito nas relações pessoais, inclusive nas relações que se desenvolvem dentro das escolas.

O papel dos pais, dos professores e da sociedade como um todo na reversão desse quadro desanimador é decisivo e de nada adiantará atribuir apenas à educação, nos moldes em que hoje se configura, a tarefa de transformar a realidade e de formar cidadãos lúcidos e emancipados.

É necessário o desenvolvimento de uma atitude crítica em relação à educação e à sociedade. A mudança deve ocorrer em vários níveis: econômico, social, político e educacional, concomitantemente.

Uma grande dificuldade se apresenta se considerarmos como fator de entrave para a formação dos sujeitos o enfraquecimento das individualidades dissolvidas na massa, a falta de referencial perdido no oceano de informações instantâneas e descartáveis e a atitude adaptada, conformista e acovardada que se tatuou no corpo da sociedade, graças a um trabalho muito bem orquestrado pelos que detêm o controle e o poder.

Em uma crítica contundente aos sistemas pedagógicos adotados na França, analisados a partir de situações que guardam muitas semelhanças com as que enfrentamos aqui no Brasil, Stal e Thom afirmam que:

Nossa sociedade sofre de uma covardia generalizada; mas, em nenhum lugar se percebe tão claramente esta covardia como no domínio da educação que ela enformou inteiramente e onde ela se erigiu como sistema. (1991, p. 13)

Analisando o controverso sistema em que se insere a educação, as autoras fazem referência à tibieza dos professores que, para manter o emprego, evitam confrontos a qualquer preço, calam-se e sujeitam-se a um esquema em que o que existe é um simulacro de ensino e de aprendizagem. (id, p. 15)

Uma vez que a retratação da realidade educacional em que vivemos pode chocar e levar muitos de nós ao desânimo e à descrença quanto aos rumos que têm tomado os processos formativos dos futuros cidadãos, torna-se de vital importância o cultivo da

esperança de novos ares, lembrando-nos de que o fator da responsabilidade pessoal é determinante para que mudanças significativas ocorram, ainda que a longo prazo.

Contrapondo-se à constatação de um cenário em que imperam o conformismo, a covardia e a submissão muda diante de uma triste realidade, apontada por Stal e Thom, Freire propõe, em “Pedagogia da Esperança” (1992, p. 91), a alternativa de nos aferrarmos, com responsabilidade, ao sonho e à esperança, afirmando que “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”. Isto nos leva à conclusão de que, apesar de todos os entraves, da ação perniciososa da mídia tal qual vem sendo conduzida, dos interesses escusos que subjazem a todo o material veiculado pelos meios de comunicação, da reificação das consciências e do desalento dos professores, cabe a todos, na qualidade de educadores e sonhadores, não deixar de sonhar e de ter esperança.

1.5 A Internet – breve histórico

A Internet surgiu a partir de pesquisas militares nos períodos áureos da Guerra Fria. Na década de 1960, quando dois blocos ideológicos e politicamente antagônicos exerciam enorme controle e influência no mundo, qualquer mecanismo, qualquer inovação, qualquer ferramenta nova poderia contribuir nessa disputa liderada pela antiga União Soviética e pelos Estados Unidos; as duas superpotências compreendiam a necessidade absoluta de eficazes meios de comunicação.²⁰

A história da Internet no Brasil transita por caminhos surpreendentes e inusitados. Não está muito distante o tempo em que um computador ocupava o espaço de toda uma sala e em que havia a necessidade da perfuração de cartões, interpretações e malabarismos mentais que, nos dias de hoje, podem nos parecer arcaicos e até cômicos.

De acordo com Érico Guizo (1999), a Internet deu seus primeiros passos no Brasil em setembro de 1988 com conexões exclusivas no meio acadêmico, somente mais tarde expandindo-se para empresas e para uso doméstico.

²⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet. Acesso em 09 ago 2011.

O advento das redes sociais é fato mais recente. Teve início com a troca de informações e notícias entre amigos por meio do correio eletrônico (*e-mail*), na década de 1990. O aumento do número de usuários demandou a criação de redes mais abrangentes e, dessa necessidade, uma a uma, as redes foram surgindo: *AOL Instant Messenger*, *Sixdegrees*, *My Space*, *Linked In* e *Orkut* e *Facebook* (ambos em 2004), além do *Twitter*, em 2006.

Hoje se faz imprescindível o inserir-se midiaticamente, sob pena de tornar-se invisível. Tão penetrante e determinante se tornou a participação em redes sociais que aquele que não acessa e que não tem sua conta no *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, *Skype* e afins pode se considerar socialmente morto.

É indiscutível o fato de que a humanidade caminha, agrega à sua realidade novas tecnologias e que não se adaptar a elas pode significar tornar-se um fantasma inoperante. As novas ferramentas de comunicação e pesquisa invadem todos os espaços: os lares, as escolas, o trabalho e o lazer. Para que a utilização das máquinas, aparelhos, equipamentos e mecanismos que tomam conta de nosso “admirável mundo novo” seja adequada, faz-se necessário o surgimento de um novo professor, de um novo pai, enfim, de um novo adulto apto a assumir os desafios educacionais e de formação que surgem concomitantemente a toda essa profusão de recursos.

Este “admirável mundo novo” refere-se à criação literária de Aldous Huxley, obra visionária e quase profética do mundo que vivenciamos na atualidade, um mundo em que uma ordem pré-estabelecida e permeada por interesses escusos se estabelece:

Uma civilização de demasiada burocracia onde todos os homens eram controlados desde a geração por um sistema que incorporava controle genético (predestinação) a condicionamento mental, o que os tornava abafados pelo sistema em prol de uma superficial harmonia na sociedade. Não havia lugar para questionamentos ou dúvidas, nem para os conflitos, pois até os gostos e ansiedades eram controlados quimicamente pelo “Soma”, sempre no sentido de preservar a ordem dominante. (GÓIS & MIRANDA, 2010)

Esse texto nos remete à realidade que hoje vivemos: aconselhamentos genéticos visando à geração de seres adequados, sem defeitos, prontos a preencher as necessidades do sistema, condicionamento mental e, por fim, à superficial harmonia social, sem espaço para questionamentos ou dúvidas. Uma estratificação social rígida em que a fuga da realidade por meio dos prazeres e do consumo impostos é

naturalizada. O indivíduo imbeciliza-se frente a um aparelho de televisão ou a uma tela de computador. O “soma” ministrado a fim de gerar a sensação de satisfação e felicidade está nas telas de TV e computadores. Algo semelhante ao *loto* ministrado a Ulisses e seus homens na ilha dos lotófagos.

Muito alarde é feito pelos órgãos governamentais, e pela própria mídia, em relação ao programa de inclusão digital que vem sendo implantado pelo governo desde 2005, por meio do programa “Computador para todos”. O entusiasmo com que autoridades e meios de comunicação se referem ao programa evidencia a falta de uma análise mais acurada sobre a sua forma de implantação e a ausência de uma crítica sobre ele. Vender computadores a preços que os tornam acessíveis às classes menos favorecidas e instalar alguns deles nas escolas da rede pública de ensino não caracteriza, de forma alguma, a inclusão digital e nem é garantia de inclusão social.

Essa constatação torna clara a necessidade indiscutível de atitudes globais e abrangentes. Distribuir computadores a uma população que não valoriza o aprendizado, que vive na superfície de todos os processos sociais, econômicos e educativos, que não tem acesso a bens culturais e à qual se nega consciência e voz, é uma atitude, no mínimo, demagógica.

O que aqui se discute é a utilização da Internet: que uso fazem dela professores e alunos e como essa forma de utilização colabora com o processo ensino/aprendizagem.

Dentre os quatrocentos alunos pesquisados em uma escola do ensino médio acerca do uso que fazem da Internet, o que acessam e que importância têm as páginas acessadas para o desenvolvimento de suas pesquisas escolares, apenas 2% revelaram utilizar o computador como apoio para seus estudos. O restante, impressionantes 98% dos alunos, disseram conectar-se apenas para “baixar” músicas e para participar de *chats* e postagens nas redes sociais.²¹

Esses números foram levantados em uma avaliação diagnóstica que pretendia traçar o perfil do público de uma escola estadual de um bairro periférico de Ribeirão Preto. Alunos do ensino médio, com idades variando entre 14 e 17 anos, foram questionados a respeito de diversos aspectos concernentes a suas vidas, tais como: hábitos de leitura, condição sócio-econômica, estrutura familiar, níveis de crença na

²¹ A pesquisa foi realizada pela autora, em agosto de 2011, na Escola Estadual Professora Eugênia Vilhena de Moraes, em Ribeirão Preto, entre alunos do ensino médio.

vida e na escola, vínculos religiosos e visão de mundo. Foram vários os resultados indicativos de semiformação.

Com exceção do uso ativo que fazem das redes sociais, que utilizam como espaço de desagravo, suas relações com os meios de comunicação mostraram-se passivas e ideologicamente conduzidas.

A Internet ocupou o topo de suas pirâmides de interesses. É o espaço em que os jovens vivem a sexualidade, ouvem e gravam os “raps”, namoram, mantém uma interação virtual com os colegas de classe e, é claro, revelam suas frustrações, revoltas e desencantamento.

Quase a totalidade desses alunos considera o hábito da leitura maçante e, alguns deles, nunca leram um livro – impresso ou virtual – sequer. Apenas quatro, entre os mais de trezentos estudantes que responderam ao questionário disseram ter o hábito de comprar livros e lê-los.

A concentração do uso da informática nas páginas de interação social não deixa de ter seu lado positivo, uma vez que torna claras as relações e as opiniões dos jovens em relação à vida, aos professores, à família e à sociedade. Um rápido acesso às páginas de relacionamentos desvenda, aos olhos de pais e professores, o mundo antes tão enigmático da mente desta juventude. Nesses espaços, nas interações com colegas de classe, amigos, ainda que virtuais, ficam expostas as tensões, os ressentimentos e a revolta dos alunos em suas relações com os adultos e com a escola. É possível, também, lendo nas entrelinhas dessas postagens, observar algumas posturas docentes, nem sempre adequadas.

A humilhação a que alguns professores expõem seus alunos, o abuso de seu micro poder dentro da sala de aula e as atitudes que revelam a maneira pela qual alguns deles se utilizam da profissão para compensar as frustrações de suas vidas diárias, mostram um quadro de animosidade, da qual se ressentem ambas as partes. Segundo Foucault, em “Microfísica do Poder”, “O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação [...]”. (2010, p. 183)

Os ideais pedagógicos preconizados pela legislação e por educadores idealistas esbarram em uma realidade em que há, entre docentes e discentes, uma mútua desvalorização e falta de respeito.

É comum ouvirmos nas salas de professores a recomendação, dada ao colega que acaba de ingressar no magistério, de que não é necessário se preocupar com o que ministrar à classe, visto que “eles não entendem nada mesmo!”. Uma demonstração de descaso e falta de consideração que é sentida, subliminarmente, pelo aluno que se torna, cada vez mais, rebelde e ressentido.

Os *sites* de relacionamentos e o *Youtube* configuram-se como território de expressão relativamente livre, espaço em que os alunos podem registrar seu desagrado, responder às humilhações e até mesmo ridicularizar e diminuir aquele que ele vê como agressor (o professor), com menor possibilidade de punições a que, fora do ambiente virtual, estaria sujeito. Na virtualidade não existem as advertências, as suspensões ou a expulsão comuns no ambiente escolar, uma vez que a legislação sobre a utilização da Internet ainda está em fase inicial de elaboração. Na virtualidade não existe o risco de ser hostilizado pelo professor ou qualquer outro agente do poder representado pela escola.

A maneira pela qual se faz uso da Internet para o registro ou a busca de solução para as tensões relacionais e acesso à informação superficial, no estilo que se conhece como “leitura vertical” caracterizado pelo contato acrítico e raso com textos que vão se amontoando sem serem metabolizados, faz dela um ícone da indústria cultural.

A navegação através das páginas das redes sociais faz com que o jovem sintam-se livre para se expressar, bem informado e realizado, com uma vida cheia de amigos e amores. A falta de senso crítico não lhe permite inferir o isolamento social e cultural a que está se sujeitando. Seria tarefa do professor conduzir seus alunos através de um caminho que os despertasse para análises mais profundas, mostrar-lhes um mundo cultural e pessoalmente mais rico em que a Internet, com suas redes, funcionaria como coadjuvante, um complemento. Mas como esperar uma ação de tal natureza de adultos que vivem a mesma realidade e que estão tão enredados nas artimanhas do sistema quanto aqueles que deveriam orientar?

Fomos, todos, engolfados pelas ondas do consumo rápido e acrítico de bens que despertam, antes de tudo, sensações superficiais, na mesma medida em que nos afastam da profundidade do ser. A mídia detém o poder de formar opiniões e de definir o que tem ou não tem importância na vida, estabelecer valores e induzir o consumo de bens industriais e culturais. A sensação que uma notícia pode proporcionar é que define seu grau de importância.

A indústria cultural, já fortemente internalizada e naturalizada, vem recrudescendo sua ação sobre os incautos consumidores e encontrando meios cada vez mais eficazes de subordinar os desejos e vontades, de anular a individualidade e criar a forma de vida apocalíptica prenunciada por Aldous Huxley e por uma infinidade de produções cinematográficas de ficção futurista.

O “admirável mundo novo” em que vivemos não admite a liberdade e a realização individual, embora as preconize teoricamente em suas leis, tratados e manifestos.

Em “1984”²², Orwell retrata um mundo em que o funcionário Winston Smith, do Ministério da Verdade, tinha como função adequar os fatos aos ditames do partido dominante, submetendo a penas todos aqueles que dele divergissem, sob a acusação de crimidéia (crime contra as ideias). Nada muito diferente do praticado pelo jornalismo nos períodos ditatoriais e do que ainda hoje ocorre, em um nível mais sutil, em relação ao que é veiculado pela mídia.

Em “Fahrenheit 451”²³, François Truffaut nos mostra uma sociedade que nos parece muito familiar: uma sociedade em que a busca da cultura e o contato com a literatura são considerados fatores de improdutividade – distrai o homem dos verdadeiros objetivos de produção material, pontas de lança para a manutenção da supremacia das ideologias que vigem e que não estão dispostas a abrir mão do *status* conquistado. Nesta história, os bombeiros não têm a tradicional função de debelar incêndios; na sociedade retratada pelo filme, a palavra bombeiro significa “queimador de livros”, pois todos são ali proibidos, assim como são consideradas antissociais e hedonistas as opiniões próprias e o pensamento crítico foi suprimido. Em todas as residências há imensas telas de televisão, permanentemente ligadas, divulgando apenas temas e assuntos inexpressivos, mas também utilizadas como meio de perseguição e delação dos infratores das leis daquela sociedade, aqueles que eram descobertos lendo, guardando ou protegendo livros.

²² Distopia de George Orwell publicada em 1949. Publicado no Brasil pela Cia das Letras.

²³ “Fahrenheit 451” - Filme de 1966 do diretor François Truffaut, baseado em romance homônimo do escritor americano Ray Bradbury, publicado em 1953. Num futuro hipotético, os livros e toda forma de escrita são proibidos por um regime autoritário sob o argumento de que fazem as pessoas infelizes e improdutivas.

Pelo que podemos inferir desses exemplos, a indústria cultural já se manifestava como uma ação castradora e de evidente aniquilação do ser em seu direito natural de falar, pensar e agir.

A barbárie se instala na contramão do progresso e nos perdemos na avalanche de informações fragmentadas; pressionados pelo desejo de inserção no mercado e no mundo, pelo desejo de visibilidade, incorporamos e passamos a encarar como nossos os desejos de um ser abstrato.

Há um fascínio mitológico exercido pelos apelos midiáticos. Difícil não sucumbir a eles.

Em que mastro nos ataremos para resistirmos à tentação de, diante do canto sedutor das sereias, não nos arremessarmos a esse mar?

Em se tratando dos caminhos da educação e da formação de um cidadão consciente, há a necessidade de um olhar que avalie as distorções de valor a que, como cordeiros, temos nos submetido.

No capítulo que se segue, veremos a inter-relação existente entre a semiformação, produto direto da indústria cultural, redes sociais e *Youtube*.

2. A INDÚSTRIA CULTURAL COMO MATRIZ E PRODUTO DAS REDES SOCIAIS E DO YOUTUBE

Così la macchina dell'oppressione sempre si volta contro chi la serve.
(Italo Calvino, *La gallina di reparto*)²⁴

O objetivo deste capítulo é proceder a uma análise reflexiva acerca de como se cruzam as pulsões humanas, o desejo de ser visto e de se destacar e a tecnologia estrategicamente manipulada pela indústria cultural. O cenário em que se desenvolvem, em ritmo vertiginoso, as redes sociais e o que há por trás dessa verdadeira epidemia que vem acometendo pessoas de todas as idades e de todas as camadas sociais e econômicas será o foco desse capítulo.

2.1 Das ondas radiofônicas à onda das redes sociais

Beati quelli il cui atteggiamento verso la realtà è dettato da immutabili ragioni interiori! (Italo Calvino, *Una pietra sopra*)²⁵

Até chegarmos à comunicação sem barreiras em que o homem comum pode se tornar, ou pelo menos se sentir, ator, personagem, diretor e roteirista, *status* que o *Youtube* confere a seus usuários, um longo caminho foi percorrido.

Foi em 1863 que James C. Maxwell, professor de Física em Cambridge (Inglaterra), demonstrou a existência provável de ondas eletromagnéticas e essa constatação possibilitou que, em 1887, a primeira transmissão radiofônica fosse ao ar. Em 1919 teve início a chamada “Era do Rádio” e, em 1922, a inovação chega ao Brasil com a transmissão de um discurso do presidente Epitácio Pessoa²⁶. A partir daí o rádio passou a monopolizar as noites das famílias que, muitas vezes, ao lado de amigos e vizinhos, se reuniam para ouvir, a princípio em transmissões cheias de ruídos e falhas, o “Repórter Esso”, programas humorísticos, novelas mexicanas, programas de auditório e

²⁴ Assim, a máquina da opressão sempre se volta contra quem a serve.

²⁵ Bem-aventurados aqueles cuja atitude em relação à realidade é ditada por imutáveis razões interiores.

²⁶ Disponível em: <http://www.microfone.jor.br/historia.htm#ocomeco>. Acesso em 03 dez 2011.

anúncios (que eram chamados de reclames) de pomadas, pílulas, colírios e cremes dentais.



Ilustração 1: Era do Rádio.

Na imagem acima, além da visão do “momento de rádio” desfrutado por duas mulheres, chama a atenção o *hardware* de grandes dimensões, pesado e em nada comparável aos aparelhos atuais, como celulares, computadores e *tablets*, por meio dos quais é possível a captação de sinais de rádio e TV.

Na estrutura radiofônica já se percebem as sementes de tudo quanto virá a seguir: a TV e as comunicações por meio da Internet.

A Televisão no Brasil teve sua pré-estréia no dia 3 de Abril de 1950 com a apresentação de Frei José Mojica, padre cantor mexicano. As imagens não passaram do saguão dos Diários Associados na Rua 7 de Abril em São Paulo, onde havia alguns aparelhos de TV instalados.²⁷

Em torno dos monitores de TV, no contexto de uma nova era, agora se reuniam as famílias, amigos e vizinhos. Forjou-se, inclusive, o termo “televizinho” para designar aqueles que ainda não haviam tido a possibilidade de adquirir seu aparelho de TV e que migravam com suas famílias para a casa do vizinho, todas as noites, para viverem seus momentos de deslumbramento frente a esses aparelhos tão mágicos.

No entanto, a magia das comunicações não para por aí. Na trilha das primeiras máquinas de calcular, não deixando de lado o ábaco, a pascalina de Blaise Pascal (primeira máquina de somar), a calculadora de Leibniz e a máquina analítica de

²⁷ Disponível em: http://www.locutor.info/index_classicos_da_tv.html. Acesso em 03 dez 2011.

Babbage, este considerado o “pai da computação”, foi construído, em 1944, na Universidade de Harvard, o primeiro computador mecânico que tinha 15 metros de comprimento e 2,5 de altura.²⁸

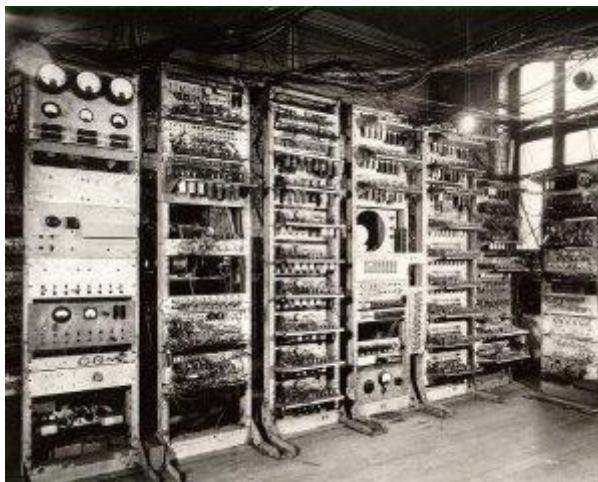


Ilustração 2: Mark I – o primeiro computador, construído pelo Prof. Aiken, de Harvard, e financiado pela IBM. Fonte: <http://www.catablogandosaberes.com.br/2010/04/da-segunda-guerra-para-sala-de-estar.html>. Acesso em 05 dez 2011.

Após uma caminhada bastante acelerada, os computadores e os programas evoluíram do Mark I para as formas atualmente conhecidas e amplamente utilizadas em que os recursos e possibilidades ultrapassam em muito a elaboração de cálculos e planilhas. A comunicação à distância, postagem de filmes, músicas e textos, notícias em tempo real, correios e, mais recentemente, as redes sociais virtuais, surgiram há pouco mais de dez anos, mais precisamente em 1997, com o lançamento do *site Sixdegrees* que, por falta de suporte financeiro, não se manteve mais que três anos em atividade.²⁹

Outras redes sociais foram nascendo e conquistando seus espaços, inovando, criando diferentes possibilidades de contatos com amigos que o tempo e o espaço distanciaram e também abrindo a possibilidade de novos contatos de toda espécie: desde os profissionais, por interesses comuns, até os amorosos.

²⁸ Disponível em: http://www.vas-y.com/dicas/historia/capitulo_1.htm. Acesso em 03 dez 2011.

²⁹ Disponível em: <http://turma7e20092.bligoo.com/content/view/646612/Um-pouco-da-historia-das-redes-sociais.html>. Acesso em 03 dez 2011.

Com características básicas semelhantes, mas com ingredientes escolhidos para atrair diferentes perfis de usuários, as muitas redes sociais conquistam, a cada dia, mais e mais seguidores.

Facebook, MSN, Skype, LinkedIn, Twiter, Orkut e outros são partes integrantes e determinantes das vidas de homens e mulheres, jovens e adultos na atualidade.

As possibilidades de agir, interagir, se manifestar, fazer novos contatos, de bem ou mal se informar, sentir-se engajado e o prazer de “ouvir” a própria voz fazem com que as redes agreguem diariamente cada vez mais internautas às suas fileiras.

Fato curioso, merecedor de um estudo à parte, é o do alcance e expansão das redes sociais no Brasil, país que se coloca no topo de uma lista analítica com o maior número de usuários e tempo de acesso, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

Tabela 1: Uso de redes sociais no mundo

Reach and Usage by Country / Apr 2010 (Home & Work)		
Social Networking / Blog Sites		
Country	% Reach of Active Users	Time per Person (hh:mm:ss)
Brazil	86%	5:03:37
Italy	78%	6:28:41
Spain	77%	5:11:44
Japan	75%	2:50:50
United States	74%	6:35:02
United Kingdom	74%	5:52:38
France	73%	4:10:27
Australia	72%	7:19:13
Germany	63%	4:13:05
Switzerland	59%	3:43:58
Source: The Nielsen Company		

Fonte: <http://tecnologia.ig.com.br/noticia/2010/06/16/brasil+reune+maior+numero+de+usuarios+em+redes+sociais+9514484.html>. Acesso em 17 set 2011.

O perfil da população, segundo o *site Mucho*³⁰, seria um dos principais fatores a contribuir para esse estrondoso sucesso das redes sociais no Brasil; perfil que se caracteriza por uma expansividade que exclui a proteção da privacidade, como ocorre em países de formação anglo-saxã ou nórdica. Essa postura brasileira de abertura ao outro é abordada por Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil”, ao referir-se ao “homem cordial”, historicamente construído, e tem ligações com o pavor da solidão e da invisibilidade.

No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro tende a ser a que mais importa. Ela é, antes, um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: “Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativo”. (1995, p. 147)

Ao lado desse elemento característico natural ao brasileiro, o nascimento de uma nova classe média injetou na economia mais de R\$ 100 bilhões desde 2002. Trata-se de uma corrida dessa nova classe pelo consumo de bens aos quais jamais pensou ter acesso. A conceituação dessa nova classe média ainda não é bem definida.

Essa chamada “nova classe média” é nova, mas não é média, pelo menos do jeito como conhecíamos a classe média convencional, que desenvolvia e estimulava o esforço pessoal, que tinha um mundo amplo, tinha escolaridade tradicional na família. A nova classe média parece que está se restringindo, por enquanto, a fatores ainda referentes à situação anterior. Ela tem mais renda, mas continua “espiritualmente” a mesma. Pode fazer mais o que já fazia antes. Não houve ainda uma ruptura muito pronunciada. São pessoas que fizeram um esforço pessoal gigantesco, e que valorizam as realidades mais próximas de si. (RIBEIRO, 2011)³¹

À histórica cordialidade brasileira, ao medo da invisibilidade e da solidão, às transformações socioeconômicas ocorridas, soma-se o papel semiformal das

³⁰ Disponível em: www.mucho.com.br/news. Acesso em 09 jun 2012.

³¹ RIBEIRO, Jorge Cláudio. Entrevista concedida a UNISINOS. Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=41&cod_noticia=18319. Acesso em 09 jun 2012.

estruturas estabelecidas que constroem um homem com objetivos de vida que se confundem com os objetivos do capitalismo. O indivíduo foi dissolvido na massa.

Corroboram ainda as poucas opções de contato com o melhor da arte e da cultura oferecidas à população. Esta acaba por “eleger” como padrão artístico e cultural tudo quanto de mais antiético, discriminatório e vulgar possa ser produzido pela indústria cultural. Na contracorrente, registram-se algumas ações comandadas por educadores idealistas; sem muito sucesso, somente alguns casos isolados de projetos funcionam em uma ou outra escola. A oferta de opções inovadoras é limitada pela crença estabelecida, muito oportuna para os detentores do poder, de que temos que oferecer ao grande público popular, no qual estão incluídos nossos jovens e crianças, apenas aquilo de que eles gostam, o facilmente digerível, o que não exige qualquer esforço e, por consequência, nada acrescenta e apenas consolida, solidifica e generaliza um constrangedor analfabetismo cultural.

Somos todos, então, condenados a ouvir o que a indústria fonográfica lança em larga escala, como se fosse realmente música – uma produção de baixíssimo valor estético, repleta de apelos sexuais baratos e erros linguísticos imperdoáveis e que caem no gosto popular tal é a dimensão da invasão repetitiva desses sons que se ouvem nas ruas, nas lojas, nas rádios e na TV. A audição preguiçosa e pouco (ou nada) seletiva acomodou-se à obviedade das linhas melódicas que não surpreendem o cérebro e que, por isso, são de fácil assimilação. Este mesmo material é também veiculado pela Internet para deleite da população semiformada, que acredita piamente estar fazendo livres escolhas artísticas.

Os números mostram a eficácia do meio e o nível de penetração obtido pela *web*. A este propósito, Melo e Tosta afirmam:

A era digital trouxe inovações e facilidades para o homem que superaram de longe o que a ficção previa até pouco tempo atrás. Se antes precisávamos correr em busca de informações de nosso interesse, hoje, úteis ou inúteis, elas é que nos assediam. (2008, p. 57)

As novas tecnologias de informação e comunicação têm um vínculo bastante estreito com o caminhar político em cada tempo e lugar. Elas põem o cidadão comum em contato com os acontecimentos e tendências políticas, sociais e econômicas do país e do mundo no momento mesmo em que estão acontecendo.

No entanto, por estarem de certa forma comprometidas com o poder e pelo fato de a liberdade de expressão ter um limite, esses meios de informação e comunicação formam opiniões não totalmente isentas de discursos ideologicamente hegemônicos.

Dependendo do grau de consciência e da capacidade de análise de quem se conecta às redes, estas podem atuar como fator de libertação ou escravização, de progresso, estagnação ou retrocesso, uma vez que há uma orquestração velada aos olhos menos atentos e às mentes sujeitadas e semiformadas – mentes globalizadas.

Os profissionais da mídia estão atentos às necessidades psicológicas básicas do homem de se fazer notado e de participar. Um trabalho de pesquisa de interesses e necessidades se desenvolve a fim de atender a estas demandas humanas de interação e conexão com o mundo.

As inovações surgem, também, a partir das dificuldades que vão se apresentando. Assim aconteceu com o *Youtube*. Premidos pela necessidade de compartilhar vídeos pessoais e diante das dificuldades que os correios eletrônicos impunham, Chad Hurley e Steve Chen, em uma garagem na cidade americana de San Francisco, em 2005, aventaram a possibilidade de haver meios mais eficazes, rápidos, fáceis e efetivos de compartilhar esse tipo de arquivos com amigos e, assim, nasceu o *Youtube* – abreviatura de *You in the tube* (você na tela).

O primeiro aspecto a ser considerado na análise da problemática relacional e educacional vincula-se às perspectivas humanas de integração e realização pessoal e envolve, naturalmente, o conflito básico existente entre os desejos individuais e as limitações encontradas na consecução de uma sociedade que considere e priorize o coletivo.

Em seu “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, Rousseau afirma que:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer *isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém. (1973, p. 265)

Fundou-se, nesse momento, não só a sociedade civil, mas, também, foram lançadas as primeiras sementes de um sistema de divisão de propriedade e trabalho que marcaria por séculos a humanidade, determinando desigualdades artificiais que ultrapassam os limites das desigualdades naturais. Há, com certeza, desigualdades que se definem pelas peculiaridades de cada indivíduo, pelo fato indiscutível da especificidade de cada um, pelos fatores genéticos e ambientais que fazem de cada ser aquilo que ele é. As potencialidades de cada um, de acordo com sua estrutura psicológica, são limitadas pelas determinações que a sociedade impõe com base na estratificação social e econômica a que os submete.

Se, por um lado, existe no homem o desejo de construir uma história de vida em que ele imprima no mundo a sua marca individual e única, seja na família, no bairro em que vive, na cidade ou em um contexto mais amplo, por outro, há a ação massificante da mídia que se caracteriza pela absorção da individualidade em um mundo atarácico³² e desumano em que quanto menos as individualidades se manifestem, melhor.

Ao lado desse desejo tolhido, das frustrações acumuladas e da cegueira, até certo ponto consentida, há a consciência da finitude e o terror angustiante do Nada (a experiência de não mais existir).

Stefan V. Krastanov, citando Heidegger, afirma que “O *pathos*³³ é o espanto e o espanto é, enquanto *pathos*, o *arkhé*³⁴ da Filosofia. [...] Designa aquilo de onde algo surge [...]” (2011, p. 18)

O espanto, assim como gera o medo, gera o sentimento do sublime, o despertar para o ato de filosofar; é a base da revolta, da fuga e da negação, fuga e negação que se evidenciam hoje nas vidas escoadas frente aos monitores e às telinhas que inserem o indivíduo em um mundo, mas não na realidade por ele vivida; um mundo virtual do qual ele participa apenas como espectador.

³² Ataraxia (Ἀταραξία "tranquilidade") é o termo grego usado para identificar um estado mental caracterizado pela ausência de preocupação.

³³ Pathos (πάθος: “sofrimento” ou “emoção”), segundo o pensamento grego, é a força irracional que rege a alma humana, em oposição ao *Logos*, que é a parte racional. Como conceito filosófico, o termo foi cunhado por Descartes para designar tudo o que se faz ou acontece de novo.

³⁴ Arkhé (ἀρχή: “origem”) significa o começo do universo, a semente, o primeiro elemento de todas as coisas.

O medo da morte sempre incomodou o homem e definiu suas buscas por explicações filosóficas, religiosas e científicas para a imensa angústia de se reconhecer finito: a procura muda e desesperada por um sentido de vida. As justificativas bíblicas para a finitude humana, atribuída ao erro do primeiro homem e da primeira mulher, servem de consolo para alguns; a perspectiva de renascimentos múltiplos com oportunidades de resgate dos erros e de uma evolução individual serve de alento para muitos outros. Outro tipo de realização do ser, que inclui a perspectiva da imortalidade, encontramos em Ana Terra, personagem de Érico Veríssimo em “O Tempo e o Vento”. Mulher, pobre, sem instrução, cheia de superstições e sonhos, deixa uma marca indelével nas gerações que a sucedem: sua força interior diante dos embates da vida, a certeza mística de que o minuíano, quando soprava, trazia maus agouros (notícias de morte dos seus homens – pai, irmãos, sobrinhos que “peleiam” em uma das muitas guerras), a tesoura enferrujada que ela usou para cortar os cordões de tantas e quantas crianças vindas ao mundo e que permaneceu na família cumprindo a mesma função por séculos; o Cristo de nariz carcomido que atendeu aos pedidos e súplicas de gerações e gerações das mulheres Terra – uma forma de se imortalizar em um tempo em que a mídia ainda não tinha lançado seus tentáculos sobre a humanidade. Nas palavras de Chico Buarque: *no tempo da delicadeza*.³⁵

O homem sente a nostalgia deste “tempo da delicadeza” a que se refere o compositor: uma delicadeza, uma simplicidade e uma humanidade carcomidas, tal qual o nariz do Cristo da família Terra, pela ação impudente e insidiosa do tempo que, hoje, é realimentada pela mídia, mancomunada com o sistema.

Contra o terror do Nada e o medo da dissolução trazida pela morte, o homem, paradoxalmente, encontrou maneiras de dissolver-se em vida.

Por mais viva, participante e inserida social e culturalmente que se sinta uma pessoa, ela está, na realidade, dissolvida, em estado de semiconsciência. Frustrações, fracassos amorosos, controles externos, a sensação de não ser: tudo se soluciona entre quatro paredes, diante de uma tela.

Penetra-se, aí, no mundo do “que deve ser”. Não no mundo do que “é”.

³⁵ Referência à música *Todo Sentimento*, de Chico Buarque de Holanda. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45181/>. Acesso em 31 ago 2011.

Nos *chats*, cada um se descreve como gostaria de ser, como gostaria de ser visto. Recria-se idealmente e realiza os desejos impossíveis no mundo real.

Júlio Cesar Leme de Castro, em seu artigo “Sob o signo de Narciso: identidade na sociedade de consumo e no ciberespaço” (2009) afirma que:

O indivíduo pode investir em sua identidade online por meio de dois artifícios: criar um alter ego ou transpor para a tela sua identidade na vida real. Valendo-se do anonimato proporcionado normalmente pela rede, facilmente se criam personas em chats, fóruns, jogos etc. Não há limites para a plasticidade do eu nessas comunidades: pode-se inventar dados inteiramente fictícios, como nome, sexo, idade, profissão, localização geográfica e assim por diante. Identidades falsas podem ser usadas episodicamente ou cultivadas por muito tempo.

No ciberespaço cada um se reinventa, se recria, assume faces diversas. É produtor, diretor, ator, cenógrafo, sonoplasta e público. Para sair da invisibilidade basta subir ao palco, que muitas vezes é a sala de aula, dar o comando de “luzes, câmara, ação” e aguardar o sucesso medido pelo número de acessos, compartilhamentos e comentários.

A Internet com suas salas de bate-papo e redes sociais, ao lado da veiculação de notícias populares sem muita análise, serve como suporte para a indústria cultural. É claro que há páginas de conteúdo cultural legítimo, análises de temas diversos que podem propiciar um aprofundamento na compreensão e no estudo de temas realmente consistentes e que permeiam os mais variados campos do saber. No entanto, não são essas as páginas que os estudantes e a maioria da população procuram.

A grande maioria foi devidamente treinada para viver e pensar superficialmente. A época da contemplação, da reflexão, da marcha mansa dos dias foi aniquilada por um tempo de urgência em que tudo deve correr, e não caminhar; em que tempo é dinheiro e em que vivenciar sensações diversas e momentâneas é o que dá sentido às vidas empobrecidas de conteúdos e questionamentos. Nada se questiona. A vida é como é – como a Internet a faz.

Esse processo de dissolução do ser e a alienação não são, entretanto, frutos exclusivos da Internet. Tem suas raízes em tempos anteriores a ela e, se podemos dizer algo em favor da utilização que nossos alunos vêm fazendo da rede é que, pelo menos, os conflitos tornaram-se mais evidentes. Deixaram de ser subterrâneos para surgirem

escancaradamente nas inúmeras comunidades em que os alunos manifestam seus desgostos e exteriorizam toda sua agressividade contra os adultos e, em especial, contra seus professores.

Partindo do princípio aristotélico de que o homem é um ser político (da *pólis*) - *anthropos physei politikon zoon*³⁶ – devemos considerar que cada pensamento e ação humanos, suas buscas científicas, religiosas e artísticas deveriam visar à inserção e à participação ativa na *polis*. Não é isto, entretanto, o que se constata ao longo dos tempos.

Em relação à questão da cultura e à condução do pensamento humano pelas mídias de cada época, alguns exemplos bastante ilustrativos indicam a permanente tendência das elites políticas e econômicas, refletindo ideologias diversas, de se utilizarem dos meios de comunicação disponíveis para formatar as crenças e pensamentos dos povos, objetivando exercer domínio e se manter no poder.

Os meios pelos quais essas dominações são exercidas tornam-se a cada dia mais complexos, fora de controle e avassaladores.

Décadas atrás, filmes de ficção científica mostravam telas através das quais os líderes transmitiam suas mensagens (nem sempre éticas ou bem intencionadas) para um grupo que o assistia compenetradamente e essa ficção é hoje, para nós, trivial e corriqueira.

Atualmente, em números que se ampliam a cada dia, a parcela da população com acesso à Internet e às redes sociais é cada vez maior e, conseqüentemente, é sempre mais numeroso o público atingido pelo poder de envolvimento das novas tecnologias de comunicação.

Segundo o **Ibope Netratings**, somos 79,9 milhões de internautas tupiniquins, sendo o Brasil o 5º país mais conectado. De acordo com a FECOMÉRCIO-RJ/Ipsos, o percentual de brasileiros conectados à internet aumentou de 27% para 48%, entre 2007 e 2011. O principal local de acesso é a lan house (31%), seguido da própria casa (27%) e da casa de parente de amigos, com 25% (abril/2010). O Brasil é o 5º país com o maior número de conexões à Internet.³⁷

³⁶ Aristóteles afirmou que o homem é por natureza um animal político (*anthropos physei politikon zoon*).

³⁷ Disponível em: http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php. Acesso em 31 ago 2012.

Hoje, por meio das inúmeras redes, somos nós mesmos que aparecemos na tela, damos nossos recados, nos comunicamos e influenciados, fazemos campanhas, abaixo-assinados, formamos opiniões e, ao mesmo tempo, produzimos ausências quando, por falta de senso crítico, compactuamos com o sistema.

Vê-se aí o leque de possibilidades de utilização da Internet, que tanto pode produzir ausências como marcar presenças, definir caminhos ou descaminhos, formar consciências ou deformá-las.

Nós, em pequena escala e com nosso micro poder, realizamos tudo isso e muito mais. Imaginemos agora o alcance e o grau de influência, formação de opiniões e manipulação das massas de que são portadores os arautos do poder, do *stablishment*.

2.2 O viver virtual e o arrefecimento da crítica

Especialistas e estudiosos das mais diversas áreas ligadas às Ciências Humanas pesquisam e refletem acerca de quais são os fatores que determinam essa servidão espontânea dos sujeitos à hipnose em massa promovida pelos meios de comunicação e pela Internet. O que leva homens e mulheres de todas as idades e camadas sociais a optar por viver virtualmente? O que os faz abrir mão de uma vida real para revestir-se de personalidades alternativas nas redes sociais ou viver a vida dos personagens das telenovelas e assumir como seus os desejos do mercado que a TV e as redes impõem?

Em “Educação e Emancipação”, Adorno (1995, p. 122) tece comentários sobre “a pressão do geral dominante sobre tudo que é particular”. Há, portanto, uma pressão externa que leva ao enfraquecimento da vontade e da capacidade de escolhas e tomada de decisões libertadoras por parte dos indivíduos.

O indivíduo sente a necessidade irreprimível de dissolver-se na massa para sentir-se, paradoxalmente, um sujeito pleno. Ele se dissolve para se sentir inteiro. Sente-se participante da sociedade e “em dia com o mundo” ao acessar as redes sociais ou acompanhar, sem analisar, os noticiários sensacionalistas levados até ele pelas emissoras de TV.

Esse homem, não só voluntariamente, mas até com certo orgulho, entrega sua individualidade a essas maquinações da indústria cultural. Essa preocupante realidade,

porém, traz em si a semente da resistência, uma vez que a mesma rede que sufoca pode gerar o desejo de libertação, de conquista de um poder individual que tire o indivíduo do lugar comum.

Diversos aspectos devem ser considerados para que nos aproximemos de uma possível resposta. O primeiro deles refere-se à influência das mídias no comportamento, gostos, determinação do estilo de vida e criação de “necessidades”. Não se pode deixar de levar em conta a complexidade da interação das partes (mídia e público). Nem tudo é o que parece ser.

Quando se fala em pressões padronizadas de consumo, da constituição de individualidades formatadas conforme as necessidades da sociedade e de todos os malefícios trazidos pelas estratégias de *marketing*, prontas a estabelecer uma espécie de robotização do ser humano, geralmente não se leva em conta o acordo implícito entre as partes. Nenhuma emissora de TV veicula conteúdos que não sejam geradores de responsividade por parte do público ao qual se destina. Um amplo e profundo estudo das tendências, dos desejos e daquilo que os indivíduos consideram como elementos indispensáveis à felicidade e realização é elaborado por empresas de *marketing* e, dessa forma, fica difícil determinar a dimensão de dominação. Mais fácil é considerar que o que existe é uma dominação consentida.

O dominado sente a necessidade de ser conduzido. A insegurança de cada um e o desejo de se sentir pertinente e pertencente a um grupo fazem com que se abra o canal facilitador com que contam as forças hegemônicas.

Não somos tão vitimados quanto queremos parecer ser. Somos cúmplices de nossos algozes e é preciso que incursionemos por um terreno que nos ofereça maior profundidade em busca das razões externas e internas que nos levam a esse consentimento, a essa entrega irrefletida. É nesse ponto que deve ser analisada a formação do povo brasileiro, seu passado de colonizado e de submisso a regimes ditatoriais, na qual se identifica a necessidade de seguir modelos que os próprios colonizados e “súditos” endossam e naturalizam.

Uma nova pergunta eclode frente a essa situação: de onde vem essa docilidade, esse servilismo e disposição para a aceitação dos ditames hegemônicos?

Há fatores históricos que incidem sobre o “jeitinho” brasileiro. Formaram-se aqui mentes colonizadas que naturalizam a diferença e que se curvam diante da pseudo-

superioridade européia e, nas últimas décadas, da norte-americana. Nenhuma repressão se dá sem a anuência do oprimido. Ainda que seja por desconhecimento de seus direitos, estabelece-se uma cumplicidade. O silêncio é cúmplice, assim como o medo de reagir ou o simples fato de, pelo hábito, não estranhar as condições sociais existentes, em que o que foge aos padrões das economias centrais – sejam características físicas, culturais, familiares, religiosas, seja na alimentação, na música, nas artes, etc. – é visto como inferior.

Essa cumplicidade entre o poder da indústria cultural (que lança seus tentáculos através da mídia, da Internet e das redes sociais) e o sujeito reificado rompe-se quando a tensão das amarras começa a incomodar um ou outro indivíduo.

A formação dos quilombos no período da escravidão no Brasil é um exemplo do esgotamento dos níveis de resignação. O Movimento dos Sem Terra, ainda que possa ser acusado de manipulações, também não deixa de ser um exemplo de resistência. As lutas contra as ditaduras em forma de manifestações operárias, estudantis e artísticas no Brasil e no mundo, a Resistência Francesa durante a Segunda Grande Guerra e muitos outros acontecimentos evidenciam os limites da repressão e da ditadura de valores e de condutas.

A subserviência às hegemonias ainda é uma condição endossada pelo povo brasileiro, assim como por todos os povos que habitam países do chamado terceiro mundo, desde aqueles que enfrentam extremas condições de miséria até os habitantes das nações ditas emergentes, ou em desenvolvimento, como o próprio Brasil.

Imaginemos uma mulher negra, originária de um país subdesenvolvido, homossexual e que professe uma fé relacionada a algum culto afro brasileiro disputando uma vaga de emprego com uma mulher branca de olhos azuis, natural de um país de cultura e economia hegemônicas, heterossexual e cristã. O resultado final dessa seleção não surpreenderia ninguém. Nem mesmo a mulher rejeitada que, embora pudesse ser a melhor qualificada para o hipotético cargo em disputa, já introjetou seu pouco valor, seu destino de servidão e discriminação.

Cabe aqui a transcrição de um trecho do poema de Maiakovski, “Despertar é preciso”, em que o poeta russo, metaforicamente, nos fala sobre o silêncio que é cúmplice e sobre a naturalização da discriminação do diferente.

Na primeira noite eles aproximam-se e colhem uma flor do nosso jardim e não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem; pisam as flores, matam o nosso cão, e não dizemos nada.
Até que um dia o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa.
Rouba-nos a lua e,
Conhecendo o nosso medo, arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada, Já não podemos dizer nada.³⁸

O poema é um alerta contra a passividade que acaba por emudecer o homem, reificando-o.

É importante, entretanto, que sejam levados em conta alguns fatores que interferem na relação dos indivíduos com a mídia e suas imposições ideológicas. O homem da era da comunicação e da informatização, paradoxalmente, comunica-se canhestamente, virtualmente, perdendo grande parte das possibilidades de contatos e experiências reais, condição que cria uma ilusão de inserção dentro da solidão. Essa ilusão de pertencimento é um dos fatores que leva as pessoas a fetichizar a tecnologia e a abrir mão da vida.

Verificamos, portanto, que o poder midiático não teria a penetração e a força que tem caso não contasse com a contribuição de fatores subjetivos que englobam o sentimento de solidão e não pertencimento, o desejo de visibilidade e o medo do mundo e das relações reais, que exigem envolvimento e comprometimento.

A fetichização da tecnologia confere aos conteúdos por ela veiculados e divulgados o caráter de questão indiscutível, de verdade absoluta para o homem reificado. Diante dessa sacralização de algo que se lhe afigura poderoso e determinante de sua própria vida e liberdade, o homem se entrega pacificamente, abre mão de sua liberdade, de sua autonomia e de sua subjetividade.

A questão que se impõe é: por que o homem se submete a esse poder externo sem críticas, juízos, avaliações ou reação? Mesmo levando em conta a ação da indústria cultural, à qual se dá o poder de mando e desmando sobre as escolhas humanas, essa delegação de poder conferida a ela pelo sujeito que se sujeita deve ser avaliada sob a ótica de um outro poder: o do homem – aquele que ele tem de se adaptar ou de reagir.

³⁸ Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MTc5ODU2/>. Acesso em 22 mar 2012.

A mídia é instrumento das ideologias e como tal deve ser considerada. Ela não tem força própria, não é um ente autônomo e o poder de que desfruta não advém senão da força que o dominado lhe confere.

La Boétie afirma que “É o povo que se sujeita e se degola; que podendo escolher entre ser súdito ou ser livre rejeita a liberdade e aceita o jugo, que consente seu mal, ou melhor, persegue-o”. (2012, p. 3)

Cabe a nós refletir acerca do porquê dessa escolha mutiladora. Servidão voluntária até que ponto, se as vontades foram sujeitadas e os desejos individuais confundem-se com os ideológicos?

Voluntária sim, mas fruto de uma vontade formatada e conduzida. Uma vez que o homem manietado e cego entreveja uma fagulha de liberdade de escolha e que, diante dessa visão, assuma uma atitude de reação em direção à quebra das amarras, uma transformação se delinea.

Um despertar e uma reação são possíveis e à educação, nos dias atuais, cabe esse papel emancipatório: despertar os adormecidos para que assumam atitudes transformadoras nos campos político, social e econômico, pois uma mudança só é possível na medida em que se atem em um só feixe todas as vertentes da vida.

Como é possível que seres que nasceram para a liberdade sujeitem-se ao ponto de permitirem que sejam arrebatados de dentro de seus corações o colorido, o perfume e a beleza representados pelas flores do poema de Maiakovski que são, não só retiradas, mas, em seguida, pisoteadas? Como e por que razão deixam que se lhes roubem a lua e seus sonhos, seus romances, a poesia e o amor?

Pior que tudo, como se dá esse processo de entrega da própria voz a terceiros?

Uma das causas já foi aqui aventada: a naturalização da diferença, o fato de considerar indiscutivelmente superior a cultura que lhes é imposta. Isso tem raízes profundas. A formação do povo brasileiro, a exemplo de todos os outros colonizados, faz com que a supremacia do colonizador seja sacralizada e, curiosamente, ao mesmo tempo em que se busca a adaptação aos modelos para sentir-se valorizado, renegando sua própria cultura, desenvolve-se uma resistência emudecida pelo medo da força do dominador.

O povo brasileiro foi formado para a submissão e para o culto ao fidalgo, ao nobre, ao rei. Ainda hoje, laivos dessa cultura são vistos até mesmo nos luminosos e anúncios de estabelecimentos comerciais: “O Rei do Pão de Queijo”, “A Imperatriz”, “O Príncipe da Cocada”, “Cafeteria do Barão”, sem contar os epítetos dados àqueles que se sobressaem em algum esporte ou arte: “O Rei Pelé”, “O Rei da Voz” (o cantor Francisco Alves). No Rio de Janeiro se pode morar em Copacabana, “a princesinha do mar”, e, em São Paulo, em bairros ditos nobres que, não por acaso, se denominam Jardim América e Jardim Europa, dentre outros.

Na formação da cordata e cordial mentalidade brasileira incidiram, também, os longos períodos em que o país esteve sujeito a regimes ditatoriais: o Estado Novo e a Ditadura Militar.

A relação do poder com os processos de formação, com a preservação do *status* que alguns conquistaram e a que muitos se submeteram, teve na educação seu principal ponto de apoio.

Os instrumentos de dominação foram muitos e foram se transformando de acordo com as novas realidades sociais, políticas e econômicas surgidas.

No início, no Brasil colonial, a autoridade de ensino respaldava-se na falácia da autoridade: *Argumentum ad verecundiam* (apelo à autoridade) ou *Magister dixit* (Meu mestre disse). O colonizador e os jesuítas eram, por si só, a voz da razão e da verdade.³⁹

Em artigo intitulado “Educação Jesuíta: Objetivo, Metodologia e Conteúdo nos Aldeamentos Indígenas no Brasil Colônia” (2008), Cordeiro e Teixeira afirmam que “O método de ensino intitulado *Ratio Studiorum*, elaborado pela Companhia de Jesus no final do século XVI, foi utilizado para catequizar no Novo Mundo, servindo aos interesses da empresa da colonização e da Igreja contrarreformista.”

Esse lastro histórico cultural gravou na consciência brasileira a prática da submissão e da aceitação da desigualdade com base na diversidade.

Há que se considerar que as diferenças naturais ou sócio culturais não deveriam, jamais, respaldar e/ou servir como argumento justificativo da produção da desigualdade e da discriminação.

³⁹ No estudo da lógica é costume reservar o nome de “falácia” àqueles argumentos ou raciocínios que, embora incorretos, podem ser psicologicamente persuasivos.

Aqui, tocamos o ponto nevrálgico que é aquele que se relaciona aos direitos humanos, aos direitos naturais que são caracterizados por uma perene mutabilidade de acordo com o momento histórico vivido. A complexidade crescente da sociedade provoca o nascimento de novas áreas de Direito (ambiental, da mulher, da criança, eleitoral, do consumidor, etc.) o que não implica em clareza dos conceitos abordados. De acordo com Bobbio:

“direitos do homem” é uma expressão muito vaga. Já tentamos alguma vez defini-los? E, se tentamos, qual foi o resultado? A maioria das definições são tautológicas [...] Finalmente, quanto se acrescenta alguma referência ao conteúdo, não se pode deixar de introduzir termos avaliativos. (1992, p. 17)

Ressalta, ainda, a dificuldade de se interpretar termos avaliativos e essa dificuldade se agiganta conforme as áreas do Direito vão se expandindo e se multiplicando. Na atualidade, essa crescente complexidade interpretativa torna-se percebida quando a necessidade de aprofundamento do campo jurídico e a criação de uma legislação específica que coíbam os crimes cibernéticos empreende uma corrida contra a acelerada e descontrolada expansão das redes e outros tantos recursos disponibilizados pela Internet.

As relações no universo virtual têm sido alvo de estudos e vêm se construindo como uma nova vertente do Direito.

A tendência é a substituição gradativa do meio físico pelo virtual ou eletrônico, o que já ocorre e justifica adequação, adaptação e interpretação das normas jurídicas nesse novo ambiente. Na grande maioria dos casos é possível a aplicação das leis já existentes e que geram direitos e deveres que deverão ser exercidos e respeitados. (BLUM, 1999)

No final deste ano de 2012 está transitando pela Câmara Federal texto contendo vinte e cinco artigos que estabelecem os princípios legais para a utilização da Internet. Trata-se do Marco Civil da Internet, uma espécie de Constituição da rede. O texto vem tramitando em meio a acaloradas e polêmicas discussões, especialmente no que diz respeito a questões ligadas à privacidade do internauta que alguns dos parlamentares veem como matéria “perigosa”, uma vez que pode acobertar ações criminosas ou mal

intencionadas. Alguns deputados propõem que a discussão seja suspensa e que somente seja retomada após a divulgação dos resultados de uma conferência mundial sobre Internet que ocorrerá em Dubai no mês de dezembro de 2012.

Toda a preocupação que ronda os meios jurídicos e educacionais tem sua justificativa quando se considera a gradativa substituição das relações reais pelas virtuais e a influência nada insuspeita das redes na constituição das individualidades, nas determinações das escolhas pessoais, afetivas, na formação moral e ética, bem como nas tendências de consumo e produção. Quais são os bens culturais – válidos ou não – que merecem destaque ou devem ser relegados à invisibilidade? Tudo passa pelo crivo da indústria cultural que conta com o apoio irrestrito da Internet e da TV.

Dentro das salas de aula é possível uma visão clara dos efeitos desses mecanismos na formação de jovens e crianças, sujeitos a essas influências antes mesmo de haverem desenvolvido qualquer capacidade crítica.

O terceiro capítulo deste trabalho dedica-se a um olhar crítico sobre essas tendências e seus efeitos sobre a educação, considerando-se o grau de alienação a que se veem sujeitos, tanto professores quanto alunos. Abordar-se-á a tensão relacional entre ambos, revelada no *Youtube*, procedendo-se a uma reflexão acerca de seus pontos positivos e negativos, assim como o que essas postagens, de fato, revelam.

3. O YOUTUBE VAI Á ESCOLA E VICE-VERSA

Quando ho cominciato a scrivere *Il visconte dimezzato*, volevo soprattutto scrivere una storia divertente per divertire me stesso e possibilmente anche gli altri; avevo questa immagine di un uomo tagliato in due ed ho pensato che questo tema dell'uomo tagliato in due, dell'uomo dimezzato fosse un tema significativo, avesse un significato contemporaneo: tutti ci sentiamo in qualche modo incompleti, tutti realizziamo una parte di noi stessi e non l'altra. (da un'intervista con gli studenti di Pesaro, 11 maggio 1983, in *Il gusto dei contemporanei*, Quaderno n. 3, Italo Calvino, Pesaro 1987, p. 9)⁴⁰

3.1 As duas realidades em que vivemos

Sempre vivemos duas realidades concomitantes.

O Livro VII da “República” de Platão traz, no Mito da Caverna, a dualidade da vida humana: uma vida **real** pouco acessada ao lado de uma tela em que sombras se projetam e são tomadas por realidade. Diz Sócrates aos seus interlocutores: “[...] se pudessem (os homens) se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?” (2000, p. 226)

Para o filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860) o mundo só é dado à percepção como representação. A realidade encontra-se na dimensão da vontade, que é o que condiciona e determina a representação. Mais uma vez é aventada a ideia de que o homem divide-se entre a materialidade que o circunda, que é a que ele vivencia com maior aproximação e por isso mesmo considera como real, e a realidade subjacente aos fenômenos.

⁴⁰ “Quando comecei a escrever *O visconde partido ao meio* queria sobretudo escrever uma história alegre para divertir a mim mesmo e, possivelmente, também aos outros; tinha esta imagem de um homem cortado em dois e pensei que este tema do homem dividido, do homem repartido fosse um tema significativo, tivesse um significado contemporâneo: todos nos sentimos de algum modo incompletos, todos realizamos uma parte de nós mesmos e não a outra.” (em uma entrevista com os estudantes de Pesaro, 11 de maio de 1983, em *Il gusto dei contemporanei*, Caderno n. 3, Italo Calvino, Pesaro 1987, p. 9)

Dividido entre sonho/ilusão e realidade, entre mundo real e virtual, o homem se debate na tentativa de alcançar o único objetivo de ser feliz; busca que se vê travada pelo enfeitiçamento a que fica sujeito diante do belo canto das sereias que toca seus ouvidos e pelo entorpecimento das substâncias narcóticas amplamente ofertadas pela mídia, pela sociedade de consumo e que, em Homero, são representadas pelo *lotos* que Ulisses e seus homens ingerem na Ilha dos Lotófagos e pela poção mágica da feiticeira Circe (rapsódia X da *Odisseia*).

Circe é descrita por Homero como a terrível deusa com voz humana que oferece aos companheiros de Ulisses, sem que ele perceba, drogas venenosas que acabam por transformá-los em animais, em porcos. Esta é uma das sujeições a que estão expostos os homens de todos os tempos. O homem facilmente sucumbe ao sabor e aroma inebriantes das facilidades que o mundo material lhe oferece, esquece-se de sua identidade, de seu passado, deixa de pensar no futuro e animaliza-se em meio às tentações que o mundo oferece.

Assim vivemos todos nós: em busca de equilíbrio e felicidade, inebriados e perdidos entre dois mundos que se entrelaçam, se confundem e nos confundem. Engolfados pelas águas tumultuosas da realidade social e econômica, perdemos referenciais e, pior que tudo, perdemos o contato com o que somos e com o que realmente desejamos.

O mundo sensível – reflexo do mundo ideal de Platão –, o mundo como representação da verdade de Schopenhauer e a narcose das drogas entorpecentes de Homero nos rodeiam, nos tentam e nos iludem a cada passo que damos na vida.

Hoje, a mídia em suas diversas formas (impressa, eletrônica e digital) exerce esse papel alienante que carrega o homem para longe dele mesmo, naquilo que ele tem de mais autêntico, verdadeiro e individual.

No entanto, a poderosa ação midiática de promover a narcose e a subserviência às ideologias não pode ser vista como algo avassalador e sem retorno.

A fragmentação do ser é indiscutível, está fora de questão. O que se deve considerar é a maneira de lidarmos com essa cisão presente no mundo e no homem. Essa quebra, que ultimamente vem sendo recrudescida pela ação midiática e da *web*, foi foco de inúmeras reflexões dos poetas míticos, como Hesíodo, Homero e da tradição mitológica grega, dos pré-socráticos, antigos, medievais, modernos e contemporâneos.

Uma realidade nem sempre pensada, mas sempre sentida e, por isso mesmo, uma ferida que vem sangrando há milênios.

O homem busca, incessantemente, a conciliação entre essas facetas. No entanto, a realidade o desafia, reforçando a exterioridade, a objetividade, diluindo sua individualidade em um todo que o traga enquanto lhe proporciona um arremedo de felicidade.

Dentro desse contexto, o conceito de esclarecimento se esfumaça, se confunde e ganha uma nova face, passível de manipulação ideológica e midiática. O conceito de esclarecimento se apresenta, agora, eivado de nuances de pura informação descartável veiculada pela Internet e pela TV.

Viver entre esses dois mundos significa estar dividido entre o desejo de Ulisses de retornar a Ítaca e se ver tentado pelo canto das sereias, de ser Sísifo mirando o alto do monte e se ver preso à sua base, em tentativas infrutíferas de autorrealização.

Essa fragmentação tem reflexos marcantes nos processos educacionais, uma vez que o grande representante das ideologias – os veículos de informação – invadiram os espaços educacionais com toda força possível.

A batalha empreendida pelos professores em salas de aula para sobrepor sua voz à dos *I-pods*, celulares e *tablets* é, nos dias atuais, uma situação recorrente e que vem gerando, nas escolas, problemas para os quais os educadores não estão suficientemente preparados para enfrentar.

O material didático fornecido pelo Estado está, pouco a pouco, sendo desprezado pelos professores, uma vez que as respostas a todas as questões ali apresentadas estão disponibilizadas na Internet. Os alunos simplesmente “colam” as respostas e o professor acaba, tristemente, deparando-se com centenas de provas idênticas.

Essa postura de desinteresse por conhecimento e a busca de atalhos só revelam a desesperança do homem atual e uma sujeição cega à visão de mundo que lhes foi imposta. Talvez, não conscientemente, cada indivíduo veja-se impropriamente chamado como tal. Ainda que não racionalizada, a noção de que é um amontoado de fragmentos desempenhando papéis diversos, ocupando inúmeras posições, sem saber qual é a real e verdadeira, aquela que o identifica como sujeito, determina seu modo de ser e de relacionar-se com o mundo.

Insegurança, medo, inadequação ao lado do desejo de inserção são componentes naturalizados desta realidade em que o ser transformou-se em mercadoria e o objeto adquiriu poder e vida.

Os sentidos dados ao esclarecimento (*Aufklärung*), à cultura e à formação (*Bildung*) transformaram-se, adaptando-se às exigências mercadológicas. Professores e alunos, como elementos integrantes de uma sociedade perdida entre mil tendências e conceitos, têm dificuldade de traçar referenciais, já não sabem nem mesmo o que é preciso para se atingir a felicidade. Já nem sabem o sentido de felicidade; esta lhes foi inculcada como estreitamente vinculada ao consumo de bens materiais e à importância de ser notado pelo outro. Tudo em uma relação que passa longe da alteridade que poderia conduzir à humanização, ao fim da barbárie e à construção de um ser solidário e cooperativo. Há um estreitamento de mundo, um tanto quanto solipsista, auto centrado e tendente ao egoísmo que desencadeia uma luta de poder insana e que tem trazido inúmeros prejuízos sociais e individuais.

3.2 A tensão dentro da escola

Abordar a semiformação, a semicultura e o poder midiático dentro da escola não é tarefa que se possa considerar fácil.

O que se passa entre os muros escolares é, na verdade, um confronto entre fragmentos de seres cheios de ânsias e desejos fabricados.

Quando Italo Calvino diz que “todos nos sentimos de algum modo incompletos, todos realizamos uma parte de nós mesmos e não a outra”, não podemos deixar de nos reportar às cisões manifestadas na relação de cada um consigo mesmo e nas inter-relações pessoais e sociais. Na escola é possível se ver uma gama extensa de indivíduos (professores, alunos, funcionários e gestores) perdidos entre a realização completa de si e a consciência da incompletude renitente.

O professor, muitas vezes mal formado e inseguro, exercendo seus inúmeros papéis sociais – chefe de família, funcionário público, sócio de um clube, seguidor de uma religião, contribuinte, segurado social, pai, filho e tantos outros – é, por necessidade profissional, obrigado a abandonar periodicamente todas as outras facetas

de sua vida para mergulhar no mundo do ensino junto a outros indivíduos – os alunos – que, por sua vez, são filhos, sobrinhos, educandos, professores de outras crenças e religiões, exercem seus papéis sexuais e estão inseridos em grupos raciais, culturais, sociais e econômicos diversos que os dividem, pessoalmente e como grupo.

Em uma tessitura de tal modo irregular, não é de se estranhar a ocorrência de tensões que brotam não só do confronto consigo mesmo, mas, sobretudo, do confronto com uma exterioridade que lhe é alheia, tanto quanto o é a sua própria interioridade.

As manifestações desse desbalanceamento são evidenciadas de forma bastante clara e distinta no dia a dia das salas de aula em que professores e alunos medem forças, agriem-se e desrespeitam-se, envolvendo em cada conflito os coordenadores, os auxiliares de organização escolar e os gestores.

Essas tensões sempre existiram de uma forma dissimulada e silenciosa. Os alunos apelidavam os professores, os odiavam ou os amavam, sem, no entanto, dar vazão a esses sentimentos, ou explicitá-los de forma clara e publicamente.

A Internet abriu um caminho para a manifestação das tensões. Ela dá ao indivíduo a sensação de que tem voz e que não é, de todo, invisível; sente que sua voz tem mais alcance e que ele está, ali, registrando seu protesto, sua insatisfação e sua revolta. O conflito entre as gerações e de objetivos que se cruzam em uma sala de aula não é, em absoluto, uma novidade. É algo inerente à relação entre mestres e pupilos.

Um aspecto a ser considerado cuidadosamente é: o aluno e o professor mudaram realmente? O desejo de poder presente em ambas as partes é um elemento novo nessa relação? O desejo de poder é um elemento recém-nascido? Não terão os novos meios de comunicação apenas propiciado uma emersão dos torvelinhos subterrâneos já há muito existentes? Não terá o novo aluno, simplesmente, descoberto que pode abandonar o território da invisibilidade e atuar mais claramente, manifestando seus desagrados, o que, em tempos passados, ocorria de maneira velada? O âmbito da crítica, da manifestação de descontentamento e da rebeldia foi deslocado das páginas dos cadernos dos alunos, que caricaturizavam o professor, e dos corredores, pátios e salas de aula, em que esses alunos faziam imitações grotescas de seus mestres para a diversão dos colegas, para a virtualidade, que tem maior penetração e que faz com que se sintam mais poderosos. O ser, enfim, é percebido, não apenas junto a um pequeno grupo de colegas de classe, mas junto a toda a multidão de usuários da Internet que,

estudantes, como ele, de outras escolas, outras cidades e regiões, identificam-se com seu protesto.

Essas desacomodações (re)veladas que vêm agora tumultuando as rotinas e o dia a dia do ensino têm, de fato, raízes profundas e antigas. São o desenrolar de uma longa história pessoal e social.

O ambiente escolar é o palco de complexidades e contradições de papéis mal definidos. Os educadores não têm a exata noção das atribuições que lhe cabem. Os papéis reservados às famílias e à escola mesclam-se e confundem-se, deixando professores e pais delegando sempre, um ao outro, a responsabilidade pela formação das crianças e dos jovens, o que faz com que ambas as partes sintam-se inseguras e no direito de cobrarem-se mutuamente pelas falhas ocorridas.

Muito se fala sobre o despreparo do professor atual, aquele que se graduou em cursos superiores deficientes e que entra no mercado de trabalho sem estar preparado para lidar com as situações desafiantes que são comuns nas escolas. As críticas também se dirigem aos pais, vistos como ausentes e relapsos. Tudo não passa de uma imagem refletida da fragmentação dos seres, no espelho deformante de uma sociedade também fragmentada.

A tensão evidenciada na relação professor/aluno ganha novos contornos quando ultrapassa os muros escolares e invade a virtualidade. É nesse mundo virtual que a civilização e o progresso tecnológico mostram as garras da barbárie que trazem em si, embutidas.

É importante que o professor, exposto nas redes como palhaço à beira de um ataque de nervos, descontrolado e, às vezes, beirando o ridículo, não tome esses ataques como algo pessoal, ainda que ele próprio seja o protagonista da ação desenrolada no *Youtube* e similares. É preciso levar em conta que aquele fragmento de nós mesmos que, naquele momento, está atuando como educador está tão sujeito quanto seus alunos e todos os demais componentes da sociedade aos efeitos da semiformação e da perda de identidade.

O educador maduro e consciente pode enxergar nessas manifestações, muitas vezes desrespeitosas, elementos a serem analisados com vistas à superação dos conflitos e aperfeiçoamento dos processos educacionais.

Essas tensões sempre existiram, sem, no entanto, serem manifestadas abertamente.

O aluno das décadas, séculos e milênios passados guardava os mesmos sentimentos de inferioridade em relação aos seus mestres, ressentimentos pelas punições sofridas, queixas e sensação de ser sempre injustiçado. O que mudou foi a eclosão de ferramentas que tornaram possível a exteriorização, muitas vezes anônima, de suas insatisfações e essa é a face positiva da rede.

Muitos dos *clipes* veiculados trazem à tona a situação de extremo esgotamento do professor, sua falta de preparo para contornar as dificuldades trazidas pela sociedade capitalista e o desencanto dos alunos sem perspectivas de um futuro que satisfaça as exigências da sociedade de consumo. Um professor sempre à beira de um ataque de nervos trabalhando com uma juventude desencantada, ambos sem referenciais éticos e sem sonhos. Um triste quadro que só confirma a asserção de Adorno, citando Freud em “Educação após Auschwitz”, de que “[...] a civilização [...] origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório”. (1995, p. 119)

Tanto alunos quanto professores fomos todos educados para a heteronomia e sucumbimos diante do encanto das vozes das sereias, saboreamos o *loto* e, assim, nos esquecemos de nos perguntar o porquê da vida, de nossos atos e nem mais percebemos a escravidão a que nos sujeitamos docilmente. Vamos carregando a rocha de Sísifo montanha acima, em um esforço repetitivo e não questionado, assumindo o absurdo do nosso encontro com a vida.

Um fator que agrava essa situação é o desejo de inserir-se, moldar-se e formatar-se de acordo com o que é exigido pelo grupo social, pela sociedade. Essa heteronomia instala-se de forma sub-reptícia por pressão social e econômica. Eu preciso ou desejo? Desejo por quê? O que me diz que desejo tal objeto de consumo? Pergunto-me se isso ou aquilo é essencial para minha felicidade? O que é felicidade? O que faz um indivíduo feliz? Sou livre? Exerço minha autonomia? São perguntas que já não se fazem. Vamos seguindo teleguiados e ligados no “automático”.

Assim descrita, a situação da educação e da formação dos sujeitos assume uma face tenebrosa e com ares de irreversibilidade.

Em se tratando de dominação, sujeição e resistência, podemos traçar um paralelo entre a situação do processo educacional atual, dominado por ideologias altamente suspeitas, e a ocupação da França pelos nazistas.

Durante a ocupação da França pelas forças nazistas, muitos dos franceses aderiram, alguns se exilaram, fugindo da realidade, enquanto uns poucos resistiram. Foi a força da resistência que os libertou.

A opressão passou a gerar um número pequeno de patriotas descontentes. O envolvimento sentimental das mulheres francesas com os ocupantes alemães causou a repulsa dos homens, ofendendo-lhes a honra. A desvalorização da moeda francesa diante da alemã permitiu que os nazistas usufruíssem os privilégios econômicos, enquanto que os franceses mergulhavam em grande miséria, causada por uma galopante inflação e escassez de alimentos. Crianças e idosos sofriam com a desnutrição, combatendo diante da fome. Milhares de trabalhadores franceses foram transferidos para trabalhar na indústria alemã, em plena ascensão, enquanto que as fábricas francesas entravam em colapso.⁴¹

Diante da realidade que se nos apresenta em relação aos processos educacionais, assim como sociais, econômicos e culturais podemos, da mesma forma, adotar um dos três posicionamentos: o de adesão total e irrestrita, mesmo que não refletida; o do exílio, ainda que estando “de corpo presente”; e o da resistência.

A dificuldade de se estruturar uma resistência diante da cristalização dos conceitos de submissão, de naturalização das diferenças e da semiformação imposta à massa parece se constituir em uma muralha intransponível e, diante da qual, o melhor é desistir e entregar-se.

Porém, para infelicidade dos mantenedores do *status quo*, há os resistentes propondo uma educação para além do capital (Mészáros), voltada para a autonomia e liberdade por meio da valorização de todos os saberes (Freire), apontando as armadilhas armadas pelas monoculturas contra as quais surge uma nova cultura política emancipatória (Souza Santos) ou tecendo uma crítica à indústria cultural, à

⁴¹ França de Vichy – O governo da desonra de uma nação. Disponível em: <http://virtualiaomaniesto.blogspot.com.br/2009/07/franca-de-vichy-o-governo-da-desonra-de.html>. Acesso em 16 mai 2012.

semiformação e a instalação da barbárie em decorrência da dominação capitalista (Adorno e Horkheimer).

Existem, enfim, novas propostas, novas leis e, por todo o mundo, conferências, encontros e fóruns procuram por soluções e respostas que possam levar a um processo de transformações.

Nos planos oficiais e governamentais, entretanto, observa-se que a maior parte das propostas gravita em torno de um aluno e professor ideais. O aluno e o professor “de papel” sabem perfeitamente como se conduzir em cada situação de conflito que se apresenta, dialogam, superam as diferenças e constroem a escola perfeita, o que nos remete à Teoria dos Jogos e a uma célebre anedota sobre *Mané Garrincha*, um dos mais perfeitos craques do nosso futebol, e o treinador Vicente Feola, na Copa do Mundo de 1958, na Suécia.

Na Teoria dos Jogos, toda arte e toda ciência consistem no estabelecimento prévio de algumas ferramentas capazes de fornecer informações que permitam antecipar os movimentos dos outros jogadores. Conta-se que na preparação para o jogo entre Brasil e União Soviética, na Copa de 1958, o técnico Vicente Feola chamou Garrincha para uma conversa e deu suas orientações para o que deveria acontecer em campo. “Mané, você pega a bola e dribla o primeiro, o segundo e todos quantos chegarem... Vai até a linha de fundo e cruza forte para trás... O Vavá vem chegando a toda, já sabe onde você vai jogar a bola, e faz mais um gol!!! Nada ingênuo, Garrincha perguntou ao técnico: “Tudo bem, seu Feola, mas o senhor já combinou tudo isso com os russos?”

Parece que nossos legisladores e todos aqueles que devem pensar e propor soluções para a tragédia vivida pelo ensino público brasileiro desconhecem inteiramente a realidade concreta das escolas, seus administradores, seus professores, seus alunos e continuam a elaborar suas propostas baseados unicamente em modelos ideais, de laboratório. Necessitam urgentemente de um Garrincha que lhes pergunte: “Mas os senhores já combinaram tudo isso com os envolvidos?”.

4. ANÁLISE DE VÍDEOS

4.1 Aluna agride professora para reaver telemóvel

<http://www.Youtube.com/watch?v=aQ7tjBuTaTo&feature=related>

Realizado na cidade do Porto, em Portugal, esse vídeo retrata uma situação que poderia perfeitamente ocorrer em nossas escolas e, ao lado do livro “A Escola dos Bárbaros” de Stal e Thom, sobre os problemas da educação na França, amplia a indicação de que tais questões não são exclusivamente brasileiras. Produzido por um dos colegas de uma garota que entra em um “corpo a corpo” com a professora para reaver um aparelho eletrônico, provavelmente confiscado por esta, testemunhamos, entre as risadas dos colegas, a quantas andam as relações entre professores e alunos.

O vídeo analisado traz à tona um problema que, ultimamente, tem sido recorrente nas salas de aula: o da presença dos aparelhos eletrônicos que o professor encara como um competidor que está levando vantagem, desviando a atenção dos alunos que passam o tempo das aulas ouvindo e baixando músicas, concentrados nos *games*, mandando torpedos entre eles mesmos e produzindo vídeos reveladores sobre a atuação dos seus professores.

Os celulares distinguem o aluno como participante da sociedade e definem, de acordo com o modelo, o preço e os recursos que apresentam, o *status* de quem o possui, o que confere a esses dispositivos uma importância que o adulto custa a compreender. Esta relação quase neurótica do adolescente com a máquina explica o destempero da aluna para reaver o seu celular. É como se uma parte dela mesma tivesse sido arrancada.

A filmagem tem início no momento em que a aluna, gritando descontroladamente com a professora, entre as risadas dos colegas que se portam como expectadores de uma comédia, parece sentir o prazer de se ver como protagonista de uma ação. Isto pode ser constatado pelo meio sorriso da garota ao se voltar para o “público”. O desejo de visibilidade da aluna aí se manifesta e está sendo satisfeito. Nesse momento ela é o centro das atenções.

Professora e aluna (esta maior que a primeira) travam uma luta corporal violenta enquanto falam e gritam. A professora segura firmemente o aparelho, ao mesmo tempo em que a aluna tenta arrancá-lo de suas mãos.

Sem nos atermos a parâmetros educacionais de disciplina e ordem, o vídeo evidencia o estresse da professora que poderia ter tomado uma atitude mais madura e moderada, mais firme e menos pessoal em relação à luta por seus direitos que a aluna julga ter.

Há aí uma luta pelo poder, pela definição de espaço e supremacia, uma guerra de egos que não é incomum na sociedade e que se projeta para o microcosmo da escola e das salas de aula.

No atual contexto econômico, político e social, tanto professores como alunos sentem-se excluídos das benesses prometidas pela mídia. São seres ausentes. O professor, sentindo-se espoliado de seus direitos como profissional, sem recursos logísticos que favoreçam o desempenho de seu papel, mal pago, sem apoio e desorientado diante da hegemonia eletrônica, não foi preparado em sua graduação para enfrentar as situações comuns vinculadas à concorrência com a tecnologia com que se depararia em seu dia a dia.

Como pano de fundo da filmagem, ouvimos os alunos da classe divertindo-se por estarem vivenciando, em seu cotidiano, a emoção que identificam nos *reality shows* televisivos. Houve uma quebra da rotina tão odiada das aulas em que os conteúdos disciplinares vão sendo passados e nos quais eles não veem razão de ser. Muitos dos conteúdos programáticos são descontextualizados, não têm vínculos com a realidade em que vivem esses alunos, o que torna as sensações propiciadas pelas telinhas muito mais atraentes e competitivas.

Em um segundo momento do vídeo, vemos a professora, ao mesmo tempo em que tenta arrancar o aparelho das mãos da aluna (que o segura firmemente), em uma tentativa desesperada de sair da sala, fugir da agressão, daquela realidade com a qual, com certeza, ela nem sonhava ao sair de casa para mais um dia de trabalho.

O que se vê são professores e alunos vítimas da semiformação, vítimas de um sistema que os condena a, nas palavras de Adorno e Horkheimer, se satisfazerem com a leitura do cardápio. (1985, p. 115)

Esse vídeo, como os demais, demonstra a distância de objetivos e concepções de vida existente entre alunos e professores. O professor entra em sala para ensinar. Não sabe bem o quê e nem por quê. Os alunos, especialmente os de escolas periféricas, vão à escola porque o “promotor exigiu” ou porque os pais não querem perder a bolsa-família e os obrigam a frequentar a escola. Não há sonho e nem esperança em ambas as partes envolvidas.

É visível, na situação apresentada, o alto nível de esgotamento nervoso do professor e seu despreparo para enfrentar conflitos. Fica evidente, também, a quebra de hierarquia e o descompasso entre duas eras que não conseguem delimitar até que ponto os aparelhos eletrônicos devem ser restringidos ou permitidos em salas de aula e até que ponto eles se apresentam como aliados ou concorrentes da educação.

Há uma fragilidade no sistema educacional, nas personalidades semiformadas de alunos e professores, no despreparo para o mundo real, uma vez que o contato com a realidade se faz, cada vez mais, virtualmente.

Na produção desses vídeos em salas de aula, o aluno se percebe e sente-se percebido. Sabe que tem a possibilidade de ter seu vídeo acessado por milhares de pessoas. Confere o número de acessos que seu vídeo obteve e por quantas pessoas ele foi visto, na qualidade de produtor, diretor, ator coadjuvante ou protagonista.

Há, nessas ações, aquilo que Türcke (2010) denomina *sensation seeking* – a busca da sensação que possa servir como compensação para a falta de colorido e para “uma rotina pobre em experiências”. (p. 74)

Se essa busca pela sensação é uma constante nas vidas de adultos esgotados pela mesmice do dia a dia, que se limita, na maior parte das vezes, a uma luta pela sobrevivência e pela conquista dos produtos que possam fazê-los ilusoriamente felizes, essa mesma frustração e sensação de vazio atinge, hoje, os jovens e até mesmo as crianças que encontram na Internet, nas redes sociais e na postagem de vídeos a satisfação desses sentimentos. Uma alternativa que se lhes configura como preenchimento de vida, enriquecimento e participação – a certeza de que se é alguém no mundo.

Os alunos não veem sentido nos conteúdos programáticos, muitas vezes não os vinculam às suas necessidades futuras e os consideram descoloridos e maçantes em comparação com o que podem acessar e colocar nas redes.

Assim como na série norte americana “Arquivo X”, na qual os agentes Scully e Mulder, desconfiados de que há muitas verdades escondidas, um mundo cujo conhecimento lhes é negado, concluem que “a verdade está lá fora”, nossos alunos, numa suspeita de que existe um mundo que lhes é vetado, também buscam o sentido e a verdade da vida “lá fora”, na janela representada pela Internet.

De acordo com Hamilton Werneck (2000) em “Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo”, além da falta de eficácia dos métodos empregados nas escolas, falta, também, cumplicidade e sintonia entre professores e alunos. Em artigo sobre este mesmo livro, o autor afirma:

Como o objetivo da escola é que o aluno aprenda, o trabalho não pode estar desligado, ficando o professor que ensina, de um lado, e o aluno que deve aprender, do outro. Para se chegar a bom termo, é necessário atingir um clima de cumplicidade, onde os professores só se sentirão satisfeitos quando seus alunos, de fato, aprenderem.⁴²

Há maior cumplicidade e identificação entre aluno e máquina que com o professor e a escola. O ambiente virtual, para eles, é muito mais próximo de sua realidade e é muito mais atraente.

A sociedade como um todo não pode perder de vista a questão da programação: quem programa quem. Stal e Thom alertam-nos para o fato de que, nos dias atuais, “É o computador que programa os alunos e não o inverso”. (1991, p. 54)

Zuin (2012) chama a atenção para a condição humana atual em que o homem reificado tem tão grande identificação com a máquina que até mesmo sua linguagem fundamenta-se em uma nova ontologia que engloba expressões como “ainda não me conectei”. (p. 100-101)

O vídeo analisado revela essa identificação dos alunos com a tecnologia que vem satisfazer o seu desejo de perceber e, mais que isso, ser percebido. Revela também a inaptidão do professor diante dessa nova realidade para a qual não foi devidamente formado, nem em sua graduação e nem em sua vida. Coloca-se em uma posição de policiamento contra essa ameaça que se apresenta aos seus objetivos de transmitir os conteúdos exigidos. O professor, no caso, está lutando pelo seu direito de transmitir os

⁴² Disponível em: http://www.portalsas.com.br/artigos/artigo7_educar_mais3.pdf. Acesso em 05 nov 2012.

conteúdos que lhe são exigidos e o aluno por seu direito de aprender da maneira que lhe parece mais dinâmica e real.

4.2 Professor bate boca com aluna

<http://www.youtube.com/watch?v=A9yyX8YII-k&feature=related>

Esse vídeo, também produzido por um dos alunos da classe fazendo uso de seu celular, pode ser dividido em quatro momentos.

Não são quatro tomadas (*takes*), uma vez que essas filmagens são feitas sem qualquer preparo e o roteiro é espontâneo e ocasional; os atores não passaram por leitura de *scripts*, ensaios ou direção. Há uma espontaneidade reveladora das condições desastrosas de uma educação que se encontra danificada nos tempos atuais.

O aluno começa a filmagem no momento em que sente que o espetáculo vai ter início e, aqui, devemos nos reportar a Debord para quem “O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real”. (1997, p. 138)

No vídeo aqui analisado, professor e aluna deixam evidentes os desejos reprimidos de poder e dominação, a desumanização nas relações humanas e a carga de agressividade, marcas do homem construído em uma sociedade que valoriza a força mais que a alteridade, o acolhimento do outro, o respeito e a doçura.

No princípio, o professor e a aluna discutem acaloradamente, ambos tentando impor seu ponto de vista, querendo fazer prevalecer sua força, seu poder. Não se vê, na filmagem, o exato momento de início e o motivo da tensão.

Nesse primeiro momento, o professor reclama da aluna: “já faz alguns dias que você está se metendo em *coisas que não é* (sic) da sua competência.”. Declara ainda que a aluna o está irritando. A garota argumenta, pergunta por que e, com a voz tensa, diz que fez a tarefa exigida. Medem forças, disputam poder.

Passa-se então para o segundo momento em que o professor vai até sua carteira e, pegando o caderno da aluna e vendo as respostas, põe em dúvida a autoria do trabalho: “pegou de onde?”.

É um momento confuso e quase surreal. Ela, como que admitindo ter copiado suas respostas, diz ter apagado; de imediato, o professor pergunta o porquê de ela haver feito isto. Há aí uma falta de lógica, uma incoerência total, que denota a tensão emocional e a perda do controle por parte do professor. Ele mostra-se tenso e esgotado enquanto tenta demonstrar poder.

O terceiro momento é aquele em que o professor abre a porta da sala para que a aluna saia. É quando entrarão em cena (não filmada) os outros atores do drama: agentes da organização escolar, coordenadores, vice-diretores e diretor e, como coadjuvantes, os pais.

O quarto momento é a apoteose cheia de graça e que talvez nem devesse ser incluída nesta análise. Acontece um verdadeiro anticlímax, um elemento de graça, humor e leveza, um elemento surpresa que desfaz toda a tensão. É o momento final do vídeo em que ouvimos a voz de um aluno dizendo: “Posso cantá?”. Uma demonstração de que as situações de agressividade e tumulto dentro da escola já não causam qualquer espanto ou impacto. São vistas como naturais, como um show que quebra a monotonia das aulas e o aluno que pede para cantar parece querer dar início a um novo espetáculo.

No vídeo em questão, o problema não é a máquina. Não é ela o motivo da tensão. Ela aparece aqui como instrumento de divulgação, denúncia, suporte de registro de uma situação recorrente dentro das escolas.

Mais uma vez, o professor desmotivado, tenso, à beira de um ataque de nervos, é exposto em um vídeo produzido por um aluno fazendo uso de seu celular.

O despreparo emocional e acadêmico do professor fica patente nessa situação: erros de português e inaptidão para lidar com a rebeldia própria da adolescência que culminam em uma situação de agressão mútua que sabemos serem comuns nas salas de aula atuais.

Professor e aluna entram em um bate boca em que medem forças e disputam posição de poder.

Não é uma situação fisicamente violenta como as que podemos ver em outras filmagens, mas revela, com todas as cores, o cotidiano de uma sala de aula, o dia a dia do professor que gasta grande parte do tempo apenas tentando disciplinar e, mais uma vez, o nível de estresse a que está exposto é evidenciado.

Aqui, a agressão fica por conta das palavras, nas agressões psicológicas e emocionais que sabemos serem tão ou mais destruidoras para uma relação. O professor arranca da carteira da aluna suas respostas ao exercício, questionando a autoria, constrangendo-a.

É patente a falta de respeito de ambos os lados, o que não é mais que uma projeção do macrocosmo social em que vivemos: no trânsito, nas famílias e nos ambientes de trabalho, o desrespeito, a agressividade e o desejo de se impor não se importam com sua capacidade de destruição.

O aluno encontrou na tecnologia – nos *tablets*, aparelhos de telefonia celular e caixinhas de som levadas para as aulas – uma poderosa arma de destruição das vaidades e das posturas indicativas de superioridade do professor.

[...] Mas os alunos já descobriram que a Internet pode se tornar um meio eficaz para que o tabu do professor como ser inatingível, que habita a esfera do espírito, seja espetacularmente rompido justamente por meio da utilização das chamadas novas tecnologias. A desmistificação da imagem do professor feita na esfera virtual expõe publicamente o narcisismo dos alunos, e também dos próprios professores [...]. (ZUIN, 2012, p. 186)

Vistas como instrumentos de poder, as novas tecnologias invadiram a vida das pessoas e as escolas, trazendo à tona a verdadeira face das relações danificadas de professores e alunos.

Chama a atenção de quem assiste a essa filmagem o distanciamento existente entre os alunos e qualquer interesse em sua própria formação, assim como a distância entre os objetivos do professor e do aluno. Um distanciamento que tem suas raízes espalhadas por diversos terrenos, dentre os quais podemos citar a ação deletéria da indústria cultural que cria ilusões quanto ao próprio conhecimento e níveis de informação, confundindo-os com formação. Aliena os sujeitos da busca por formação e aperfeiçoamento cultural, mantendo-os na superfície e na perifeira da vida. O desconhecimento quanto ao papel que devem exercer professores e alunos dentro da escola e na sociedade e o contingente cada vez maior de seres semiformados que, de acordo com Adorno encontram-se mais distanciados da formação que o não formado, são alguns dos fatores que têm contribuído para o estabelecimento da situação desesperadora a que chegou a escola.

Em “Educação – para quê?” (1995), Adorno faz referência a algo que já está incorporado à realidade dos alunos e que tanto vem incomodando os educadores: a “aversão à educação”.

A pergunta frequentemente feita pelos alunos é exatamente esta: educação para quê?

A mídia, nas novelas, nos campos de futebol, nos *reality shows*, nas passarelas e capas de revistas descredencia a educação como um fator de realização pessoal. Apregoa-se o sucesso fácil, sem suor nem lágrimas, sem frustrações e batalhas. Basta saber manipular as situações e as pessoas para se obter o melhor que a vida pode oferecer. Sendo assim, para que “sofrer” sobre livros e textos, para que ouvir o indesejado professor com suas letanias monótonas e sem aplicação prática?

A aluna protagonista deste vídeo segue o padrão do aluno “esperto”: aquele que cola as respostas dos exercícios (que estão disponíveis na Internet) e pretende ludibriar o professor. Para esse jovem, o que conta é somente obter sua nota, ganhar seu dinheiro, adquirir bens de consumo. Ele tem resposta para tudo e não atribui a mínima importância ao conhecimento e à formação.

Os educadores conscientes preocupam-se com essa situação porque veem nela o empobrecimento de todo um povo. Francis Bacon, em “Novo Organum” (1973, Livro I, LXXXV, p. 60), considera que “nada há de surpreendente que a ilusão da riqueza tenha sido a causa da pobreza”. Desde que o conhecimento, a cultura e a formação tornaram-se bens de consumo acessíveis a poucos privilegiados, aqueles que se sentem excluídos simplesmente abandonaram o campo de batalha, desistiram de querer conquistar esses valores e desenvolveram novas técnicas de sobrevivência que, baseadas no ressentimento, desembocam na agressão voltada para aqueles que mais de perto representam o poder castrador.

O professor, na situação apresentada, tenta conduzir a aluna à adaptação aos moldes educacionais que ele tem como padrão ideal. A aluna, de sua parte, resiste. Em ambos constata-se o mesmo movimento dialético de adaptação e resistência a padrões individuais.

Mesmo que essas situações sejam vistas pelo professor como algo desgastante e como um atestado de seu fracasso como educador, é preciso que elas sejam contempladas sob diferentes óticas e vistas como uma tensão necessária ou, quem sabe, a barbárie despertadora que é a condição da anti-barbárie.

As situações de violência, a tensão renitente entre professores e alunos, a falta de confiança entre eles, o descrédito em relação aos papéis que estão exercendo naquele palco em que se transformaram as salas de aula e a sensação de que estão ali apenas para cumprir uma árdua obrigação, de acordo com a colocação de Adorno, pode ser o gatilho para a mudança, a faísca que, detonando a bomba, exija reflexão e reconstrução de uma nova realidade.

4.3 Professor é filmado agredindo aluna de 11 anos

http://www.youtube.com/watch?v=5Vx_4wmVtRk&feature=related

Usando seu celular, um aluno gravou as cenas que acabaram em um Boletim de Ocorrência Policial, na avaliação de desempenho e da (in)capacidade do professor para exercer suas funções e, finalmente, no noticiário da TV.

A notícia veiculada pelo jornal foi postada no *Youtube* em 17 de abril de 2011 por alguém que se identificou como “pauloalx” e já atingiu a marca de 309.178 acessos e 763 comentários, sendo que a maior parte deles manifesta repúdio à atitude do professor.

A filmagem registra o momento em que o professor segura a aluna de onze anos pelo braço, levando-a, à força, para sua carteira. O único som que se ouve é o dos gritos da aluna. Impossível saber se a “platéia” (os demais alunos) estava realmente inerte e com a disposição de, simplesmente, assistir ao espetáculo ou se a filmagem está a tal ponto deficiente e prejudicada que esses registros foram excluídos naturalmente.

O professor, sem dizer nenhuma palavra, empurra e puxa a garota, segura-a pelo braço em uma atitude denotativa de muito estresse.

A qualidade técnica do vídeo é muito baixa. Som difuso e imagem com pouca clareza. No entanto, a tensão, a medição de forças e o desrespeito mútuo impressos na relação professor/aluno ficam evidenciados.

Assim como em muitas outras filmagens realizadas por alunos com seus celulares nas escolas, postadas no *Youtube* e assistidas por milhares de internautas, também aqui pode-se constatar a banalização da violência a que recorrem professores e alunos como sendo a melhor, se não a única, forma de solucionar conflitos, crença divulgada e reforçada pelos meios de comunicação.

Até mesmo os desenhos animados produzidos para crianças mostram um herói violento e armado, dotado de inúmeras capacidades e de força corporal, de raios paralisantes, espadas, armas de fogo e diversas artimanhas.

[...] para vencer o mal que ameaça a sociedade, a televisão fabrica seus heróis destemidos e fortes, sempre dispostos a demonstrar que o uso da agressão é imprescindível ao propósito de vencer o inimigo, representado, é claro, como “do mal”. (BARBOSA, 2002, p. 115)

“Em certas circunstâncias a antibarbárie requer a barbárie” é o que diz Adorno (1995, p. 165). Youcenar, seguindo o mesmo raciocínio, vê na guerra um meio de se atingir a paz. (2003, p. 89)

Quem pode garantir que estas cenas extremadas de maus relacionamentos, lutas físicas e psicológicas que têm sido recorrentes e consideradas naturais no ambiente escolar, como na sociedade, não possam ser o elemento detonador de uma reação capaz de alterar essa triste realidade, uma vez que quando amplamente divulgadas impactam fortemente as pessoas que as assistem?

Entretanto, para que situações como a ocorrida nessa escola estadual de Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, em uma classe de 5º ano, não se configurem tão somente como um ato de violência gratuito é necessário que os envolvidos, direta ou indiretamente nos episódios, submetam-se a uma crítica lúcida, assim como também avaliem criticamente o incidente, as ações dos atores sociais e o que se esconde por trás dessas manifestações egoístas.

Nesse vídeo, o que se vê é uma tensão gerada pelo binômio adaptação e reação. O professor, voltando à sala de aula após longo tempo de afastamento, talvez tente adaptar os alunos a uma realidade já não mais existente, enquanto a aluna reage a essa imposição. Há tentativa de impor uma adaptação e reação de ambos os lados. Um estranhamento, um diálogo que não se concretiza devido à concorrência entre duas linguagens, dois pensamentos distanciados no tempo.

Cada um dos lados vê no outro o agressor, o inimigo a ser combatido. Na filmagem, a aluna alega ter se levantado apenas para jogar, no lixo, uma goma de mascar. Como não há registro dos momentos que precederam a discussão, não ficam devidamente esclarecidas as causas que deram início à disputa.

É inimaginável uma formação que contemple conceitos como cidadania, respeito, autonomia e democracia em um ambiente permeado e penetrado de tensões e lutas abertas. Talvez, em um rompante de otimismo, possamos ver nessa ampla divulgação das condições

lamentáveis em que se encontra a educação no país um caminho para a busca de alternativas solucionadoras.

A mãe da aluna registrou queixa contra o professor que, a partir desses acontecimentos, será avaliado psicologicamente, correndo o risco de ser afastado de suas funções e em prejuízo de toda a sua carreira. Tudo graças às mudanças dos tempos e à tensão que permeia o processo de adaptação e reação.

No presente caso faz-se necessária uma reflexão acerca de até que ponto o professor estaria se utilizando de sua prerrogativa de educador (formador) para simplesmente impor uma norma, uma regra, na expectativa de criar seres adaptados, heteronômicos, incapazes de qualquer reação.

Adorno, em “A Filosofia e os Professores” afirma que:

Eles (os professores) não devem sufocar suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma os alunos. Provavelmente um professor que diz: “sim, eu sou injusto, eu sou uma pessoa como vocês, a quem algo agrada e algo desagrade”, será mais convincente do que um outro apoiado ideologicamente na justiça, mas que acaba inevitavelmente cometendo injustiças reprimidas. (1995, p. 113)

Esta é uma afirmativa que pressupõe maturidade e humanidade, compreensão de que o outro é falho, é tão humano como ele mesmo e que tem o direito de cometer erros.

Não é o que ocorre na presente situação. O professor, com certeza, extrapolou os limites de uma ação equilibrada, exteriorizando uma emoção limítrofe. Ele expôs sua fúria, seu inconformismo diante do que considerou uma transgressão e partiu para uma atitude descontrolada de agressão física, tentando fazer com que a aluna se ajustasse a seus parâmetros do “bom aluno”, conforme seu conceito atemporal de formação.

Os quase 800 comentários dividiram-se em manifestações de defesa e condenação do professor. Os alunos que se posicionaram em defesa da aluna o fizeram em termos grosseiros e que denotam o desgaste da imagem do docente:

- Ta explicado, ele dava aula em 1970, naquele tempo os alunos apanhavam até de virar pro lado.

- *kkk, se um professor tentasse me pegar assim pelo braço eu dava uma baiana cabulosa nele kkk.*

- *Simples vai lá e arrebenta a cara dele na paulada 'véio forgado'.*

- *Bom, muito simples... só voltar no dia seguinte e dar umas belas facadas nesse véio desgraçado.*

- *Na minha época respeitávamos os professores... eles eram severos... hj... deram liberdade pra mulekada agora aguenta...*

Assistindo ao vídeo e lendo os comentários podemos perceber o alto grau de desgaste da imagem do professor, dos descaminhos da escola e da ação que a mídia exerce sobre a semiformação dos indivíduos.

O que pode se ver como um aspecto positivo dessas filmagens postadas no *Youtube* é a transparência que elas conferem a uma realidade que, sem essa divulgação, estaria condenada a permanecer confinada às paredes das salas de aula, o que impossibilitaria uma possível reflexão, uma análise crítica que se constitui no único caminho para os ajustes tão necessários.

4.4 Professores estressados na sala de aula

http://www.youtube.com/watch?v=wYMpB83_C0U

Este vídeo apresenta dois casos em que os professores perdem o controle na sala de aula e chegam a quebrar objetos. O segundo caso foi registrado em uma classe de ensino superior, o que vem demonstrar que o problema da agressividade decorrente de uma relação extremamente conflituosa não se limita aos ensinos fundamental e médio; este caso não foi aqui analisado por afastar-se do objetivo central deste trabalho que é o de focalizar as tensões relacionais no ensino básico, sem voltar-se para as situações que ocorrem no ensino superior, entre adultos.

No primeiro caso, o professor ministrava aulas em uma classe de oitava série em uma escola estadual no litoral de São Paulo.

Na primeira parte da gravação temos apenas o áudio que foi captado por uma aluna e que choca por revelar o nível de estresse a que um professor pode chegar e que, de acordo com a psicóloga Fabiana Luckemeyer, são reações extremas de descontrole emocional como resposta às pressões do dia a dia, à falta de realização e ao acúmulo de insatisfações.

O professor se irrita quando uma aluna diz que não compraria a apostila pedida; um pequeno detonador para uma grande explosão.

É nesse primeiro momento de gravação que o professor se declara doente. Aos gritos ele diz: “Eu estou doente”, “Estou de saco cheio da escola”, “De saco cheio de vocês”. Nesse instante, ele exterioriza sua raiva, seu descontentamento e sua frustração.

Na voz do professor é possível sentir o desespero de quem cumpre penosamente uma tarefa inglória. É Sísifo rolando sua rocha montanha acima em uma movimentação que resulta sempre em não realização. É perceptível o sentimento de inadequação do professor para conduzir sua prática.

O professor em questão já havia entrado com um pedido de licença saúde que, estranhamente, não lhe foi concedida.

Um profundo abismo se interpõe entre os objetivos da escola, recorrentemente teorizados nos congressos, encontros, fóruns e nas legislações vigentes e a prática nas salas de aula. A questão do respeito aos direitos de ação e voz do outro, que os docentes tentam transmitir à exaustão, são esquecidos pelo próprio professor no momento em que uma recomendação ou ordem sua é desconsiderada. Diante de seu alto nível de esgotamento, isso se lhe configura como desafio à sua autoridade, desrespeito e agressão. Infelizmente, este não é um caso único, não se trata de um evento excepcional. Em maior ou menor grau, essas situações já fazem parte do dia a dia letivo e não causam estranheza aos envolvidos.

Para os alunos, muitas vezes, estes momentos são o ponto alto da aula, aquilo que de melhor pode acontecer na escola, um *show* em que eles são os diretores das ações em que o ator principal, o professor, atua sem *script*, sem roteiro e com uma carga emotiva digna de registro. Mesmo quando não aparecem nas filmagens, sentem-se visíveis por, ao irritar o professor, estarem dirigindo a cena. Estão, portanto, dirigindo a atuação daquele professor, um “ator” completamente maleável devido ao esgotamento físico e mental a que está submetido.

Preparar aulas, preencher manualmente os diários de classe, administrar o desrespeito de que é vítima dentro das salas de aula lotadas, funcionar como psicólogo, assistente social, pai e mãe, enfermeiro, um *factotum*, não disponibiliza aos professores tempo para se inteirar das leis que regem seu trabalho, seus direitos e mesmo trabalhar reflexivamente sobre sua prática.

Tudo é feito intempestiva e intuitivamente, o que gera, por sua vez, uma frustração ainda maior que vem, como têm demonstrado os vídeos no *Youtube*, aumentando os níveis de um estresse que desemboca em problemas físicos, incapacidade funcional e decepções que acabam por se refletir nas vidas de todos os envolvidos no processo ensino/aprendizagem.

O segundo momento do vídeo é aquele em que uma aluna relata a agressão desse mesmo professor a uma professora que se encontrava na sala ao lado e que, ao ouvir os gritos indicativos de uma situação fora de controle, tenta ajudar e é também agredida por ele, sendo jogada ao chão.

Paradoxalmente, em uma sociedade dita da comunicação, não ocorre a expressão do que há de mais profundo em cada fato e pessoa e, assim, a comunicação, efetivamente, não se estabelece entre docentes e discentes, entre professores e seus colegas, com a coordenação ou gestão da escola e, pior ainda, não há comunicação entre o profissional da educação e o indivíduo que ele mesmo é. Talvez seja esse o primeiro diálogo, o primeiro ato de comunicação que deva ocorrer, uma ação que implica na autoavaliação crítica de sua *práxis*.

São muitos os fatores que incidem sobre a formação desse abismo comunicativo: a má formação e despreparo do professor que, devido à necessidade de sobreviver com um salário que não condiz com o montante de atribuições, assume cargos em várias escolas, muitas vezes distantes entre si, não tendo tempo disponível para a reflexão ou formação continuada, os alunos que não veem sentido nos conteúdos abstratos que lhes são ministrados e o desencanto geral de todos que se dirigem à escola sem nela acreditar.

A aceleração dos avanços tecnológicos e a ação cada vez mais sedutora da indústria cultural são outros fatores responsáveis por esse quadro em que professores e alunos se unem em um espaço comum, mas em tempos absolutamente diferentes; mesmo um professor que tenha se graduado recentemente já há de encontrar em suas classes alunos de outra geração, outras crenças e outros desejos.

Em registros de ocorrências como a desse professor do litoral paulista, cabe lembrar a consideração feita por Debord de que:

O espetáculo é o apagamento dos limites do eu (moi) e do mundo pelo esmagamento de eu (moi) que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da *presença real* da falsidade garantida pela organização da aparência. (1997, p. 140)

Um aluno produz o vídeo com seu celular, outro protagoniza a ação discutindo com o professor e o desafiando, enquanto que o restante da turma participa do espetáculo na condição de público que vive a emoção, sente o prazer que lhe proporcionam cenas que contêm violência e aguardam, em suspense, o seu desfecho. Tudo pode acontecer.

Apagam-se os limites do eu e do mundo. Não há atitudes pensadas e ensaiadas. A ação se desenrola massificadamente e nela estão camuflados o verdadeiro e o falso. O real parece ser a filmagem. É ela que adquire concretude, que tem uma existência física e material que esconde a realidade que se constitui de emoções, angústias, sonhos e frustrações.

Nesses registros, falso e verdadeiro se entrelaçam e se confundem. A esse respeito, Debord (1997) cita Feuerbach que se refere à sua época como um momento em que se preferia “a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade”. (p. 207)

Os filmes revelam algo, mas não o âmago dos problemas que afetam as relações dentro das escolas.

4.5 Estudante joga cadeira em professor

<http://www.youtube.com/watch?v=UG7PmrgYAqs&feature=related>

A cena gravada por um aluno do segundo ano do ensino médio em uma escola de Jacarezinho, no Paraná, foi parar no “Jornal Hoje”, da Rede Globo, e com certeza foi vista por milhares de pessoas em todo o Brasil.

As imagens mostram o começo da discussão.

Professor: *Aja como um bom ser humano!*

Aluna: *Você é que é um cavalo, um jumento!*

A aluna continua xingando o professor e, quando tudo parecia mais calmo, ela se levanta e atira a carteira em cima dele.

Temos aqui o registro da extrema barbarização humana levada para o ambiente escolar, uma barbárie que acompanha e que, paradoxalmente e fora da perspectiva traçada pelo Iluminismo, se contrapõe ao progresso da civilização, da tecnologia e da ciência.

Em “A Educação contra a Barbárie”, Adorno (1995, p. 155) coloca a desbarbarização como o objetivo primordial e urgente da educação na atualidade, com o que não podemos deixar de concordar ao nos depararmos com cenas como a registrada no vídeo em questão.

Sobre esse processo, seu caráter e suas causas, afirma Adorno:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir [...] (id. *ibid.*)

É exatamente o que constatamos no episódio gravado: a utilização de uma tecnologia avançada que, a cada dia mais se aperfeiçoa e mais invade as salas de aula, registra um momento de barbárie descontrolada em que uma aluna, após a discussão carregada de palavras que denotam o grau de tensão relacional que permeia a convivência entre docentes e discentes, joga sobre o professor uma carteira.

A escola abriu investigação para decidir se vai, ou não, punir a aluna. Quando ocorrem fatos como este em salas de aula, os depoimentos são divergentes. Há a versão do professor, a do aluno e a dos colegas. Os gestores, ainda perplexos diante dessas situações que a cada dia se tornam mais comuns, nem sempre têm certeza sobre qual atitude mais justa e correta a ser assumida.

O que mais chama a atenção de quem assiste a esse registro de aula é a espetacularização do dia a dia, uma espetacularização que tem sua fonte no sentimento de não realização e na falta de uma perspectiva de sucesso e felicidade que se vincule à educação. Essa constatação inclui tanto os alunos como os professores.

É necessário que esse tipo de ocorrência seja analisada não só sob o prisma das pulsões humanas e do desejo de visibilidade inerente ao homem e fermentado pela indústria cultural, mas também à luz das ideologias que interpenetram todas as ações humanas em um sistema de produção e consumo.

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico; o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, “a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem”. (DEBORD, 1997, p. 138)

Neste vídeo, uma aluna e o professor Mauro Cleto da Silva, de 47 anos de idade e com 23 anos de experiência na profissão, protagonizam o espetáculo. Segundo ele, toda a violência vista na filmagem foi desencadeada apenas e tão somente por um pedido de silêncio feito por ele aos alunos.

A agressividade e a violência percorrem um longo caminho: nascem nas famílias que não impõem limites e nem se preocupam com a educação dos jovens e crianças, delegando exclusivamente à escola a tarefa de formar o futuro cidadão; transitam pelas ruas e pelas escolas; tornam-se visíveis nas redes sociais e na televisão e, por fim,

repercutem nos comentários, muitas vezes grosseiros, virulentos e de extrema agressividade que são postados pelas pessoas que assistiram a essas gravações e as compartilharam com outras.

4.6 Análise transversal dos vídeos

Foram selecionados cinco vídeos produzidos por alunos dos ensinos fundamental e médio que, fazendo uso de seus aparelhos celulares, registraram situações que, atualmente, são bastante recorrentes nas escolas. Casos de intolerância extrema, cansaço, desmotivação e despreparo de alunos e professores foram registrados nessas filmagens amadoras que chegaram com grande sucesso ao *Youtube* e, alguns deles, acabaram nas delegacias de polícia.

Revelam uma realidade preocupante e que parece já ter escapado do controle de professores, pais e gestores. São situações em que a agressividade, impulso natural do ser humano, ignorando os freios e limitações sociais e as regras de boa convivência, converte-se em violência entre alunos e professores, entre alunos e contra o patrimônio material e, marcantemente, contra a dignidade desses seres humanos.

O fato de casos de agressão e violência serem mais recorrentes nas escolas públicas e, em especial, nas das periferias, evidencia a inter-relação existente entre a escola e a comunidade em que ela se insere. Não que as escolas da rede privada sejam imunes aos efeitos das transformações sociais e nem à ação da tecnologia. O que ocorre é que, nos bairros periféricos, muitas das crianças e jovens, envolvidos na luta da família pela sobrevivência, são colocados em contato precoce com a realidade que os cerca e que, comumente, inclui o tráfico de drogas, a exacerbação da sexualidade, a descrença na vida e a busca de soluções imediatistas para os seus problemas.

Essas vivências e convivências tão pouco próprias da infância ou da juventude deformam a visão de mundo desses indivíduos, fazendo com que até mesmo o conceito que têm de “violência” seja mais vinculado a experiências físicas, sendo desprezadas as questões mais interiores e pessoais que perpassam os fatores psicológicos do agredido e, também, do agressor.

Minayo, citado por Oliveira e Campos no artigo “A violência e a agressividade na escola – Análise sob o ponto de vista do professor de Educação Física” (2011), afirma que:

Os episódios de violência são registrados com significativa intensidade, tanto a partir das informações oferecidas por alunos como pelos educadores. Para os alunos os problemas maiores são as discussões, agressões físicas, uso de drogas e ameaças. [...] Já para os educadores os problemas maiores são as agressões verbais, depredações, ameaças e intimidações. Os profissionais da rede pública apontam com maior frequência os episódios de violência do que seus colegas do ensino particular. (MINAYO, 1999, p. 120)⁴³

Em todos os vídeos apresentados testemunhamos a tensão existente entre os envolvidos no processo educacional e que são, reconhecidamente, fruto da semiformação, da falta de referencial de vida dos sujeitos (objetos) que se confrontam em uma sala de aula.

As salas de aula transformam-se em arenas em que professores e alunos assumem, alternadamente, seus papéis de algozes e vítimas.

Marcante a quantidade de problemas que têm sua origem no uso de aparelhos eletrônicos durante as aulas. Vemos professores quebrando os celulares de alunos, destruindo esses aparelhos como se estivessem “matando” o rival em um duelo ou acabando com a vida de um leão no Coliseu.

Docentes e discentes não encontraram ainda o meio termo entre a sujeição à tecnologia e sua capacidade de decisão e domínio sobre as máquinas.

O que se constata ao analisar os vídeos realizados pelos alunos é o deslumbramento que eles, viciados e entorpecidos, não percebem. Perderam completamente a capacidade de concentrar-se no que quer que seja e não veem nenhum atrativo nas disciplinas com seus conteúdos deslocados de sua vida real e virtual.

⁴³ MINAYO, M. C. de S. et al. Fala galera. *Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

O ritmo que a realidade virtual imprime a suas vidas não lhes disponibiliza tempo para assimilar a torrente de informações que lhes sobrevém. Não há tempo para reflexão, memorização e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da capacidade crítica, essencial para a formação.

Na Internet, as informações invadem a mente com uma celeridade nunca antes vista. Mal acaba de acessar uma informação, o usuário (o mesmo termo usado para o viciado em drogas) já é solicitado por um novo link. Por esse hábito de passar pelos conteúdos como um colibri passeia pelas flores, a capacidade de concentração e crítica se esvai.

Os vídeos revelam a incapacidade e o medo do professor ao lidar com a nova realidade instalada dentro e fora das salas de aula, da qual faz parte a dependência do aluno aos aparelhos eletrônicos, a dispersão do pensamento e o distanciamento de um projeto de vida que incluía a formação. Este conceito – a formação – perdeu muito de sua força e significado em meio às demandas da sociedade da tecnologia e da informação instantânea que conduz o indivíduo à fragmentação de seu tempo, espaço e consciência de si mesmo. Exige-se de cada um a busca desenfreada por sensações múltiplas encontradas na Internet, na TV e nos espetáculos da vida, de modo geral.

A máquina se fez senhora; é agora sujeito e protagonista nessa contraditória relação com o homem.

Também o diálogo perdeu sua força diante do isolamento do homem que, frente à máquina, só com ela dialoga, cultivando “amizades” eletrônicas sem qualquer avaliação do processo de solipsismo em que está mergulhado. Essa perda de capacidade dialógica fica bastante evidente nas filmagens postadas no *Youtube*.

Durante as aulas, os alunos usam seus aparelhos portáteis para fazer e receber chamadas, distraírem-se com os *games*, ouvirem músicas, trocarem mensagens entre eles e filmarem as situações excitantes (geralmente incidentes que denotam conflito entre eles e os professores). Tudo isso, concomitantemente e de forma desconcentrada, assim como a imagem do

(...) homem tomando banho de sol, que bronzeia suas costas, enquanto seus olhos passeiam por uma revista ilustrada, seus ouvidos participam de uma partida esportiva, suas mandíbulas mascam uma goma. (ANDERS, 2002 *apud* TÜRCKE, 2010, p. 43)⁴⁴

⁴⁴ ANDERS, Günther. *Die Antiquiertheit des Menschen I*, München: C. H. Beck, 2002. p. 138.

No artigo “Professores, tecnologias digitais e distração concentrada”, Zuin e Zuin chamam a atenção para o seguinte:

Não podemos desconsiderar o fato de que, em tempos de supremacia da chamada distração concentrada, torna-se cada vez mais difícil a produção do raciocínio crítico diante da velocidade da substituíbilidade dos estímulos audiovisuais que concentram a atenção de quem os consome para logo em seguida triturá-la. Mas é nesse ponto que a imagem do professor se torna cada vez mais decisiva. (2011, p. 224)

O professor está dando vazão à sua frustração na vida, protestando de forma equivocada contra sua condição de trabalhador pouco reconhecido, se posicionando contra os caminhos que a educação vem trilhando, seus baixos salários e o desrespeito de que se sente vítima. A psicologia tem diagnosticado, sob o nome de “Síndrome de Burnout”, essas extrapolações do professor nas salas de aula, esse alto nível de estresse e esses destemperos todos.

A chamada *Síndrome de Burnout* é definida por alguns autores como uma das consequências mais marcantes do estresse profissional, e se caracteriza por exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação a quase tudo e todos (até como defesa emocional). Enfim, a Síndrome de Burnout representa o quadro que poderíamos chamar “de saco cheio” ou “não aguento mais”.⁴⁵

Por considerar pertinente, anexamos a este texto o quadro de sintomas relacionados à “Síndrome de Burnout”.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=70>. Acesso em 17 mai 2012.

QUADRO CLÍNICO DA SÍNDROME DE BURNOUT

Quadro Clínico da Síndrome de Burnout

1. Esgotamento emocional, com diminuição e perda de recursos emocionais
2. Despersonalização ou desumanização, que consiste no desenvolvimento de atitudes negativas, de insensibilidade ou de cinismo para com outras pessoas no trabalho ou no serviço prestado.
3. Sintomas físicos de estresse, tais como cansaço e mal estar geral.
4. Manifestações emocionais do tipo: falta de realização pessoal, tendências a avaliar o próprio trabalho de forma negativa, vivências de insuficiência profissional, sentimentos de vazio, esgotamento, fracasso, impotência, baixa autoestima.
5. É frequente irritabilidade, inquietude, dificuldade para a concentração, baixa tolerância à frustração, comportamento paranóides e/ou agressivos para com os clientes, companheiros e para com a própria família.
6. Manifestações físicas: Como qualquer tipo de estresse, a Síndrome de Burnout pode resultar em Transtornos Psicossomáticos. Estes, normalmente se referem à fadiga crônica, frequentes dores de cabeça, problemas com o sono, úlceras digestivas, hipertensão arterial, taquiarritmias, e outras desordens gastrintestinais, perda de peso, dores musculares e de coluna, alergias, etc.
7. Manifestações comportamentais: probabilidade de condutas aditivas e evitativas, consumo aumentado de café, álcool, fármacos e drogas ilegais, absenteísmo, baixo rendimento pessoal, distanciamento afetivo dos clientes e companheiros como forma de proteção do ego, aborrecimento constante, atitude cínica, impaciência e irritabilidade, sentimento de onipotência, desorientação, incapacidade de concentração, sentimentos depressivos, frequentes conflitos interpessoais no ambiente de trabalho e dentro da própria família.

Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=70>. Acesso em 17 mai 2012.

O aluno, por sua vez, não tem a mínima ideia de como seja viver longe dos sons do canto das sereias. Faz parte de uma geração que já nasceu sob o signo da semiformação, do imediatismo, da incerteza do futuro. Já nasce derrotado.

Como podem duas gerações tão distanciadas e tão prejudicadas em termos de ideais conviverem harmonicamente? Para uma relação harmônica é necessário um foco comum. Algo que una as duas partes envolvidas.

Os alunos, especialmente aqueles de periferia, vivenciando amiúde a morte dos amigos e parentes envolvidos no tráfico, vindos de famílias desestruturadas em que a cada mês têm “padrastos” ou “madrastas” diferentes, são atraídos pelas facilidades de serem milionários participando de um *reality show*, jogando futebol ou participando de

um grupo de pagode e focam aí o seu sonho. Eles percebem pela própria amostragem que têm de seus professores que intelectualidade, formação e busca do saber não dá o dinheiro que a sociedade exige para que ele possa acessar todos os bens que o tornarão inserido e aceito.

A violência evidenciada nos vídeos apresentados decorre exclusivamente desse descompasso de ideais ou da falta deles.

Jogar o apagador no rosto do aluno, quebrar o bem que eles tanto prezam como fator de inserção, vandalizar o ambiente escolar, diminuir o outro, humilhá-lo, medir forças, já são parte integrante e naturalizada da vida escolar.

Muitos teóricos integrantes do movimento de resistência apresentam propostas baseadas na maior afetividade, nos projetos interdisciplinares e na crítica analítica da ação de uma (semi)cultura que incentiva o isolamento e o egocentrismo, na base do “salve-se quem puder”.

Os vídeos apresentados mostram uma situação de confronto alastrada que abrange escolas das redes pública e privada, atingindo inclusive o ensino superior.

A relação conflituosa entre alunos e professores chega à Internet e retorna à escola, nem sempre de maneira suave e trazendo à tona vertentes muitas vezes não percebidas ou diagnosticadas.

Muito recentemente, Isadora Faber (13 anos), aluna de uma escola pública de Florianópolis, publicou no *Facebook* um “Diário de Classe” em que denunciava problemas existentes na escola. Essa livre manifestação do pensamento transformou-se em caso de polícia. A menina e seus pais foram intimados a comparecer a uma delegacia para prestar esclarecimentos.

Quais seriam os caminhos possíveis para a solução de tais problemas? A educação, por si só, tem o poder de transformar? Há reversibilidade da situação? Por onde começar o movimento em prol de uma reforma educacional e social?

A complexidade do tema aponta para uma busca de soluções que ultrapassem os muros das escolas: as leis e diretrizes que não se concretizam, a amenização do clima criado pelos ressentimentos entre os seres e destes em relação a um mundo que lhes parece pouco acolhedor e hostil. Um mundo de falsas promessas, de desejos insatisfeitos e de guerra declarada entre todos, contra todos e contra tudo.

A morte como uma presença familiar que já não causa espanto ou comoção, tal o nível de banalização que atingiu pela recorrência das notícias que invadem os lares por meio dos monitores de TV ou pelo computador, a sexualidade desvinculada da afetividade que se apresenta nos *reality shows* e novelas, a ética utilitária e pouco clara e as pressões da sociedade capitalista para que o sujeito-objeto marque presença pelo consumo e auto exposição, tudo contribui para a aniquilação do ser.

No caso da utilização das diversas tecnologias, há que se considerar que o homem, tradicionalmente, devido à semiformação (que não é algo novo), tem tendido a fazer mal uso de tudo quanto a civilização coloca a seu dispor. Em relação à Internet a situação é a mesma. Ela, assim como a energia nuclear e tantas outras realizações humanas, caracteriza-se pela multiplicidade de possibilidades de utilização.

Máquinas são máquinas. Não têm vontade própria e nem qualquer poder, além daquele que lhes atribuímos e conferimos.

Seria insensato declarar guerra à tecnologia e ao progresso com base nos males que vemos grassar o mundo por meio da Internet e da TV, no epistemicídio que promovem, na vulgarização do amor, do sexo e de todas as relações humanas e na banalização da violência.

A luta deve ser focada na conquista de condições que favoreçam a formação de cada indivíduo que, libertando-se do estado de semiformação em que se encontra, desenvolveria uma criticidade em relação ao próprio homem, à natureza, ao progresso e à vida, o que lhe daria condições de utilizar-se apropriadamente das máquinas, das descobertas científicas, o que inclui a Internet e a TV.

O ponto de partida para essa esperada transformação é bastante discutido e discutível. Há quem afirme que apenas por meio da transformação dos indivíduos é possível se transformar o todo, o que é questionável, uma vez que há uma inter-relação complexa entre indivíduo e sociedade. Um constrói o outro.

Há um elenco infindável de questões, aparentemente sem respostas imediatas, mas que, submetidas a uma crítica reflexiva sobre as perdas e os danos que temos incorporado às nossas vidas e à sociedade, nos levam à conclusão de que é preciso, mais que tudo, ir além do capital, ir além de nós mesmos e adquirirmos, urgentemente, a noção de sermos parte de um todo que de cada um de nós depende e do qual dependemos. Isto implica em uma participação mais efetiva da sociedade civil

trabalhando em parcerias com os governos. É a proposta de Giddens como parte básica da política da terceira via: “Estado e sociedade civil deveriam agir em parceria, cada um para facilitar a ação do outro, mas também para controlá-la”. (1999, p. 89)

Os vídeos analisados expõem com crueza impactante uma das muitas chagas que a perversidade do sistema capitalista imprimiu no corpo social.

São os reflexos do desejo de poder e de visibilidade, dos ressentimentos acumulados, da ambição por tornar-se alguém, do querer informar-se sem formar-se que se materializam nas escolas, criando um círculo vicioso que transita do desencanto para a violência e desta para aquele.

É preciso que o sangramento dessas chagas seja estancado pela ousadia da crítica e da participação da sociedade civil, devendo-se atentar para os perigos da naturalização, para a ausência do espanto – gerador do conhecimento.

Sabia que tanto o bem como o mal são uma questão de rotina, que o temporário se prolonga, que o exterior se infiltra no interior, e que, com o decorrer do tempo, a máscara se transforma na própria face. Já que o ódio, a estupidez e a loucura surtem efeitos duradouros, não vejo porque a lucidez, a justiça e a benevolência não surtam também os seus. (YOURCENAR, 2003, p. 88)

Assim como o exterior se infiltra no interior, também o caminho inverso se faz. Diante da situação posta, é preciso que as interioridades ganhem voz, manifestem-se e se imponham com o objetivo de alterar uma realidade que não tem trazido realização e felicidade. Na conjuntura atual, urge que não se permita que as máscaras se tornem de tal forma aderidas às faces a ponto de perdermos a noção de como são os verdadeiros rostos, de como somos, do que precisamos e do que queremos.

Há no final desse excerto de Yourcenar uma mensagem de otimismo e esperança que devemos incorporar à nossa vida: se o mal e o ódio, a agressão e a violência têm tido força transformadora (negativa), por que não acreditarmos que a lucidez advinda da crítica e do sentimento de pertinência a uma estrutura maior que as posturas egoístas e individualistas também não surta seus efeitos?

CONCLUSÃO

A constatação de que vivemos tempos marcados por incongruências e paradoxos é causa de espanto e, muitas vezes, nos perdemos na análise e na busca da compreensão dos fenômenos que permeiam nossas vidas, tal a complexidade que atingiram as relações humanas e os reflexos dessas dificuldades na formação dos sujeitos.

A mesma vontade de poder característica das forças hegemônicas em todos os âmbitos exteriores ao homem tem seu contraponto microcômico no âmago de cada ser, de onde se infere que, além da luta por colocar-se, inserir-se socialmente, o homem empreende uma batalha interior desencadeada pelo descompasso entre o que a sociedade exige e aquilo que ele deseja mais intimamente.

Há, dentro de cada um, o desejo humano simples e válido de ser feliz e de viver naturalmente. Esse desejo não é destruído pelas contingências externas, mas é abalado e é causa da fragmentação da individualidade. Esse homem, dividido entre desejos, pulsões, exigências próprias e de terceiros é tomado por uma perplexidade muda e um silêncio que o coloca em estado de cumplicidade com o sistema que o descaracteriza como ser humano.

Do rádio aos computadores a caminhada foi célere e os detentores do poder encontraram, nesses veículos, aliados fortes e competentes para a disseminação das mensagens restritivas ao homem, da formação de um mercado consumidor acrítico e dócil às demandas externas.

Frustrações decorrentes desse descompasso entre mundo externo e interno levam ao isolamento e ao autocentrismo.

Na verdade, o homem não percebe o grau de solidão em que vive. Argumenta que vive uma vida social rica, que tem amigos, amores, que interage o tempo todo com o mundo, que é bem informado e que não sente solidão. Esse argumento é válido levando-se em conta o fato de termos perdido o referencial de relações verdadeiras, de amores reais. Grande parte dos acontecimentos das vidas se dá virtualmente.

As redes sociais são o substitutivo das antigas calçadas em que as famílias se reuniam nas noites de verão para trocar experiências, contar “causos”, histórias de assombração, degustar os bolos e doces confeccionados por alguma das vizinhas e recordar fatos da infância de cada um. Estas novas formas de relacionamento não têm o

importante componente do olhar nos olhos do outro, de sentir o calor humano emanado e o carinho verdadeiro que permeavam aquelas velhas relações.

Nas redes virtuais, cada um tem o rosto, o corpo, a idade e o perfil que deseja ter.

Tudo é espantoso e o espanto é o *arkhé* da Filosofia (KRASTANOV, 2011, p. 18). O fato de nos espantarmos diante da realidade que vai se estruturando e se estabelecendo no que concerne às vontades de poder e às relações humanas, sejam elas com terceiros ou consigo mesmo, é um fator decisivo para o início de uma mudança da realidade, uma vez que conduz à reflexão crítica.

Espantamo-nos com o poder que delegamos à mídia e ao sistema de produção e consumo e espantamo-nos diante do montante de vida própria que entregamos irrefletidamente a terceiros.

É o desejo de visibilidade, de encontrar fora de si o seu próprio valor e sentido de viver contra o mergulho nas águas turbulentas e turvas da realidade social, que a cada homem se impõe.

Fica muito difícil decidir que caminhos tomar quando não se sabe aonde ir e é essa a situação do homem atual: perdido entre a autorrealização e os apelos midiáticos para, acima de tudo, inserir-se socialmente, paradoxo que, em seus momentos de lucidez, vislumbra como vazios e não confiáveis como diretrizes de vida.

O solipsismo (ideia de que a única coisa existente é meu próprio eu e meus pensamentos) a que a conjuntura social e econômica condena o homem acabou por instalar-se irremediavelmente em cada ser.

Não há nada, ou há pouco a ser compartilhado. A vida reduz-se a garantir a própria sobrevivência e essa atitude é reforçada pela ideia que se dissemina pelos meios de comunicação de que formação, ética e compartilhamento são “coisas de intelectuais”. Não fazem parte da vida prática exigida pelo sistema.

O carnavalesco Joãozinho Trinta dizia que “O povo gosta de luxo. Quem gosta de miséria é intelectual”. Nesta frase está contida a dicotomia entre o preocupar-se com as mazelas da vida e com as questões sociais ou iludir-se com o brilho dos apelos do canto das sereias.

Essa imersão em um mundo de aquisições ilusórias vem ganhando corpo entre adultos, jovens e crianças que veem no ato de consumir a mais suprema realização do ser.

A publicidade ataca, ainda em tenra idade, o futuro cidadão. Canais de TV voltados para o público infantil entremeiam sua programação de desenhos animados com anúncios intermináveis de brinquedos e jogos que a criança passa a “precisar” ter. Ela vai sendo formatada para o consumismo, para ser uma colaboracionista do esquema, um ser adaptado ao sistema.

Adolescente, na escola, ela sente-se infeliz se não possuir os *I-pods*, celulares, *tablets* e *games* de última geração que os colegas já conquistaram.

Essa é a forma, a parte sensível da “civilização”. Uma realidade que não para por aí. Estende-se à idade adulta em que homens e mulheres vivem em uma competição acirrada por exibir o melhor e mais caro automóvel, a casa mais vistosa, jóias, roupas de marcas famosas, ao lado de um vazio relacional, uma frustração que não sabem de onde vem e, por fim, a superlotação das salas de psiquiatras e o alto faturamento das farmácias na venda de antidepressivos, relaxantes, drogas emagrecedoras e revitalizantes, estas últimas destinadas a manter em alto grau a produtividade do homem que vive em estado de competição.

São as características do homem semiformado, naufragado no mar de incertezas que o sistema lhe oferece. Um homem que já perdeu o senso de alteridade e de solidariedade

Não é fácil, diante de tantos desencontros e descaminhos, traçar uma diretriz que possa corrigir as falhas educacionais, tornar o homem mais humano e menos bárbaro, tirá-lo da alienação em que mergulhou, fornecer-lhe ferramentas que lhe permitam separar o joio do trigo e encontrar o verdadeiro sentido da vida.

Não é possível uma reestruturação da educação em uma sociedade que a nega em termos de qualidade para a grande maioria de sua população. O discurso da “educação para todos” é omissivo no que diz respeito a que tipo de educação será oferecido a cada camada social. Não podemos negar que o acesso à educação foi democratizado e, numericamente, há dentro de salas de aula um contingente bastante significativo de estudantes. Para a camada que compõe a base da sociedade, no entanto,

é oferecida uma educação que nem merece este nome. Aos professores da rede pública é dada a recomendação de que basta que ele mantenha o aluno dentro da sala. Nada mais.

Nesse aspecto, nos deparamos, em nossa prática cotidiana, com a monocultura da naturalização das diferenças, criadora da invisibilidade e da inexistência. Legítima a estratificação social criando o sentimento de inferioridade e de distanciamento e o não reconhecimento dos saberes. Os saberes da escala global são extremamente valorizados e impostos às crianças, jovens e adultos que passam a ver sua própria cultura como algo não digno de valor. Dessa forma, não só alunos, mas, também professores, pais e os demais adultos desgastam-se na corrida por inserir-se nos modelos preconizados pelo mercado. Sentem-se infelizes e inexistentes se não se igualarem aos demais. Mais um paradoxo, uma fragmentação do ser que se debate entre sua individualidade e as exigências do mundo exterior.

É nesse contexto que se explica a presença cada vez mais maciça dos telefones celulares em salas de aula e, quanto mais caro e repleto de recursos for o seu aparelho, mais o jovem sente-se valorizado – seu valor intrínseco vincula-se ao valor do bem conquistado. Além de representar essa ascensão na escala social, essa demonstração de poder, o celular permite o registro das situações conflituosas vividas na escola.

Não há como se pensar, a curto ou médio prazo, em formação. Há um elenco de fatores interrelacionados que precisam ser revistos, refeitos, (re)regulamentados.

A essência dos seres e das coisas foi relegada a planos submersos. Conforme Kosík:

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade. (1969, p. 11)

O mesmo autor chama a atenção para o fato de a essência não ser inerte e nem passiva, ou seja, sob as águas da alienação, da semiformação e das posturas excludentes não deixa de existir uma percepção de que “algo não vai bem”. Ainda que não saiba, o homem sente que não está vivendo uma unidade de essência e fenômeno, a sensação de que algo lhe está sendo negado.

Quem pode afirmar que as manifestações de desagravo, a revelação do desgaste da profissão docente, da rebeldia dos alunos e dos descaminhos da educação escancarados no *Youtube* não sejam a ponta do *iceberg* da consciência que desperta, da essência que se revolve sob a pseudoconcreticidade?

A exposição de uma educação danificada exposta em todas suas cores e matizes pode ser o grito de alerta vindo da essência dos seres. Um grito desesperado de socorro, uma declaração ansiosa por mudanças.

O homem absurdo diz sim e seu esforço não acaba mais. Se há um destino pessoal, não há nenhuma destinação superior ou, pelo menos, só existe uma, que ele julga fatal e desprezível. No mais, ele se tem como senhor de seus dias. Nesse instante sutil em que o homem se volta sobre sua vida, Sísifo, vindo de novo para seu rochedo, contempla essa sequência de atos sem nexos que se torna seu destino, criado por ele, unificado sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem toda humana de tudo o que é humano, cego que quer ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre caminhando. O rochedo continua a rolar. (CAMUS, s/d, p. 145)

Antes de tudo é preciso se considerar que há um elo indestrutível, estranho e indelével entre todos os seres vivos. Nada do que aconteça a alguém, quem quer que seja, perdido em qualquer recanto do universo, deixa de afetar o outro. É o chamado “efeito borboleta” que afirma que “o bater das asas de uma borboleta na África pode desencadear um terremoto na América”. Deixando de lado o aspecto hiperbólico da imagem, é preciso reconhecer que ninguém é uma ilha e que essa conexão, que pode simplesmente basear-se no fato de sermos todos humanos, estarmos aqui e termos o mesmo desejo de alcançar a realização de nossos potenciais e de realizar nossos sonhos, é um fato real, indiscutível e que inclui a todos, sem exceção.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão e tradução dos novos textos: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. *Introdução à Sociologia*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. *Conceito de Iluminismo*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Nova Cultural, 1999 a.

_____. *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição*. Trad. de Luiz João Baraúna. 1ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999 b.

_____. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. *Teoria da Semiformação*. In: PUCCI, B; ZUIN, A.A.S. LASTÓRIA, L.A.C.N. (Org.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ALLEN, W. *A Era do Rádio*. Produção de Robert Greenhut. Orion Pictures Corporation, 1987. Filme. 88 minutos.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2006.

BACON, F. *Novo Organum*. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BARBOSA, Isabela M. B. *O jovem entre o “bem” e o “mal” na TV*. In: BELLONI, M. L et al. *A Formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, (Obras Escolhidas v. 1).

BLUM, Renato O. A Internet e os tribunais. *Revista Jus Navegandi*. Out 1999. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/1766/a-internet-e-os-tribunais>. Acesso em 10 out 2012.

BOBBIO, N. *A Era dos Direitos*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. 2ª ed. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Guanabara, s.d.

CASTRO, J. Cesar Lemes. Sob o signo de Narciso: identidade na sociedade de consumo e no ciberespaço. *Verso e Reverso – Revista de Comunicação*. Disponível em: <http://www.unisinos.br/diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=16&s=9&a=130>. Acesso em 07 out 2012.

CORDEIRO, R. Q. & TEIXEIRA, Olga S. *Educação Jesuíta: Objetivo, Metodologia e Conteúdo nos Aldeamentos Indígenas, no Brasil Colônia*. 2008. Disponível em: http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_st1/olga_teixeira_st1.pdf. Acesso em 31 mar 2012.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EDWARDS, David C. *Manual de Psicologia Geral*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1995.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Trad. de Raquel Ramalhe. 11ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

_____ *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. 28ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à Prática Educativa*. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ *Pedagogia da Esperança – Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIDDENS, A. *A Terceira Via – reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social democracia*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GÓIS, Fernando L. Ávila & MIRANDA, Paulo M. Duarte. *O Admirável Mundo Novo e a Sociedade Moderna*. Disponível em: <http://www.soartigos.com/3782/Admiravel-Mundo-> Novo: Resumo e análise crítica. Acesso em 08 ago 2011.

GOMES, Luiz Roberto. Teoria Crítica e Educação Política em Theodor Adorno. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 39, p. 286-296, set 2010 – ISSN: 1676-2584286. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/39/art17_39.pdf. Acesso em 19 ago 2012.

GUIZO, E. *Internet: o que é, o que oferece, como conectar-se*. São Paulo: Editora Ática, 1999. Disponível em: http://www.oficinadanet.com.br/artigo/904/o_comeco_da_internet_no_brasil. Acesso em 09 ago 2011.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

IANNI, O. *Reflexão em torno do objeto de estudo da Sociologia*. Fragmentos do artigo “A Sociologia e o mundo moderno”. *Tempo Social; Rev. Social. USP*, S. Paulo, VOLUME 1(1), 1989. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v011/sociologia.pdf>. Acesso em 26 jun 2011.

KEHL, Maria Rita. *Um só povo, uma só cabeça, uma só nação*. 2004. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=45>. Acesso em 01 ago 2012.

_____ *Muito além do espetáculo*. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=76>. Acesso em 03 nov 2012.

KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Torfóbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KRASTANOV, Stefan V. *Nietzsche: Pathos Artístico Versus Consciência Moral*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

LA BOÉTIE, E. *Discurso da Servidão Voluntária*. Disponível em: <http://www.consciencia.org/discurso-da-servidao-voluntaria-la-boetie>. Acesso em 19 ago 2012.

LEWIS, Sinclair. *Babbitt*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972.

MELO, José M. & TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia e Educação*. Coleção Temas e Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MÉSZÁROS, Istvan. *A Educação para Além do Capital*. Trad. de Isa Tavares. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____ *O Século XXI – Socialismo ou Barbárie?* Trad. de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____ *Marx: A Teoria da Alienação.* Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de Filosofia.* Tradução e prólogo de Guilherme de La Cruz Coronado. São Paulo: Mestre Jou, 1930.

OLIVEIRA, Mariana C. & CAMPOS, Luiz Antonio S. *A violência e agressividade na escola. Análise pelo ponto de vista do professor de Educação Física.* 2011.

Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd159/a-violencia-e-agressividade-na-escola.htm>. Acesso em 10 out 2012.

PLATÃO. *A República.* Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Adorno e a Crítica da Barbárie: um Olhar Psicanalítico.* In Escola de Frankfurt: Inquietudes da Razão e da Emoção. Organização de Jorge Coelho Soares. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ROUSSEAU, J.J. *Discurso - Sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.* Trad. de Lourdes Santos Machado. Coleção Os Pensadores. Vol. XXIV. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SANTOS, Boaventura S. *Renovar a Teoria Crítica – e reinventar a emancipação social.* Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

STAL, Isabelle & THOM, Françoise. *A Escola dos Bárbaros.* Prefácio de Alain Besaçon; Tradução de Laura Amélia A. Vivona; apresentação da edição brasileira de Roque Spencer Maciel de Barros. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

TRINDADE, Diamantino F. & TRINDADE, Laís S. Pinto. *Os caminhos da Educação Brasileira*. Disponível em: http://www.planetaeducacao.com.br/portal/gepi/os_caminhos_da_educacao.pdf. Acesso em 24 ago 2012.

TRUFFAUT, F. *Fahrenheit 451*. Filme baseado na obra de Ray Bradbury. Produção de Lewis M. Allen. Anglo Interprises Vineyard Film Ltd (Reino Unido). 1966. 112 minutos.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada – Filosofia da Sensação*. Tradução de Antonio A.S. Zuin et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

VERÍSSIMO, E. *O Tempo e o Vento - O Continente – Primeiro Tomo*. Porto Alegre: Globo, 1978.

WERNECK, H. *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*. 18ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

YOURCENAR, M. *Memórias de Adriano*. Tradução de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Globo, 2003.

ZUIN, A. A. S. *Violência e Tabu entre Professores e Alunos – a internet e a reconfiguração do elo pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *Indústria Cultural e educação - O Novo Canto da Sereia*. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____ et al. (Organização). *A Educação Danificada - Contribuições à Teoria Crítica da Educação*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. *Adorno, O Poder Educativo do Pensamento Crítico*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZUIN, V.G & ZUIN, A.A. S. Professores, Tecnologias digitais e a distração concentrada. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 224, out/dez. 2011. Editora UFPR. Disponível em: ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewArticle/21226. Acesso em 08 out 2012.